

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

**QUE É ISTO – A FILOSOFIA?: UMA INTRODUÇÃO À DESTRUIÇÃO, AO  
ESQUECIMENTO E À QUESTÃO-DO-SER EM HEIDEGGER**

**JAN CLEFFERSON COSTA DE FREITAS**

**NATAL/RN  
2016**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN  
Sistema de Bibliotecas - SISBI  
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências  
Humanas, Letras e Artes –CCHLA

Freitas, Jan Clefferson Costa de.  
Que é isto - a filosofia? : uma introdução à destruição, ao  
esquecimento e à questão-do-ser em Heidegger / Jan Clefferson Costa  
de Freitas. - 2016.  
97 f.: il.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do  
Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós  
Graduação em Filosofia, 2016.  
Orientador: Prof. Dr. Oscar Federico Bauchwitz.

1. Filosofia. 2. Ontologia. 3. Heidegger, Martin, 1889-1976. 4.  
Existencialismo. I. Bauchwitz, Oscar Federico. II. Título.

RN/UF/BS-CCHLA

CDU 111.1

**JAN CLEFFERSON COSTA DE FREITAS**

**QUE É ISTO – A FILOSOFIA?: UMA INTRODUÇÃO À DESTRUIÇÃO, AO  
ESQUECIMENTO E À QUESTÃO-DO-SER EM HEIDEGGER**

Dissertação apresentada à banca do programa de pós-graduação da UFRN, como requisito necessário à obtenção do título de mestre em filosofia.

Professor orientador: Oscar Federico Bauchwitz.

Área de concentração: Crítica da Metafísica.

**NATAL/RN**

**2016**

**Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN**

Mestrado Acadêmico em Filosofia

**Que é isto – a Filosofia?: Uma Introdução à Destruição, ao Esquecimento e à  
Questão-do-ser em Heidegger**

**Jan Clefferson Costa de Freitas**

Defesa em: / /

Conceito Obtido\_\_\_\_\_

Nota Obtida

**Banca Examinadora**

Prof. Dr. Oscar Federico Bauchwitz

---

Prof. Dr. Dax Fonseca Moraes Paes Nascimento

---

Prof. Dr. Luiz Roberto Alves dos Santos

---

**NATAL/RN  
2016**

## AGRADECIMENTOS

A todos e todas que contribuíram direta ou indiretamente com a consolidação deste trabalho. Muito grato aos professores e amigos que somaram com as suas preciosas considerações a respeito da minha tarefa. Agradeço até mesmo àqueles que tentaram dificultar esse processo de criação, pois, sem o esforço de cada um deles, teria sido menos desafiador concluir tudo. Sou grato em especial à memória de meu pai, do qual herdei um tesouro de boas lembranças, bem como à existência de minha mãe que, não apenas me deu a vida, mas também a liberdade de poder me dedicar ao pensamento. Gratidão profunda ao meu orientador, Prof. Dr. Oscar Federico Bauchwitz, pela presença sempre marcante nos momentos mais cruciais dessa jornada filosófica; à Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sandra Erickson, por ter me dito como nomear os deuses; ao Prof. Dr. Daniel Durante Pereira Alves, pelo apoio essencial concedido a mim no final do percurso em questão; ao meu padrinho Alex Polari de Alverga, por ter me dado uma estrela como guia; à minha madrinha Soninha Valença, por ter me feito perdurar até o fim nesta labuta; à Thiare, Natasha e Ellen, pelos esclarecimentos imprescindíveis; à Emilena e Dr. Everton, pelas conversas inteligentes que me ajudaram a não desistir de lutar; ao Renato Maia e família, pelo incentivo acolhedor que me motivou a seguir em frente; à Clara Lúcia, pelo altruísmo desinteressado; à Nicole Moreno, pela atenção especial às minhas crises; à Jeniffer Costa, por me fazer acreditar no impossível; à Anna Camila, pelos instantes de inspiração que me ofereceu; à Joyce Kelly, pelas conversas que não tenho com ninguém; à Marina Almeida, pelas perguntas que abriram portas; ao Gabriel Kafure, pelas sugestões que melhoraram a minha tarefa; ao Pedro Coelho, pela experiência de todas as experiências; aos presentes na defesa desse estudo: Mariano Lúcio, Bárbara Mattiuci, Levi Souto, Handersson Barros, Cornélio Bezerra, Walério Pimper, Cyro César, Otávio Rocha, Marilene Aduque, Rebecca Pelágio, Zeus Caldas e Laura Martini; enfim, ao suporte da CAPES, sem o qual esta dissertação não seria possível; às demais pessoas queridas, amizadas eternas e amores infinitos: as melhores vibrações do universo e para sempre só me resta agradecer.

A consciência da finitude angustia o ser:  
Entediado sem ver o tempo poder passar;  
Pensar o nada para da morte se esquecer,  
E no vazio do esquecimento se acobertar.

Jan Clefferson

## **RESUMO**

A presente dissertação procura ser uma introdução à compreensão de quatro dos conceitos fundamentais do pensamento heideggeriano, a saber, a essência da filosofia, a destruição da tradição, o esquecimento e a retomada da questão-do-ser. Tais conceitos serão o horizonte temático da discussão aqui feita e, para cumprir esse papel, a conferência proferida por Martin Heidegger intitulada “Que é isto – a filosofia?”, bem como a introdução de “Ser e Tempo”, serão os textos de base para esse empreendimento. Nessa perspectiva, será explicitado como os conceitos aqui inqueridos apresentam a existência de uma unidade básica entre eles, de maneira que sem um, a compreensão do outro é impossível. Em poucas palavras, a partir da explicitação e discussão dos conceitos supracitados, com base nos dois trabalhos referidos, será possível compreender a necessidade, a estrutura e a procedência da filosofia heideggeriana, bem como ficará clara a compreensão do pensamento do autor aqui tratado.

Palavras-chave: Filosofia; Destruição; Esquecimento; Questão-do-ser.

## **ABSTRACT**

The following dissertation suggests being an introduction to the heideggerian's thought. Making justice to the presented conference titled "What's that – The Philosophy?", as well the introduction to "Being and Time" will represent the textual base to this task. Beginning with this prelection the author introduces the fundamental concepts of his thought. The discussed topics in this tessitura are the following: the essence of philosophy, the destruction project, the forgetfulness of the being and the taking back of the question through this last named. In that perspective, it will be explicit how the inquired concepts here are suggesting an basic unity of an existence between themselves, evidencing the co-dependence of both and the obvious impossibility of separation of any of both in mutual providence of understandings. Getting it straight, since the explicitation and discussion of the above mentioned, embased in both of the refered works, will possible a proper comprehension of the necessity, the structure and the origin of heideggerian philosophy, also there will be offered new lights and mind clarity to crystal clean thinking clearness of the mentioned author here at stake.

Keywords: Philosophy; Destruction; Forgetfulness; Question of Being.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2 – DEFININDO A ESSÊNCIA DA FILOSOFIA: UM CAMINHO DE ACESSO AO SER-DO-ENTE</b> .....	17
2.1 O <i>LOGOS</i> ORIGINÁRIO: A LINGUAGEM PRIMORDIAL DA FILOSOFIA.....	25
<b>3 – DIFERENCIANDO SER E ENTE: A DESTRUIÇÃO QUE REINICIA O FILOSOFAR</b> .....	35
3.1 A DIFERENÇA ENTRE PENSAR E POETAR: AS DUAS VIAS EM DIREÇÃO AO LUGAR DO SER. ....	48
<b>4 – O ESQUECIMENTO DO SER: A OMISSÃO DA PROBLEMÁTICA CENTRAL</b> .....	55
4.1 A NECESSIDADE DE RETOMAR A QUESTÃO-DO-SER: O MOVIMENTO ESSENCIAL DO FILOSOFAR. ....	61
<b>5 – DESVELANDO O SENTIDO DA FILOSOFIA: A REINSERÇÃO DA QUESTÃO-DIRETRIZ</b> .....	73
5.1 QUESTIONAR A FILOSOFIA: UMA PERGUNTA PELO SENTIDO E VERDADE DO SER.....	81
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	88
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	94

## 1. INTRODUÇÃO

O objetivo central da presente dissertação é introduzir o leitor a três dos conceitos fundamentais do pensamento de Martin Heidegger através da conferência proferida por ele no ano de 1955, intitulada *Que é Isto – a Filosofia?* (perpassando a introdução de *Ser e Tempo*, de onde são extraídos os conceitos prelecionados pelo autor). Nessa preleção estão sendo postos em relevo pelo filósofo alguns dos temas essenciais do seu pensamento, como, por exemplo, o projeto da destruição, o esquecimento da questão-do-ser e a retomada desta questão (os três conceitos que aqui serão discutidos): tais conceitos giram em torno da temática nuclear da referida conferência, isto é, a essência da filosofia, que também terá um lugar de destaque enquanto objeto a ser discutido nesta investigação.

Colocando uma lente de aumento sobre os temas abordados na preleção que Martin Heidegger ministra, os conteúdos desta se expandem e se pode discuti-los ao estabelecer-se uma conversação com a introdução de *Ser e Tempo*, a partir de onde será possível apresentar como o texto principal aqui discutido abre caminho para um debate muito mais amplo, permitindo ao leitor dialogar com os conceitos do pensamento do autor centralizado neste trabalho. O debate feito por Heidegger em sua conferência é uma porta de entrada para a compreensão das problemáticas que dirigem o seu pensamento, pois nela, o pensador não só trará à tona as temáticas mais importantes da gênese de sua filosofia, mas também caminhará por sobre estas para pensar outros conceitos que vieram e que viriam a figurar, em um passado e em um futuro não muito longínquos à sua preleção, os momentos definitivos da sua própria reflexão, como é o caso do acontecimento-apropriador, da questão da técnica e do problema da linguagem, desenvolvidos tanto depois de *Ser e Tempo* quanto também após a sua conferência, sendo nesta retirados do seu pretérito e projetados no presente e para o porvir pelo pensador.

Os conceitos que aqui serão analisados possuem entre si uma conexão essencial (para encontrar a definição da essência da filosofia, é preciso realizar a tarefa da destruição, pois esta realização possibilita o desvelamento do esquecimento do ser e, a partir desta exposição, é possível passar a pensar sobre a questão-do-ser em Heidegger). A existência dessa unidade pode ser estruturada em relação à conferência

aqui discutida ao se ter a introdução de *Ser e Tempo* como fundamentação, pois nela, Heidegger discute os conceitos que serão examinados neste trabalho dissertativo.

Para dar início à tarefa dissertativa que aqui se faz proposta, a determinação da definição da essência da filosofia será o primeiro e principal passo rumo à realização desta investida filosófica (Capítulo 2). Em seguida, será pensada a tarefa da destruição da história da ontologia, bem como a sua efetuação e as implicações trazidas por esta ao pensamento de Martin Heidegger – empreitada sem a qual não seria possível alcançar a definição heideggeriana de filosofia (Capítulo 3). Na sequência, o esquecimento do ser será contemplado pela presente dissertação, sendo aqui esclarecido em suas nuances essenciais, apresentadas pelo projeto da destruição que ao ser realizado, possibilita a recolocação da diferença ontológica na filosofia que, por sua vez, retira o ser do esquecimento e o põe outra vez em questão (Capítulo 4). Logo depois, a partir do estabelecimento da distinção entre ser e ente – espaço no qual emerge a questão diretriz da filosofia – omitida pelos pensadores da tradição e recuperada pelo filósofo em perspectiva, a questão-do-ser surgirá como um elemento de fundamental importância para a elaboração desta tessitura, sendo tratada como um problema essencial à compreensão da filosofia heideggeriana (Capítulo 5). Além disso, nas considerações finais, será demonstrado como a multiplicidade destes conceitos aqui pensados, a partir de uma interconexão estabelecida entre eles, possui em si uma unidade básica que possibilita compreender, com maior amplitude, uma parcela do pensamento heideggeriano e a essência da filosofia.

Em primeiro lugar, buscar-se-á explicitar, o quê para Heidegger caracteriza o essencial do filosofar. O pensador afirma que para chegar à obtenção da resposta que busca, encontrando a definição almejada com esta, é necessário dialogar com aquilo que, pelos filósofos, foi deixado acerca da essência do pensar. Sem que haja esse diálogo, conforme o filósofo pensa, não é possível alcançar uma resposta para a questão levantada por ele, resposta esta que só pode vir a ser filosofante se for dada de dentro da filosofia, sendo extraída, por essa razão, do pensamento originário.

A resposta filosofante que brota do cerne da filosofia é aquela que Heidegger procura oferecer ao proferir sua conferência para a pergunta que nela levanta. Para atingir essa meta de maneira filosófica, ver-se-á, como necessidade fundamental, o estabelecer de uma correspondência ao apelo do ser-do-ente, para o qual a filosofia se

põe a caminho. Essa correspondência, conforme Heidegger descreve, manifesta esse apelo na linguagem e, por essa razão, o entendimento da linguagem enquanto *logos*, isto é, em sua essência originária, será visto pelo filósofo como sendo essencial para o encontro da resposta que almeja oferecer à pergunta por ele feita, pois, mesmo a questão da qual trata, encontra a origem da sua estrutura na filosofia dos pensadores primordiais. Com o ponto de vista apresentado por Martin Heidegger em *Que é isto – a Filosofia?* observar-se-á que a influência dos helenos sobre o pensar filosofante vigora desde eles até agora e que desse modo é necessário encontrar neles a mais cabível definição da essência da filosofia.

Em segundo lugar, após a discussão levantada sobre a essência do pensar como sendo a questão-diretriz reposicionada no horizonte pertencente ao ser-do-ente, far-se-á possível avançar para o terceiro capítulo desta tessitura, no qual o projeto da destruição será visado no horizonte da preleção feita pelo filósofo, onde se verá que para chegar à definição essencial da filosofia, deve-se mergulhar na tradição do pensamento Ocidental, para assim esclarecer a tentativa heideggeriana de lançar uma resposta originária à questão-diretriz do pensar. Não obstante, nesse ponto da dissertação, uma breve análise sobre o projeto da destruição iniciado em *Ser e Tempo*, será fundamental para que seja possível compreender como a tarefa referida, ao desvelar o esquecimento do ser quando executada, faz emergir a diferença ontológica e retoma logo em seguida a questão-do-ser: estes problemas não apenas estão inclusos no tratado referido, mas também são trazidos à preleção feita por Heidegger – o que gera entre os dois textos uma interpenetração essencial que por existir, possibilita a percepção de uma unidade fundamental no pensamento heideggeriano.

Conforme faz saber Ernildo Stein (2000, p. 145), a destruição da tradição de forma alguma tinha por objetivo a eliminação da história da ontologia das disciplinas filosóficas, podendo ser compreendida como uma desconstrução dos conteúdos das ontologias hegemônicas vigentes na filosofia até aquele momento, responsáveis pela omissão da diferença ontológica, cujo esquecimento levou o ser ao encobrimento pela indistinção entre o ente e a entidade: Heidegger tenta evidenciar a entificação do ser na história da ontologia, demonstrando, como o sentido e a verdade do ser foram velados pela metafísica. Como se pode notar, a história da ontologia não estaria com esse projeto sendo negada, mas sim desobstruída para ser filosofada sob uma nova

perspectiva de compreensão, na qual o sentido do ser retornaria à metafísica e o seu encobrimento pelo ente seria por fim superado. Em *Que é isto – a Filosofia?*, Heidegger está desobstruindo a compreensão da essência da filosofia para poder fazer emergir uma definição que satisfaça à pergunta central que intitula a sua preleção. A obtenção da resposta buscada por Heidegger é alcançada apenas em proximidade com tudo aquilo que, em termos filosóficos, precedeu a questão levantada por ele: para que seja possível refletir com autenticidade a respeito da definição de filosofia e responder com suficiência à pergunta que norteia a sua conferência.

A reflexão feita por Heidegger sobre a tarefa da destruição em *Ser e Tempo*, na conferência aqui examinada, vem a ser realizada sobre o conceito de filosofia: com base no mesmo esquema apresentado no livro supracitado para realizar a destruição da história da ontologia, o pensador analisa e insere o conceito de filosofia, procurando a definição deste entre os pensadores originários, dialogando com o pensamento destes para isso; “logo, a destruição que Heidegger se propõe a realizar, como desconstrução da metafísica enquanto lugar de encobrimento do ser, não possui uma base explícita em *Ser e Tempo*”. (STEIN, 2000, p. 145). Ademais, é importante ressaltar que, no tratado mencionado, a realização da tarefa em perspectiva possibilita o desencobrimento do esquecimento da questão-do-ser, ocasionando a retomada dessa questão pelo pensamento heideggeriano: da mesma forma, com o levantamento da diferenciação entre poesia e pensamento, o filósofo procurará definir o essencial do filosofar, se dirigindo, pela via da filosofia, ao ser-do-ente para obter essa definição.

Em terceiro lugar, esclarecendo no que consiste a destruição para Martin Heidegger, quais são as implicações desta no desenvolvimento de sua filosofia e como a mesma denuncia o esquecimento do ser para que se possa retomar a questão-diretriz, adentrar-se-á no quarto capítulo deste trabalho, no qual será colocado em questão o esquecimento do ser pela tradição e também a retomada da pergunta pela sua verdade e sentido. Nesse capítulo da dissertação, far-se-á compreender o esquecimento como um processo que se deu ao longo da história da filosofia, através do qual os pensadores fizeram com que o ser fosse confundido com mais um ente em meio aos demais, resultando disso um encobrimento que velou o ser de Platão a Nietzsche. O ocultamento ao qual o ser foi submetido pela tradição reduziu este a um-

poder-ser-entendido-por-si-mesmo, indefinível e absoluto, sobre o qual nada era preciso dizer. A redução sofrida pelo ser o fundiu ao ente, e o fez ser pensando em unidade junto ao último, favorecendo a identidade ôntica em detrimento da diferença ontológica. Na perspectiva de Heidegger, a metafísica estabelece a marca do esquecimento do ser ao interpretá-lo como algo indeterminado e universal, capaz de por si mesmo evidenciar-se – o que acaba por impossibilitar a compreensão da verdade do ser, sendo esta negligenciada pela tradição, mas discutida pelo filósofo.

A tentativa de nomear o ser, para Heidegger, resulta em um reducionismo por parte dos pensadores, pois este, quando recebe um nome, distancia-se da sua essência originária, tornando-se um ente qualquer: assim a tradição escondeu o ser no esquecimento ao nomeá-lo, impossibilitando uma real compreensão da essência do pensar. A tarefa do filósofo, neste contexto, consiste em distinguir o ser do ente para que com isso seja possível realizar uma retomada da questão-do-ser, resgatando este do esquecimento no qual até então jazia envolto na história da filosofia e problematizando o seu sentido tanto quanto a sua verdade.

Será visto, também, nesta etapa da dissertação, como Heidegger estrutura a pergunta pelo que é filosofia tendo a questão-do-ser como pano de fundo, demonstrando com a interrogação que coloca em sua preleção a necessidade da retomada dessa questão pelos filósofos, partindo dos pontos de vista primordiais a respeito desta que pelos pensadores foram formulados e delimitando as novas possibilidades de compreensão e resposta à interrogação fundamental da reflexão filosófica. Na conferência que aqui estará sendo discutida, perguntar pela filosofia significa a ela encaminhar-se para assim estabelecer uma comunicação com o ser-do-ente: desta forma, a filosofia torna-se um tipo de ente, cuja essência é buscada por Heidegger.

Compreender-se-á, no capítulo em questão, a filosofia como sendo o modo de acesso ao ser-do-ente, uma vez que o filósofo, na preleção da qual trata esta dissertação, afirma que, escutando a voz do ser proferida através do ente, pode-se alcançar o entendimento do que há de essencial no pensamento filosófico: a busca por designar a essência da filosofia vem a ser, para Martin Heidegger, uma tentativa de definição da problemática do ser. E ainda, além do referido, será visto como Heidegger denuncia o esquecimento da questão-do-ser pela tradição e também como, através da

diferenciação entre ser e ente, o filósofo enquadrará outra vez o ser como sendo o essencial da problemática filosófica, retomando a questão-diretriz ao ter por solo um novo prisma, no qual este questionamento aponta o caminho em direção à essência da filosofia. Desta feita, apresentar-se-á a conferência heideggeriana em relação com a introdução de *Ser e Tempo*, para que se possa concluir que não somente o esquecimento do ser está sendo discutido na referida preleção realizada pelo filósofo, mas também para mostrar que a conferência supracitada estabelece conexões filosofantes com aquilo que foi dito em sua obra precedente sobre ambas as questões nesse capítulo tratadas, bem como para mostrar que pelo filósofo, a questão-do-ser estará sendo retomada com a sua preleção.

Em quarto lugar, quando o esquecimento do ser em Heidegger estiver bem compreendido, adentrar-se-á com o quinto capítulo desta tessitura na discussão a respeito da questão-diretriz do pensar, pois esta só pode ser recolocada no instante em que a sua omissão é questionada, desvelada e superada pela filosofia heideggeriana: a destruição possibilita não somente o desvelamento desta negligência, mas também torna possível que se retire essa questão do esquecimento, retomando-a mais uma vez – o que torna *Ser e Tempo* uma das fontes primordiais da discussão aqui elencada, visto que também na conferência aqui discutida, este projeto é realizado sobre o conceito de filosofia por Martin Heidegger.

Uma vez superado pela diferença ontológica, o esquecimento do ser enseja a recolocação da questão-do-ser na filosofia; quando Heidegger realiza esta recolocação, dirige-se ele mesmo ao ser-do-ente na intenção de alcançar o ponto de apoio sobre o qual sustentará esta problemática. Neste ponto da dissertação, perceber-se-á, a partir da conferência aqui perquirida, mais uma das relações essenciais estabelecidas entre esta e *Ser e Tempo*, para que assim seja possível compreender a pergunta diretora do debate levantado por Martin Heidegger em *Que é isto – a Filosofia?* e aquilo que nela retoma, sendo este o objetivo essencial que deu origem à sua obra até então mais conhecida, na qual será pensada a questão-do-ser de nova e originária maneira na filosofia.

Por último, nas conclusões da dissertação, será explicado como os conceitos analisados neste trabalho estabelecem entre si um comum-pertencer, constituindo assim uma unidade responsável por estruturar a definição da essência da filosofia no

pensamento heideggeriano. Ao fim desta tarefa dissertativa, os conceitos de destruição da história da ontologia, esquecimento e retomada da questão-do-ser, estarão esclarecidos o suficiente para que se possa compreender, a partir do co-pertencimento que há entre eles, a definição da essência da filosofia – o problema que possui mais relevância na presente tessitura. Além disso, concluir-se-á, ao fim da investigação aqui proposta, que tais conceitos estão interconectados no cerne do pensamento heideggeriano, de forma que se possa pensá-lo tanto pelas partes quanto pelo todo, ou então, até mesmo por ambos. Para que isso aconteça, o trabalho analítico-descritivo que se abre com a presente dissertação tem agora início.

## 2. DEFININDO A ESSÊNCIA DA FILOSOFIA: UM CAMINHO DE ACESSO AO SER-DO-ENTE

O objetivo do capítulo que aqui se inicia é explicitar no que consiste a filosofia de acordo com o horizonte apresentado por Martin Heidegger em sua conferência de 1955, intitulada *Que é Isto – a Filosofia?*, na qual o filósofo abre um caminho que levará o pensamento filosófico à discussão originária de sua essência, ao estabelecer com os pensadores primordiais uma conversação que intenta encontrar a definição do essencial do filosofar. Com esse movimento de retorno ao início da tradição do pensamento Ocidental, Heidegger acenará para a vereda que se apresenta com a sua reflexão, apontando para os elementos encontrados ao longo desta e fazendo com que a importância da questão-do-ser seja resgatada do esquecimento ontológico, no intuito de obter, a partir desse resgate, a definição que procura estabelecer quanto ao que há de primordial no cogitar filosofante.

Abordar o problema que norteia a conferência heideggeriana de um modo semelhante ao dos primeiros pensadores a interpretar o ser como sendo distinto do ente, representa uma forma de poder elaborar uma resposta originária para a pergunta colocada pelo pensador. Oferecer uma resposta nesse patamar à questão aqui discutida consiste em fazer isso partindo de dentro da filosofia e, para que isso se realize, é de fundamental importância dialogar com aquilo que foi pensado inicialmente pelos filósofos, pois a definição da atividade filosófica consiste em uma tarefa cuja responsabilidade pertence aos pensadores. A primazia exercida pelos antigos no que concerne à essência da filosofia abre um caminho através do qual se pode colocar em discussão uma possível definição para o trabalho filosófico; um caminho é aberto pela palavra filosofia na história do Ocidente:

A palavra filosofia fala agora através do grego. A palavra grega é, enquanto palavra, um caminho. De um lado, esse caminho se estende diante de nós, pois a palavra já foi proferida há muito tempo. De outro lado, ele já se estende atrás de nós, pois ouvimos e pronunciamos esta palavra desde os primórdios da civilização (HEIDEGGER, 1973, p. 212).

Na antiguidade a questão-do-ser foi colocada pelos filósofos originários no horizonte da diferença ontológica entre ser e ente: por essa razão, os pensadores da alvorada, terão os seus conceitos analisados e discutidos por Martin Heidegger. Após um exame

detalhado das definições de filosofia é que se pode enveredar pelo caminho apontado por Heidegger – aquele no qual a questão-diretriz do pensamento pretende ser respondida com suficiência.

Na visão projetada por Heidegger, o pensamento metafísico alcança o seu estágio final quando retorna para o seu começo. Retornando ao princípio, o pensamento Ocidental novamente se abre à questão-do-ser. Ao esgotar a metafísica em seus limites máximos, a filosofia heideggeriana estabelece o redespertar originário do conhecimento antigo e confere ao ser a centralidade que lhe pertence no pensamento contemporâneo. Zimmerman (1990) evidencia que a metafísica acabada elabora as primeiras formas de pensar o ser-do-ente e as projeta de maneira originária no debate filosófico. Nas palavras do estudioso: “A história da metafísica tomou a forma de uma espiral cujo estágio final consistia na elaboração das percepções alternativas que no começo, foram dadas pelos gregos” (ZIMMERMAN, 1990, p. 197). Ao encontrar o final da história do ser, o Ocidente se volta sobre o seu princípio metafísico primordial e o retoma como a base de um novo alvorecer para o pensamento, onde a essência da filosofia se desvela de maneira originária na reposição da questão-do-ser.

Heidegger apresenta uma senda através da qual seja possível abordar de maneira segura o que se pode compreender por filosofia, questionando a possibilidade da existência desse caminho para o qual ele está apontando, vereda esta que poderia estar conduzindo o seu pensamento a uma resposta para a questão por ele feita, pois a colocação dessa pergunta é uma perspectiva que aparenta estar sendo posta a partir de um ângulo situado do lado de fora da filosofia, sendo a meta do filósofo responder à questão supracitada de maneira filosofante, isto é, partindo do cerne do pensamento filosófico:

Quando perguntamos: Que é isto – a filosofia?, falamos sobre a filosofia. Perguntando desta maneira, permanecemos num ponto acima da filosofia e isto quer dizer fora dela. Porém a meta da nossa questão é penetrar na filosofia, demorarmo-nos nela, submeter nosso comportamento às suas leis, quer dizer, filosofar (HEIDEGGER, 1973, p. 211).

Ao fazer essa menção, Heidegger prossegue defendendo que a filosofia é um elemento pertencente ao *logos*, mas que também possui em si mesma uma espécie de disposição que não se limita somente aos elementos racionais do dizer. A disposição essencial do pensamento filosófico é a admiração. Conforme Heidegger, pensar a filosofia de um modo originário requer profundidade no exame dos filósofos antigos. Estar diante do maravilhoso foi desde sempre a posição do filosofar. Ser filósofo é se lançar no desconhecido para alcançar o conhecimento.

Heidegger afirma que o cuidado que se deve ter em relação à colocação da pergunta que norteia a sua preleção “exige primeiro que procuremos situar a questão num caminho orientado, para não vagarmos através de representações arbitrárias e ocasionais a respeito da filosofia” (HEIDEGGER, 1973, p. 212). Em outras palavras, a multiplicidade de visões de mundo a respeito do que é filosofia poderia com perigosa facilidade conduzir o questionador à indeterminação de uma resposta originária que pudesse satisfazer a imprescindibilidade da questão investigada. Situando o seu pensamento entre o passado e o futuro da tradição, Heidegger traz ao desvelamento o essencial da filosofia por meio da reposição da questão-diretriz desta, a saber, aquela por meio da qual se acessa o ser-do-ente através do *logos*.

A questão perseguida por Heidegger em *Ser e Tempo*, bem como na preleção aqui discutida, muito embora a investigação desta dê-se de modos diferenciados em ambos os contextos, não é outra se não a do ser. A questão-do-ser é, segundo Didier Franck, em seu livro *Heidegger e o Problema do Espaço*, a problemática essencial da filosofia<sup>1</sup>. Desta feita, em *Que é isto – a Filosofia?*, Heidegger se apropria do que outrora já pensou para poder, através do questionamento que norteia a sua preleção, não apenas mostrar as vias pelas quais é possível caminhar para chegar a uma resposta originária à questão-do-ser, mas também para encontrar na investigação dessa questão o que há de mais originário e essencial no filosofar. Para atingir esse objetivo,

---

<sup>1</sup> A tradição do pensamento Ocidental gira em torno de uma questão, a saber, da questão-do-ser: essa questão é fundamental para que exista a filosofia. Sem que houvesse a questão do ser, não haveria sentido algum em se praticar o exercício do pensar. Didier Franck define a questão com clareza; assim diz o autor: “A questão-do-ser, a questão do sentido do ser, é a questão fundamental da filosofia. Mais vasta, mais profunda, mais originária do que todas as questões oriundas do próprio círculo da filosofia, ela é sobretudo a questão mais pura, a questão restituída à sua dignidade e à sua audácia, à sua despojada liberdade” (FRANCK, 1986, p. 17). Em outras palavras, sendo a mais abrangente das problemáticas filosóficas, a questão-do-ser é, no espectro do pensamento continental, o mais originário dos problemas existentes.

Heidegger resgatará essa questão do esquecimento ao desconstruir as visões ontológicas pretéritas que foram responsáveis pela omissão da problemática do ser na filosofia, passando com isso a examiná-la tendo a temporalidade como fio-condutor e assim, retomando esse problema essencial de uma forma originária na esfera filosófica atual: a questão-do-ser é a ponte por meio da qual se acessa a essência da filosofia.

Pensando o que é a filosofia de maneira primordial, isto é, retornando à origem desse conceito entre os primeiros pensadores, Heidegger discute a essência do pensamento filosófico no percurso da conferência aqui analisada, e apresenta a existência de uma senda que se pode contemplar para pensar uma resposta originária ao que seria a filosofia. Segundo o filósofo italiano Gianni Vattimo (1989), esse caminho consiste em pensar a filosofia em seu contexto de origem, através da tradição historial estabelecida pela mesma no Ocidente, isto é, o berço originário do esquecimento e da reposição da questão-do-ser<sup>2</sup>. A compreensão do pensamento filosófico em sua essência só pode se dar quando o ser for resgatado do esquecimento no qual foi posto pelos filósofos ocidentais, ou seja, no momento em que estes repuserem a questão que pergunta outra vez pelo ser no pensar: é próprio ao ser enconder-se, mas a retomada da questão-do-ser o fará outra vez vir à luz.

A via aberta por Martin Heidegger em *Ser e Tempo* permite fluir a corrente dos questionamentos críticos da metafísica Ocidental. Removendo os detritos despejados sobre o ser pela tradição, a filosofia posiciona a questão-do-ser em um horizonte originário. No espaço aberto pela diferença ontológica, a linguagem desvela o essencial da filosofia. Ao sair à busca de responder no que consiste a filosofia, Heidegger parte em direção da diferença entre pensar e poetar: explorando os dois caminhos de compreensão do ser, o pensador vê na linguagem o lugar onde o ser-do-ente manifesta a sua voz. Filosofar, conforme Heidegger ressalta, significa estar aberto ao que transmite o ser-do-ente, abordando o seu apelo de um modo originário, tal

---

<sup>2</sup> A história do ser está circunscrita no Ocidente, a terra na qual o problema central do pensar se enraizou, não apenas sendo o solo onde o ser resplandeceu, mas no qual resplandece e prosseguirá resplandecendo, também sendo o horizonte onde o ser se dispõe em declínio. O que Heidegger define como Ocidente, Gianni Vattimo evidencia: “O Ocidente não é a terra na qual o ser se põe, enquanto em outra parte resplandece (resplandecia, resplandecerá) alto no céu do meio-dia; o Ocidente é a terra do ser, a única, precisamente enquanto é também, inseparavelmente, a terra do ocaso do ser” (VATTIMO, 1989, p. 47). Para Heidegger, a questão-do-ser diz respeito ao e somente ao pensamento Ocidental.

qual assim faziam os filósofos da origem, colocando a questão-diretriz no horizonte da distinção entre ser e ente.

Examinar as definições históricas da filosofia é uma atividade que para Heidegger oferece uma vasta gama de conhecimentos filosóficos e que aguça cada vez mais a erudição de um pensador; entretanto, por essa via, jamais será possível alcançar uma resposta filosofante para a definição que aqui se procura. Para realizar esse intento de maneira filosofante, reflete-se:

Quando é que a resposta à questão: Que é isto – a filosofia? é uma resposta filosofante? Quando filosofamos nós? Manifestamente apenas então quando entramos em diálogo com os filósofos. Disto faz parte que discutamos com eles aquilo de que falam. Este debate em comum sobre aquilo que sempre de novo, enquanto o mesmo, é tarefa específica dos filósofos, é o falar, o *légein* no sentido do *dialégestai*, o falar como diálogo (HEIDEGGER, 1973, p. 217).

De tal forma denota-se que, a filosofia, do ponto de vista de Heidegger, é uma reflexão que só pode ser feita entre os pensadores filosóficos e, nesse sentido, é também um diálogo estabelecido com aquilo que tais filósofos pensaram: apenas através desse caminho é que se pode obter uma definição filosofante da essência do pensar originário. O dizer no sentido do dialogar é aquilo que deve ser expresso a partir dos conceitos originários apresentados pela tradição para que se possa conceder uma definição à filosofia: falar sobre tais conceitos como quem dialoga com eles; dialogar com estes conceitos e deles dizer algo originário; a tarefa dos filósofos consiste em interpelar aquilo que advém da filosofia, isto é, os seus conceitos e pensadores originários, para disso definirem a essência da sua própria atividade, que consiste na escuta ao e na correspondência com o apelo do ser-do-ente.

Deve-se sublinhar, com efeito, que, no presente, a experiência representada pela linguagem está bastante distanciada de como era vivenciada entre os helenos, pois a essência desta, entre estes, manifestava-se enquanto *logos*: no presente, apenas filosofando sobre a linguagem com suficiência é que se pode compreender a filosofia como a correspondência supramencionada em seu dizer privilegiado.

Mas o que significa *logos* e *legéin*? Apenas hoje começamos lentamente, através de múltiplas interpretações do *logos*, a descerrar o véu sobre a sua originária essência grega. Entretanto, nós não somos capazes nem de um dia regressar a esta essência da linguagem, nem de simplesmente assumi-la como herança. Pelo contrário, devemos entrar em diálogo com a essência grega da linguagem como *logos*. Por quê? Porque nós, sem uma suficiente reflexão sobre a linguagem, jamais sabemos verdadeiramente o que é a filosofia como a correspondência acima assinalada, o que ela é como uma privilegiada maneira de dizer (HEIDEGGER, 1973, p. 221).

Interpretar o *logos* de maneira múltipla, acompanhando os seus desdobramentos filosóficos enquanto essência da linguagem; analisar o *logos* enquanto forma privilegiada de expressão do pensamento filosófico, descortinando o originário deste como sendo proveniente do mundo grego; dialogar com a essência grega da linguagem como *logos*, compreendendo a filosofia enquanto correspondência ao apelo do ser-do-ente; somente assim, assinala Heidegger, é possível chegar à verdadeira compreensão da essência da filosofia, definida pelo filósofo como a correspondência que o apelo do ser-do-ente manifesta na linguagem.

O debate com as ideias dos filósofos é o caminho que possibilita a obtenção de uma resposta sobre o que é a filosofia: apenas com essa discussão é possível responder de dentro desta o que ela é, pois “uma coisa é verificar as opiniões de filósofos e descrevê-las. Outra coisa bem diferente é debater com eles aquilo que dizem, e isto quer dizer, do que falam” (HEIDEGGER, 1973, p. 217). Desse modo, não somente é necessário se deter sobre as definições iniciais de filosofia, mas é preciso se debruçar sobre as suas concepções posteriores, apresentadas pelos filósofos ao longo da história do ser. É competência dos pensadores definir a filosofia naquilo que há de essencial nela. Tal definição só poderá ser alcançada através do debate com aquilo de que falam os filósofos. Descrever e analisar as opiniões dos pensadores afasta a filosofia da definição que se busca dar sobre a sua essência: é preciso dialogar com a tradição para desvelar o essencial da filosofia.

Para chegar aos pensadores originários da tradição filosófica ocidental e questionar as suas perspectivas é preciso antes de tudo remover os impedimentos que obstruem o livre fluxo do pensamento por esta vereda: tal remoção desobstrutiva será chamada por Heidegger de *destruktion* no sexto parágrafo da introdução de *Ser e*

*Tempo*, sendo retomada em *Que é isto – a Filosofia?* para possibilitar a obtenção de uma definição originária da essência do pensar. A refletir com a tradição do pensamento Ocidental, Heidegger afirma, sobre o filosofar, aquilo que se segue:

Esta palavra grega liga nosso diálogo a uma tradição historial. Pelo fato de esta tradição permanecer única, ela é também unívoca. A tradição designada pela palavra historial *philosophía*, mostra-nos a direção de um caminho, no qual perguntamos: Que é isto – a filosofia? (HEIDEGGER, 1973, p. 213).

Levando em consideração a abordagem que está sendo feita por Heidegger para pensar o tema essencial da sua conferência como a questão central da filosofia, o diálogo com os pensadores da tradição filosófica Ocidental, tendo os filósofos da Grécia como um ponto de partida, torna-se um caminho que desvela como possibilidade a consecução de uma resposta originária para a pergunta analisada neste trabalho. Não obstante, é preciso saber que:

Não encontramos a resposta à questão, que é a filosofia, através de enunciados históricos sobre as definições da filosofia, mas através do diálogo com aquilo que se nos transmitiu como ser-do-ente (HEIDEGGER, 1973, p. 218).

Em termos historiais, a palavra *philosophía* é de origem grega e por isso é necessário aos filósofos estabelecerem uma conversação com a tradição da qual seja possível extrair uma resposta que satisfaça a questão investigada na presente tessitura: para dar uma resposta que satisfaça à questão feita por Heidegger é preciso procurar pelo ser-do-ente no pensamento dos filósofos originários e a partir de então compreender o que de fato é a essência da filosofia.

A filosofia estabelece um discurso sobre o ser-do-ente com base na docilidade da escuta filosófica em relação ao apelo proferido pelo ser que se fundamenta sobre a essência do pensamento filosófico em vários graus de profundidade: a capacidade de penetração do discurso estabelecido pela filosofia na essência dela mesma dependerá da qualidade da disposição dos ouvidos que se abrem à escuta do apelo do ser-do-ente; não obstante, vale a pena lembrar que:

A referência à essencial disposição da correspondência não é uma invenção apenas dos nossos dias. Já os pensadores gregos, Platão e Aristóteles, chamaram a atenção para o fato de que a filosofia e o filosofar fazem parte de uma dimensão do homem, que designamos disposição (HEIDEGGER, 1973, p. 219).

A dimensão do homem definida por Heidegger em sua preleção como disposição se configura tal qual um matiz afetivo que harmoniza o ser deste e o invoca através de um apelo: tal chamado consiste na interpelação do ser-do-ente que se dirige ao escutar dos pensadores filosóficos. Dessa forma, “se a questão-do-ser está à espera de uma resposta para a qual tende, o pensamento da língua dispõe-se inicialmente à escuta para depois, talvez, e como que em resposta, questionar” (FRANCK, 1986, p. 20). A filosofia enquanto tal, pensada em seu sentido originário, é detentora de uma tonalidade afetiva que configura uma disposição do pensamento: a disposição em questão é definida pelo sentimento contido na constituição da palavra *philosophía*, traduzida da língua grega como amor à sabedoria.

As palavras originárias, segundo Heidegger, configuram uma esfera privilegiada que possibilita melhor pensar a filosofia, pois estas palavras, e somente estas, são consideradas *logos*:

O que é dito na língua grega é, de modo privilegiado, aquilo que em dizendo se nomeia. Se escutarmos de maneira grega uma palavra grega, então seguimos seu *légein*, o que expõe sem intermediários. O que ela expõe é o que está aí diante de nós. Pela palavra grega verdadeiramente ouvida de maneira grega, estamos imediatamente em presença da coisa mesma, aí diante de nós, e não apenas diante de uma simples significação verbal (HEIDEGGER, 1973, p. 214).

Ser é a solução para o ente, pois com o ser, todo ente, é: o lugar do ser é no ente. Quando os gregos investigavam aquilo que é, estavam estes investigando o ser-do-ente. Com essa investigação, perscrutar a essência das coisas, é dirigir-se rumo à manifestação do ser que, no ente, encontra o seu lugar. Em poucas palavras, se o ser é no ente e a este recolhe, vê-se com isso que o ser é *logos*, pois o *logos* é recolhimento e, sendo o *logos* recolhimento, é a esfera que o ser-do-ente habita. Na perspectiva heideggeriana, quando o ser se recolhe no *logos*, o pensamento vem a ser filosofia e,

quando o *logos* recolhe o ser, a questão-diretriz da filosofia fica sem chão para decair no esquecimento.

## 2.1 O LOGOS ORIGINÁRIO: A LINGUAGEM PRIMORDIAL DA FILOSOFIA

Para pensar o *logos* como algo irreduzível à razão, Heidegger afirma que a razão pertence ao cerne da filosofia, mas que a poesia também opera a serviço do *logos*, pois a mesma estabelece com o ser uma relação de proximidade, uma aproximação àquilo que diz respeito ao desvelamento da sua verdade e do seu sentido primordiais. Por esse motivo o autor também vai discutir o que é a razão:

Qualquer um terá por certa a afirmação de que a filosofia é tarefa da *ratio*. E, contudo, esta afirmação é talvez uma resposta apressada e descontrolada à pergunta: Que é isto – a filosofia? Pois a esta resposta podemos contrapor novas questões. Que é isto – a *ratio*, a razão? (HEIDEGGER, 1973, p. 211-212).

Considerando a perspectiva posta nessa citação, o cuidado em relação à questão que procura definir a filosofia torna-se imprescindível à obtenção da resposta desejada: cuidado para que a discussão que visa encontrar a essência da filosofia não se perca em seu caminho. É importante persistir no questionamento da *ratio* para que esta não se perca do seu sentido originário e se transforme em um conceito que suprime a diferença, compreendendo o *logos* como meio de desvelamento da supressão e do ocultamento da questão-do-ser na filosofia.

O *logos* originário aponta para controle e domínio, para convívio e conhecimento daquilo que Heidegger chama de *Dasein*, um ser que tendo a abertura como a sua condição de existir, se atira em uma entrega desprendida a toda possibilidade de existência. A racionalidade do *Dasein* é interpretada por Denise Quintão (2010) como sendo o pilar de sustentação da metafísica, pois é no *logos* que se acha como possibilidade o desvelamento do mistério: “O *logos* humano [...] aponta para uma condição racional e individual de ser, isto é, traduz a possibilidade humana de conviver e conhecer, mas também, de dominar e controlar” (QUINTÃO, 2010, p. 72). O ser se faz mistério porque se vela e ao mesmo tempo se desvela no cerne do *logos*: a linguagem é a via de acesso ao mistério para o qual se abre a presença.

Conforme Heidegger mesmo interpreta, a experiência do *logos* pode ser vivenciada pelo *Dasein* em sua relação com os demais entes. Sendo o ente portador do *logos*, o *Dasein* se apropria da existência que precede a sua essência e, atentando para a sua ligação com o ser de si mesmo, este ente privilegiado pela linguagem vai ampliando os seus horizontes em contato com o mundo.

O *Dasein* constrói a realidade de acordo com o *logos* e se completa na relação com os entes dados. Disso resulta que a linguagem é o princípio de ordenamento da realidade. A realização do *Dasein* se dá no *logos* que o ordena e se realiza em sua própria compreensão existencial. Esse ordenamento é o caminho da filosofia, que busca no *logos* uma forma de acesso ao ser-do-ente. Sem a presença do *logos* na constituição do *Dasein*, o pensamento filosófico não pode superar os seus limites e recomeçar do zero (Heidegger rejeita a identidade para abraçar a diferença, concebendo o *logos* não como *ratio*, mas como linguagem que desvela a questão-do-ser, isto é, a problemática central da filosofia).

A rejeição em questão serve para fazer a tradição se voltar sobre si, aproximando-se do seu princípio e desvelando o ser-do-ente como resposta à questão-diretriz. Reforçando esse ponto de vista, Éliane Escoubas (2009), em seu artigo *Myhtos, logos, epos são a palavra*, afirma que Heidegger insiste em rejeitar a lógica da identidade porque a mesma representa para ele o esquecimento da diferença entre ser e ente na modernidade<sup>3</sup>. Por isso, Heidegger não aconselha o tratamento *a priori* da filosofia enquanto pertença exclusiva à razão: pois a *ratio* moderna transformou a forma poética de acesso ao ser-do-ente em uma via irracional, quando esta entre os antigos era um modo de falar do que nos entes se oculta, sendo pensada em distinção da filosofia pelo pensador, para que ambas sejam vistas como sendas que se bifurcam em direção ao lugar do ser.

A poesia e a filosofia cumprem a função de por o ser no seu lugar, no aberto das compreensões possíveis, apresentando a verdade do ser como desvelamento. A

---

<sup>3</sup> A crítica feita por Heidegger à modernidade se fundamenta sobre o fato de que esta esqueceu o ser: o filósofo rechaça a lógica dos modernos, caracterizada pela separação irreversível que se faz do *logos* das demais terminologias, fazendo que com que deste se sucedesse a palavra *ratio*, o que para o autor fomentou o esquecimento da questão-diretriz do pensar: “A insistência de Heidegger concerne ao seu rechaço a uma lógica da identidade, que é a lógica dos modernos, aquela, precisamente, na qual o *logos* está separado irreversivelmente dos outros termos gregos e é sucedida a *ratio*” (ESCOUBAS, 2009, p. 403). Com a sucessão da *ratio* após o *logos* ser separado das palavras originárias, o pensamento Ocidental encobre o ser no esquecimento.

diferença ontológica entre pensar e poetar, mencionada por Heidegger, apresenta o *logos* como o modo-de-ser-autêntico do *Dasein*. A presença instaura mundos e em tais mundos projeta essências: a entidade de cada ser é acessada através do *logos* que, em seu sentido originário, desvela a essência da filosofia, isto é, o exame criterioso do que foi interpretado como ser pela tradição, na intenção de apresentar a questão-do-ser como os primeiros pensadores, resgatando o poder criador do início. Dialogar com a tradição possibilita que se escute a voz do ser. O apelo do ser-do-ente se manifesta na linguagem para que possa trazer à luz a questão-diretriz da filosofia. Com essa manifestação, passa-se a repensar o ser como sendo distinto do ente, tal qual fizeram antes os filósofos originários.

O homem, no íntimo do ser que lhe é próprio, está em correspondência com o ser-do-ente ao escutar a inspiração que provém deste. A correspondência ao ser-do-ente é um atributo fundamental que constitui o ser-do-homem, sendo esta a morada permanente deste último, tanto em todos os lugares quanto sempre: não é preciso que o homem se esforce para manter essa correspondência com o ser-do-ente; em poucas palavras, a filosofia constitui, enquanto atributo essencial do homem, o corresponder que se encaminha ao ser-do-ente. Sobre isso ressalta Heidegger:

Não há dúvida de que a correspondência ao ser-do-ente permanece nossa morada constante. Mas só de tempos em tempos ela se torna um comportamento propriamente assumido por nós e aberto a um desenvolvimento. Só quando acontece isto correspondemos propriamente àquilo que concerne à filosofia que está a caminho do ser-do-ente. O corresponder ao ser-do-ente é a filosofia; mas ela o é somente então e apenas então quando esta correspondência se exerce propriamente e assim se desenvolve e alarga este desenvolvimento (HEIDEGGER, 1973, p. 218).

Faz parte da natureza do homem, enquanto animal linguístico, tanto a filosofia quanto a poesia, uma vez que estas estão a serviço do *logos*: a poesia e a filosofia fazem parte do ser-do-homem e, sendo as partes essenciais deste, estas podem facilitar a correspondência do homem com o apelo do ser-do-ente. Esse apelo dá-se de modos diversos e, por isso, muitas formas de atender à correspondência que caracteriza a filosofia são possíveis: a maneira de escutar o apelo em questão também define a

qualidade da correspondência estabelecida pelo homem com o ser-do-ente, bem como o silêncio em relação a dizer ou não dizer alguma coisa a respeito do que se ouviu através desse apelo, são fatores determinantes para definir a nitidez da correspondência entre o homem e o ser-do-ente.

A disposição de estar sujeito ao desvelamento diante do *logos* faz com que o ser-do-ente se relacione com a linguagem e assim continue existindo. A filosofia se disponibiliza como correspondência ao apelo da entidade, desvelando o sentido do que se velava, a saber, a essência que lhe corresponde. Poesia e filosofia são disposições do pensamento que se manifestam por meio do *logos*, pondo-se ao encontro do lugar originário onde está o ser para desvelá-lo através da linguagem. Em seu velamento histórico, a entidade se oculta no ente e lá permanece, até que possa rutilar na luz da verdade do ser ele mesmo. Os poetas herdaram o caráter presentificante do *logos*, pois enquanto artesãos da linguagem estão além dos pensadores ao encontrar um lugar para o ser, oferecendo à entidade um caminho de compreensão que se desdobra para além da metafísica. O lugar encontrado pelo poeta para o ser não é fechado, mas é aberto pela linguagem: é por meio da abertura oferecida à filosofia pela poesia que a tradição desvela o mistério que envolve e liberta a metafísica da clausura.

Dizer no que consiste o ser-do-ente representa, por excelência, a mais legítima atividade filosófica e esta definição, de acordo com Heidegger, só pode ser alcançada a partir da correspondência com a interpelação que o ser-do-ente estabelece com os filósofos. Uma vez que o ser-do-ente interpela os filósofos, o diálogo com estes deve corresponder à interpelação daquele, para que, com a correspondência a este interpelar, possam os pensadores estar dizendo o que é o ente ele mesmo, realizando dessa maneira a verdadeira filosofia:

Supondo, portanto, que os filósofos são interpelados pelo ser-do-ente para que digam o que o ente é, enquanto é, então também nosso diálogo com os filósofos deve ser interpelado pelo ser-do-ente. Nós mesmos devemos vir com o nosso pensamento ao encontro daquilo para onde a filosofia está a caminho (HEIDEGGER, 1973, p. 217).

Responder a questão aqui pensada não significa, conforme atesta Heidegger, apenas afirmar através de verificações o que representa o conceito de filosofia quando pensado pelos filósofos, mas também quer dizer abrir o pensamento a um modo inédito de acesso ao essencial do filosofar. “Essa nova via de acesso deverá, pois, possibilitar esclarecer não apenas o sentido do ser dos entes, mas também e necessariamente o sentido do ser em geral” (ZUBEN, 2011, p. 88): corresponder ao ser-do-ente é o caminho de acesso à essência da filosofia. A ontologia heideggeriana atribuiu ao *logos* um lugar de destaque na abordagem da questão-do-ser. A filosofia e a poesia estão a serviço da linguagem: por meio dessas vias de acesso ao ser-do-ente, torna-se possível alcançar uma compreensão que não entifica o ser. O *logos* pensado pelos gregos era a comunicação, articulada racionalmente com palavras originárias, era o pensamento enquanto sendo a condição de ser humano. Quintão (2010)<sup>4</sup> fortalece essa perspectiva ao dizer que sem pensamento não há linguagem, postulando que o *logos* provém do pensar ele mesmo para cumprir a função de formular os questionamentos metafísicos originários.

A origem da filosofia que está em questão na conferência de Heidegger dá espaço para que seja pensada também como grega a maneira de se fazer essa pergunta pela essência; diz o filósofo: “não apenas aquilo que está em questão, a filosofia, é grego em sua origem, mas também a maneira como perguntamos, mesmo a nossa maneira de questionar ainda é grega” (HEIDEGGER, 1973, p. 213). Aproximar-se do passado da tradição significa, para Heidegger, estar atento tal qual quem medita sobre a palavra filosofia ao escutá-la em seu dizer originário, se aprofundando com essa meditação “na história da origem grega da filosofia” (HEIDEGGER, 1973, p. 213). Com a palavra filosofia se desenrola o nascimento da história do pensamento ocidental e ao mesmo tempo se apresenta um horizonte que desvela o esquecimento do ser pela tradição, mas para tal desvelamento acontecer é necessário iniciar um debate que se desdobre sobre o pensamento e somente então, em seguida, será possível refletir sobre a questão-do-ser em Heidegger.

---

<sup>4</sup> O *logos* possibilita que haja sentido nas coisas, sendo a manifestação do pensamento na esfera da linguagem. Para Denise Quintão: “o *Logos* é, na linguagem corrente do grego da época de Aristóteles, a condição de se comunicar, de dar sentido às coisas. A origem do *logos*, no homem, é *nous*. *Nous* é o que distingue a condição humana. A articulação do *logos* é, portanto, secundária à concentração do *nous*” (QUINTÃO, 2010, p. 74). O pensamento precede a linguagem, pois a linguagem advém do pensamento.

Por ter o poder de se ocultar, o ser é também pensado como mistério. Martin Heidegger concebe a ontologia fundamental tendo por meta pensar a essência do ser a partir do *Dasein*. Por não ter um objetivo, a poesia atende ao ser, dando escuta ao seu apelo. O mistério se desvela em um sem-fundo originário para que possa o pensamento recomeçar, dando à essência da filosofia um tratamento apropriado e a fazendo vigorar de um novo modo entre os pensadores, sendo por eles considerada como posta para o aberto e compreendida no horizonte da diferença entre ser e ente. Zimmerman (1990, p. 193) diz que poesia para Heidegger “é a fala que mantém unida a relação agonística entre a natureza e a humanidade, de tal modo que um espaço é aberto dentro do qual os entes podem mostrar-se a si mesmos”. Pois bem, em *Que é isto – a Filosofia?* o pensar é também pautado como meio de acesso ao ser-do-ente.

A poesia é pensada por Heidegger como uma ponte se dispondo ao sentido do ser e o pensar é considerado pelo filósofo como um caminho que leva à verdade do ser. Filosofar e poetar são duas vias de acesso ao ser-do-ente que têm no *logos* a sua pedra de fundação. O *Dasein* se dispõe na linguagem e por meio dela dialoga com o ser que o constitui, deixando que os entes se desvelem para ele através da reposição da questão-do-ser na filosofia. Apontando para o caminho que possui ao seu final o pensamento originário sobre o ser, Heidegger preleciona a distinção entre ser e ente como sendo o sustentáculo central da metafísica.

A filosofia ao ser pensada de maneira originária, conforme agora se depreende, está em busca do que é o ente enquanto tal na totalidade, ou seja, “a filosofia está a caminho do ser-do-ente, quer dizer, a caminho do ente sob o ponto de vista do ser” (HEIDEGGER, 1973, p. 216). Estando a caminho do ser-do-ente, a filosofia está em busca da entidade: a entidade é o ser-do-ente ao qual se vai em direção com a filosofia. Desta feita, o pensar é questionado como um ente para que possa desvelar a sua essência. Dessa visão segundo a qual a filosofia é um ente que, quando interrogado, passa a fornecer o sentido do seu ser ao inquiridor, compartilha o comentarista crítico Didier Franck (1986)<sup>5</sup>. Ao dirigir-se em direção do ser-do-ente, a

---

<sup>5</sup> Na perspectiva do autor, questionar o ente desvela o ser, pois sempre que o *Dasein* se dirige aos entes, o seu movimento está em busca do ser destes: “O ser-do-ente é, portanto, o perguntado. Se o ser é o ser-do-ente, é ao próprio ente que a questão se dirige, é o ente que é o interrogado. O ente é inquirido a fim de fornecer o sentido do seu ser que, visado propriamente, é o questionado” (FRANCK, 1986, p. 18). Ao questionar o ente sobre o ser que lhe concerne, o sentido encoberto nos entes se mostra.

filosofia está cumprindo o seu papel originário, pois, na perspectiva grega, “a filosofia é uma espécie de competência capaz de perscrutar o ente, a saber, sob o ponto de vista do que ele é, enquanto ente” (HEIDEGGER, 1973, p. 216). Em outras palavras, a definição essencial de filosofia como uma marcha que se dirige desde ontem, hoje e sempre em direção a responder o que é o ente, se faz compreensível, porém não inalterável, enquanto possível determinação para a essência do pensar em *Que é isto – a Filosofia?*.

Conforme Heidegger, não existe uma definição universal para o pensamento, pois a essência deste se encontra em constante reinvenção através do tempo, de maneira que não há, para a tradição, um meio de apreendê-la em definitivo. Por assim ser, a essência da filosofia está sempre em constante mudança, nunca podendo estar fixada em definitivo e definida de maneira irrevogável. Assim, a tradição transmite apenas as transformações do que há de essencial na filosofia: afim de que os pensadores achem neste a verdade do ser; não obstante, pensar o ser como algo indistinto do ente é esquecer a existência da diferença ontológica e com isso negligenciar a questão-diretriz. Dessa forma, o início e o fim da filosofia, caso possam ser pensados de maneira originária, encontrarão o seu desfecho no mundo grego a partir dos conceitos filosóficos que nesse contexto foram pensados, ou seja, entre os filósofos originários não está só o pretérito que envolve a definição de filosofia, pois o futuro da essência desta também pode ser pensando a partir do pensamento que floresceu em seu passado originário.

O levantamento de questões históricas apresenta um caminho sobre o qual se faz possível meditar quanto ao “destino essencial da filosofia” (HEIDEGGER, 1973, p. 220). Definir, todavia, o espaço ocupado pela disposição que concerne ao escutar da voz do ser no presente momento é uma tarefa que não se pode realizar na totalidade da sua completa magnitude, pois as tonalidades da disposição do pensamento são diversas e por isso a correspondência ao apelo do ser-do-ente não ocupa somente um lugar exclusivo no cerne do todo onde está inserida.

O aparentemente novo começo do filosofar se desvenda como o enxerto de um preconceito fatal sobre cujo fundamento a época seguinte deixaria de elaborar uma analítica-ontológica sobre o tema do “ânimo” conduzida pelo fio-condutor da questão-do-ser

e, ao mesmo tempo, deixaria de fazer uma confrontação crítica com a ontologia legada pela Antiguidade (HEIDEGGER, 2014, p. 93).

Existe entre os filósofos o imperar de uma disposição fundamental que abre os seus ouvidos para poderem escutar o apelo do ser-do-ente, mas a nitidez dessa disposição se encontra velada, de maneira que “isto seria um sinal para o fato de que nosso pensamento atual ainda não encontrou seu claro caminho” (HEIDEGGER, 1973, p. 220). Essa obscuridade que ensombrece e dificulta o apresentar-se de um fio-condutor a dirigir o pensamento prevalente na atualidade pelo caminho da disposição que caracteriza a atividade filosófica é uma dificuldade motivadora de angústias e de esperanças entre os filósofos: de angústia porque o pensamento presente não se acha preparado para andar sem se perder pelo caminho, mas de esperança porque pode o pensamento no futuro se achar mais preparado do que hoje para andar pelo caminho referido sem perder-se por completo do seu foco originário.

Devido ao perigo que se corre na busca pela essência da filosofia, através dos seus inúmeros caminhos, abertos pela multiplicidade das opiniões dos pensadores da tradição, Heidegger parte em direção do pensamento originário, desconstruindo as perspectivas que aparecem durante a jornada rumo às primeiras concepções de filosofia no Ocidente. O filosofar questionado por Heidegger em *Que é isto – a Filosofia?* é aquele que foi concebido pelos pensadores no alvorecer do pensamento Ocidental. Não obstante o autor enfatiza a necessidade de mergulhar fundo na essência do pensar, apresentando a linguagem originária da filosofia como um caminho de acesso ao ser-do-ente. Diz o autor:

A palavra grega *philosophía* é um caminho sobre o qual estamos a caminho. Conhecemos, porém, este caminho apenas confusamente, ainda que possuamos muitos conhecimentos históricos sobre a filosofia grega e os possamos difundir (HEIDEGGER, 1973, p. 212).

Heidegger procura, na preleção que aqui se discute, apontar para um caminho que possibilite a obtenção da resposta por ele buscada, isto é, uma solução para decifrar o enigma do velamento da essência da filosofia. O caminho que conduz ao desvelamento

do mistério que oculta essa definição é aberto pela realização da tarefa da destruição da tradição.

O significado da resposta à questão aqui discutida está na escuta ao apelo do ser-do-ente através da correspondência com este pelos filósofos, de maneira que venha a ser tal corresponder uma ponte que interliga o pensamento filosófico ao próprio ser-do-ente: assim pode-se chegar à definição da essência da filosofia que Heidegger busca: “a resposta à questão: Que é isto – a filosofia? consiste no fato de corresponder àquilo para onde a filosofia está a caminho. Isto é: o ser-do-ente” (HEIDEGGER, 1973, p. 218). O que foi transmitido como ser-do-ente pela tradição aos pensadores é aquilo que deve ser abordado pela filosofia para que seja possível a esta alcançar a compreensão da definição da essência que lhe é própria: corresponder ao apelo que o ser-do-ente emite consiste em exercer a genuína reflexão do filosofar e ao mesmo tempo quer dizer caminhar pela vereda através da qual a filosofia segue o seu curso. O caminho que se abre como possibilidade de encontro a uma resposta que defina a essência da filosofia, na reflexão heideggeriana, não consiste em negar a história, mas sim em transformar o que por ela foi transmitido ao remover os encobrimentos que velam a percepção da questão-do-ser, realizando com isso a tarefa da destruição dos encobrimentos sobrepostos ao ser-do-ente pela tradição do pensamento Ocidental.

Questionar o que é a filosofia, interrogar a natureza constituinte do pensamento filosófico, perguntar qual a essência de um conceito que por si mesmo é totalizante, achar uma resposta satisfatória para essa questão sendo colocada, tudo isso implica em lidar com variadas perspectivas cuja constituição nem sempre conduz o buscador a uma resolução determinada, o levando por consequência, e de maneira paradoxal, a encontrar algo de certo com a pergunta pelo que há de essencial na filosofia; assim desvela Heidegger:

Com esta questão tocamos um tema muito vasto. Por ser vasto, permanece indeterminado. Por ser indeterminado, podemos tratá-lo sob os mais diferentes pontos de vista e sempre atingiremos algo certo. Entretanto, pelo fato de, na abordagem deste tema tão amplo, se interpenetrarem todas as opiniões possíveis, corremos o risco de nosso diálogo perder a devida concentração (HEIDEGGER, 1973, p. 211).

Devido à grande quantidade de pontos de vista possíveis para solucionar o questionamento aqui discutido, faz-se preciso abrir um caminho que proporcione segurança ao diálogo a ser estabelecido com essa questão, afastando-a de labirintos que nada dizem sobre aquilo que se busca com a pergunta levantada: o caminho cuja existência Heidegger aponta consiste em dirigir o pensamento ao âmbito originário da reflexão filosófica primeira e com ela estabelecer uma conversação que torne possível a compreensão do essencial do filosofar.

Para Heidegger, na conferência aqui discutida, só se define a filosofia ao compreendê-la como aquilo que ela é em sua essência. Essa compreensão se estabelece a partir de uma harmonização entre a correspondência e o apelo do ser-do-ente. Disso resulta a experimentação de um conhecimento que define a filosofia:

A correspondência propriamente assumida e em processo de desenvolvimento, que corresponde ao apelo do ser-do-ente, é a filosofia. Que é isto – a filosofia? Somente aprendemos a conhecer e a saber quando experimentamos de que modo a filosofia é. Ela é ao modo da correspondência que se harmoniza e põe de acordo com a voz do ser-do-ente (HEIDEGGER, 1973, p. 221).

Enquanto ferramentas a serviço da linguagem, falar e corresponder são uma única e mesma coisa, mas no momento presente, compreender essa união entre a correspondência e o dizer é uma tarefa deveras difícil, pois para Heidegger, o processo de transformações sofrido pela linguagem se abre à compreensão de maneira estranha e, por consequência, como um instrumento de expressão, a esta se apresenta para o filósofo: “de acordo com isso, tem-se por mais certo dizer que a linguagem está a serviço do pensamento em vez de: o pensamento como correspondência está a serviço da linguagem” (HEIDEGGER, 1973, p. 221). Em poucas palavras, o *logos* se dispõe à expressão do pensamento filosófico e desvela a essência da filosofia.

### 3. DIFERENCIANDO SER E ENTE: A DESTRUIÇÃO QUE REINICIA O FILOSOFAR

O objetivo do presente capítulo é possibilitar a elucidação do conceito de destruição no pensamento de Martin Heidegger. A partir deste esclarecimento, será demonstrado como o projeto empreendido por Heidegger o leva em *Que é isto – a Filosofia?* a enunciar uma cabível definição para a essência do pensar. O caminho trilhado por Heidegger para enxergar essa definição é aberto pela tarefa da destruição: projeto este proposto outrora no sexto parágrafo da introdução de *Ser e Tempo*, onde o filósofo discorre sobre essa meta na perspectiva da história da ontologia e demonstra como o seu projeto pode ser consolidado, sendo a tarefa em questão retomada pelo pensador na preleção feita por ele e efetuada em relação ao conceito de filosofia.

Heidegger, ao caminhar na direção de poder ver a definição do que há de essencial na reflexão filosófica, se conecta com a multiplicidade do que assim foi tratado pela tradição do pensamento Ocidental. Com essa postura, o filósofo acaba assumindo uma posição hermenêutica em relação aos discursos filosóficos que buscaram oferecer estas definições. Não defendendo pontos de vista absolutos que caracterizem o que procura responder à sua pergunta, Heidegger dialoga com e apresenta as nuances de cada uma das visões de mundo que para ele tentam chegar à definição da essência da filosofia, realizando a crítica destas ao executar a tarefa da destruição sobre aquilo que foi dito pelos filósofos e procurando apresentar a filosofia ela mesma sem obstruir o desvelamento daquilo que há de essencial nela própria.

A fortuna crítica do pensamento heideggeriano apresenta variadas versões para os mesmos temas. Não obstante, aqueles que se atêm à compreensão dos conceitos da filosofia heideggeriana, pensando estes como constituintes de uma unidade interdependente, no intento de apresentar uma leitura profícua do projeto filosófico de Heidegger, estão sendo levados em conta como evidências fundamentais para dar consistência aos presentes dizeres. Pierre Aubenque (2012), em *Desconstruir a Metafísica?*, por exemplo, se apropria do conceito de destruição e o interpreta como sendo uma peça-chave na estrutura do pensamento de Martin Heidegger, corroborando o que se mostra em *Ser e Tempo* quando a sua introdução traz à presença a questão-do-ser, focalizando na remoção dos obstáculos que obstruem uma visão originária sobre as coisas elas mesmas e direcionando o pensar por uma via que

o leve ao ser-do-ente<sup>6</sup>. Conforme ressalta a referência supramencionada, a destruição da tradição possibilita que esta incorra em um novo começo, no qual se resgata a questão-do-ser da periferia do pensamento Ocidental para recolocá-la na centralidade da filosofia.

A importância da destruição para responder à pergunta posta por Heidegger em sua conferência é fundamental à elaboração por este de uma resposta com profundidade histórica ao que procura levantar com a sua questão: sem dialogar com as inteligências filosofantes originárias, a obtenção da resposta buscada pelo filósofo seria impossível. Considerando a origem da filosofia como objeto de investigação do essencial desta, a tarefa da destruição da tradição é o projeto que abre o caminho de uma redefinição da essência do pensar, é a movida de retorno às origens essenciais do filosofar que apresenta ao pensamento uma nova gênese.

O movimento de volta às origens da tradição é para Heidegger fundamental. A sua volta aos pensadores do mundo antigo o aproxima da clareira onde a metafísica originária floresceu. A filosofia se consolida com a investigação do ser-do-ente pelos pensadores da tradição. No cerne do sexto parágrafo da introdução de *Ser e Tempo*, a temporalidade desvela a essência da filosofia, pois é o fio-condutor da retomada da questão-do-ser pelos filósofos. Quando os impedimentos levantados pela metafísica velam o ser, a fenomenologia heideggeriana se impõe como abordagem do essencial do filosofar. Quando a analítica existencial examina o *Dasein* em seu ser e acontecer próprios, a filosofia pensada por Heidegger pode ser vista como ontologia fenomenológica. Em *Ser e Tempo*, o autor critica a metafísica hegemônica em busca de resgatar a questão-do-ser do esquecimento.

A tarefa tratada por Heidegger no referido parágrafo de *Ser e Tempo* consiste no estabelecimento de uma conversação com os pensadores originários da tradição

---

<sup>6</sup> A perspectiva originária de entendimento do ser foi ocultada pela tradição, de maneira que realizando a tarefa da destruição, para assim poder trazer mais uma vez a problemática do ser à discussão, Heidegger se vale da fenomenologia para encontrar uma visão originária sobre as coisas. Em palavras esclarecedoras, Pierre Aubenque explicita o conceito de destruição: “A palavra *Destruction*, frequentemente usada por Heidegger nos cursos de Marburg, integra o vocabulário da fenomenologia. Entende focalizar o desmonte das construções artificiais acumuladas pela tradição, que obscureceram ou até esconderam a visão originária das coisas em si mesmas. É a face negativa da redução fenomenológica, que se libera de preconceitos e pressupostos parasitários para chegar à intuição da essência (*Wesensschauung*), visão essencial e autêntica” (AUBENQUE, 2012, p. 52). Apenas por meio do desmantelamento da tradição é que se pode vislumbrar de uma forma originária a problemática do ser.

filosófica Ocidental, isto é, os primeiros a identificarem nos entes o ser, a saber, Heráclito e Parmênides. Da conexão com aquilo que pensaram os filósofos postos em questão, ou seja, do enfrentamento crítico da tradição, uma retomada do problema-do-ser pelo fio-condutor da temporalidade se torna possível à filosofia vigente. Conforme caracteriza Didier Franck (1986), o projeto da destruição fenomenológica em *Ser e Tempo* tem por propósito resgatar a questão-do-ser do esquecimento que a encobriu, para que a pergunta essencial da filosofia seja refeita em seu sentido originário<sup>7</sup>. Na conferência aqui analisada, o diálogo referido se realiza, pois nesta, Heidegger direciona a reflexão feita por ele aos filósofos gregos, afirmando que o filosofar, pensado em seu sentido originário, é grego em sua essência, e, ainda, que somente se for problematizada tendo por base a questão-do-ser retomada no horizonte da problemática temporal é que pode a filosofia alcançar a compreensão do que nela existe de essencial: o que Heidegger está fazendo com a destruição em sua preleção não se direciona de forma direta para a história da ontologia como é feito no sexto parágrafo da introdução de *Ser e Tempo*, mas sim à essência da filosofia que, compreendida como sendo a questão-do-ser, foi esquecida pelos encobrimentos depositos sobre ela pela tradição.

No sexto parágrafo da introdução de *Ser e Tempo*, Heidegger diz que o esquecimento da questão-do-ser é um traço que marca a história da ontologia. Considerando esta omissão como a marca principal no decorrer de tal história, o autor está buscando retomar essa questão neste momento da sua obra com a tarefa da destruição. A pergunta pelo sentido do ser, na perspectiva de Heidegger, possui uma forma própria de execução, de maneira que pelo próprio *Dasein* em sua historicidade e temporalidade, é levada por ela mesma a se compreender como conhecimento de natureza histórica.

---

<sup>7</sup> Acerca de como se deve proceder para elaborar a questão-diretriz do pensar, diz o autor: “A elaboração da questão-do-ser deveria ser realizada da seguinte maneira: à interpretação do *Dasein* a partir da temporalidade e à explicação do tempo como horizonte transcendental da questão-do-ser – primeira parte – deveria suceder – segunda parte – um retrocesso à, e sobre a, história da ontologia, a fim de a submeter a uma destruição fenomenológica seguindo o fio-condutor da problemática temporal” (FRANCK, 1986, p. 10). Interpretando o *Dasein* pelo fio-condutor do tempo é que se abre o horizonte de compreensão do ser: é pela temporalidade que se pode abordar a problemática do ser com a devida suficiência e, para que se possa realizar essa tarefa, faz-se também necessário realizar a destruição da tradição.

Segundo Heidegger, a filosofia está fluindo no sentido da entidade, e a resposta à pergunta que direciona a conferência discutida, só poderá ser obtida “através de um diálogo com aquilo que se nos transmitiu como ser-do-ente” (HEIDEGGER, 1973, p. 218). Conforme Heidegger afirma, a destruição é colocada como uma tarefa que não almeja destruir a história da ontologia através da mais completa e total negação do que desta advém; pelo contrário, o projeto proposto pelo filósofo desobstrui o caminho que leva à essência da filosofia e, considerando a questão-do-ser como o fio-condutor da história-de-problemas do pensamento filosófico, leva em conta o passado deste na retomada positiva dessa questão. Diz mais ainda o autor a respeito disso, que:

A destruição também não tem o sentido negativo de se desfazer da tradição ontológica. Ao contrário, é preciso circunscrevê-la em suas possibilidades positivas, o que sempre significa nos seus limites, isto é, nos limites factualmente dados como a respectiva formulação-da-pergunta e com prévia delimitação do campo de investigação. A destruição não se comporta negativamente em relação ao passado, sua crítica atinge o hoje e o modo predominante de tratar a história da ontologia, seja o doxográfico, o da história-do-espírito ou o da história-de-problemas. Mas a destruição não quer sepultar o passado no nada, ela tem um propósito *positivo* e sua função negativa permanece inexpressa e indireta (HEIDEGGER, 2014, p. 89).

Em outras palavras, o passado histórico da tradição ontológica não está sendo negado com a tarefa que visa à sua destruição, pelo contrário, nesse projeto, o pretérito referido está sendo concebido como elemento de fundamental importância para que se possa dar cabo da retomada da questão-do-ser, retirando do entorno desta questão – a partir da tarefa da destruição da história da ontologia – os entraves que a fizeram ter sido ocultada através dos processos e desdobramentos históricos ocorrentes na filosofia Ocidental. Nessa perspectiva, o passado aqui discutido é tanto um ponto de chegada quanto um ponto de partida para a tarefa que está sendo realizada: um ponto de chegada porque o projeto da destruição se propõe a dialogar com os pensadores e conceitos originários da tradição retornando até estes; um ponto de partida porque a partir da compreensão originária extraída desse diálogo é que se pode levantar o véu que encobre a questão-do-ser para onde a tarefa da destruição está indo a caminho.

O caminho que Heidegger aponta em direção ao mundo grego como forma de poder achar uma resposta originária à questão levantada por ele, representa a sua maneira de pensar a partir dos pensadores originários uma definição essencial para a filosofia: a tarefa da destruição da história da ontologia, em *Ser e Tempo*, também tem essa mesma estrutura. Franck (1986) compartilha da visão de que a ontologia precisa ser desconstruída para comportar com propriedade a questão-diretriz do filosofar, apresentando o movimento feito pelo *Dasein* quando se volta sobre o passado da tradição como sendo a destruição que possibilita um reinício originário à filosofia<sup>8</sup>. O que Heidegger fará para obter uma definição da essência do filosofar, na conferência de que trata esta dissertação, consiste em utilizar a estrutura da tarefa do projeto da destruição e nesse modelo enquadrar o que busca da filosofia: a partir do enquadramento do conceito em questão dentro do cerne da estrutura referida, Heidegger se lança entre os filósofos da tradição em uma investigação que pretende encontrar a definição do essencial no filosofar.

A essência da filosofia, sob a ótica dos gregos, tem origem no estilo de pergunta lançado por Heidegger em sua conferência, a saber, em uma interrogação que se dirige ao ser-do-ente para então desencobrir o seu sentido, sendo assim um questionar originário que abre o ente à compreensão da verdade do ser. Não obstante, para que haja essa abertura, torna-se imprescindível dialogar com e desconstruir o que foi transmitido pela tradição a partir da noção de ser: é o que Gianni Vattimo (1989) quer dizer em *Mais além do Sujeito* quando se refere ao remontar-se hermenêutico do ser, através do qual vai desvelando a noção essencial da metafísica de um modo por inteiro diferente ao da tradição. Nas palavras de Vattimo: “Este remontar-se hermenêutico *in infinitum* é o sentido do ser que buscava *Sein und Zeit*; porém este sentido de ser é cabalmente algo diverso da noção de ser que a metafísica nos tem

---

<sup>8</sup> De acordo com aquilo que comenta o referido estudioso a respeito da importância da destruição como uma forma de retorno ao pensamento originário, evidencia-se que: “A história da ontologia encobre a possibilidade da construção ontológico-fundamental, constitui um esquecimento das primeiras experiências do ser que estão na origem da metafísica. Ao pôr a questão-do-ser, o *Dasein* volta atrás sobre o esquecimento das origens, experimenta o seu poder-ser mais próprio, destrói os sedimentos que contêm e retêm o poder dos começos. A rememoração é uma destruição porque os conceitos filosóficos disponíveis já não são forjados à altura do que pretendem conceber e que obliteram” (FRANCK, 1986, p. 29). Com a retomada da questão-do-ser, ao *Dasein* é aberto um caminho por meio do qual este pode reinserir essa questão essencial da filosofia, resgatando-a do esquecimento que a encobria por meio da destruição fenomenológica da tradição.

transmitido” (VATTIMO, 1989, p. 59). A partir da proximidade ao pensamento originário é que se pode realizar a tarefa da destruição, que consiste em transmitir a diferença ontológica através do *logos*. Dito de outra maneira: o ser só poderá ficar visível, se o ente desvelar o invisível; direcionando o pensamento ao ser-do-ente se filosofa e somente desse modo é que se pode realizar a tarefa heideggeriana da destruição. Em poucas palavras, apenas quando a filosofia parte em direção do ser-do-ente se faz possível responder a pergunta que Heidegger coloca com a sua conferência.

Na conferência que este trabalho dissertativo analisa, Heidegger realiza um passo de volta na história da filosofia, para com isso refletir em proximidade aos pensadores e conceitos primordiais do pensamento filosófico. Através dessa interação, torna-se possível extrair a partir das concepções dos filósofos mencionados, a possibilidade de manifestar uma definição originária para o que há de essencial na filosofia. Discutir com o que os filósofos pensam caracteriza a maneira de poder dar uma resposta filosofante à pergunta sobre o que é a filosofia. Em sua conferência, Heidegger afirma que o seu diálogo, estabelecido com os pensadores, está sendo feito na intenção de perscrutar o ser-do-ente:

Supondo, portanto, que os filósofos são interpelados pelo ser-do-ente para que digam o que o ente é, enquanto é, então também nosso diálogo com os filósofos deve ser interpelado pelo ser-do-ente. Nós mesmos devemos vir com o nosso pensamento ao encontro daquilo para onde a filosofia está a caminho. Nosso falar deve corresponder àquilo pelo qual os filósofos são interpelados. Se formos felizes nesse corresponder, respondemos de maneira autêntica à questão: Que é isto – a filosofia? (HEIDEGGER, 1973, p. 217).

Esse direcionamento interpelativo à essência da filosofia apresenta o caminhar pelo qual deveria estar seguindo o pensamento filosófico e, a finalização dessa caminhada, consiste na obtenção de uma resposta para a pergunta por Heidegger feita – o início dessa jornada parte da execução do projeto da destruição apontado pelo filósofo: disto resulta o desvelamento do esquecimento do ser e em seguida a retomada da pergunta pelo sentido e verdade da entidade pelos pensadores.

No pensamento dos filósofos originários, o ente se manifesta no ser, não restando para o ente outra solução que não seja a de ser. Disponibilizar-se à escuta da voz do ser manifesta na linguagem a correspondência originária entre a filosofia e a sua questão-diretriz a caminho da essência do pensar. Pensar a questão-do-ser tendo por base do horizonte da diferença é a maneira originária de filosofar para Martin Heidegger. O esquecimento do problema central da filosofia fez soar a questão-do-ser como trivial para a contemporaneidade filosófica. Conferindo esse ponto de vista no pensador em discussão se corrobora:

Todo ente é no ser. Ouvir tal coisa soa de modo trivial em nosso ouvido, quando não de modo ofensivo. Pois, pelo fato de o ente ter seu lugar no ser, ninguém precisa preocupar-se. Todo mundo sabe: ente é aquilo que é. Qual a outra solução para o ente a não ser esta: ser? E entretanto: precisamente isto, que o ente permaneça recolhido no ser, que no fenômeno do ser se manifesta o ente; isto jogava os gregos, e a eles primeiro unicamente, no espanto. Ente no ser: isto se tornou para os gregos o mais espantoso (HEIDEGGER, 1973, p. 215).

No horizonte da compreensão heideggeriana, o ser se recolhe no ente para se manifestar como fenômeno, conferindo aos pensadores a disposição fundamental para a filosofia. Desta feita, o pensamento vem a ser filosófico no momento em que se busca a unidade de todas as coisas por meio da aspiração pela sabedoria: “esta aspiração é determinada pelo Eros” (HEIDEGGER, 1973, p. 215). A sabedoria, a unidade na totalidade, enquanto busca filosófica, leva o pensamento a questionar-se: “que é o ente, enquanto é?” (HEIDEGGER, 1973, p. 215). Ao levantar a questão-do-ser a filosofia tem o seu início, mas ao retirar do esquecimento esse problema, ela encontra o seu novo começo: para assegurar isso, a imprescindibilidade de um retorno à morada originária dos pensadores se consolida enquanto tarefa.

Filosofar, conforme Heidegger pensa, não consiste em contornar a filosofia pelas suas margens; assim, a resposta à questão colocada pelo filósofo em *Que é isto – a Filosofia?* não deveria ser buscada ao redor ou mesmo fora do pensamento filosófico; em verdade, a resposta à pergunta pela essência da filosofia, direcionada pelo projeto da destruição, deve ser procurada na esfera filosófica originária. Dito de outra maneira, pensando em direção aos conceitos filosóficos originários, Heidegger

percebe que o questionar sobre o que é filosofia, deveria se encaminhar ao cerne desta, ou seja, às suas origens primordiais: desta forma estaria o pensador a filosofar em conformidade com o seu objetivo, isto é, a obtenção de uma definição satisfatória para a essência da filosofia, realizando a tarefa da destruição.

A propósito da importância imprescindível que possui a tarefa da destruição para a compreensão da proposta que Heidegger faz durante a sua conferência, esse projeto se esclarece tendo por base o que foi estabelecido pelo filósofo em *Ser e Tempo*. Nesse contexto, o autor fará com que se abra, a partir da retomada da questão-do-ser através do fio-condutor da temporalidade, um horizonte que seja tanto mais originário quanto mais universal para pensar essa questão essencial da qual discorre, estabelecendo com os filósofos originários e as suas concepções, um diálogo que visa alcançar a compreensão do sentido do ser na filosofia. Pode-se depreender que na conferência analisada na presente dissertação, questionando pelo ser-do-ente e a este correspondendo, o pensador está a buscar um horizonte ainda mais universal e originário para poder definir a essência da filosofia, efetuando, na perspectiva de poder realizar tal aspiração, o projeto da destruição, antes pensado em sua obra mais conhecida, se valendo da fenomenologia como método desvelador da questão-do-ser.

Quando Heidegger põe a interrogação fundamental que norteará a conferência investigada nesta tessitura, ele dirige tal pergunta para o ente, perguntando onde está o ser deste: “Esse ente que somos cada vez nós mesmos e que tem, entre outras possibilidades-de-ser, a possibilidade de ser do perguntar, nós o apreendemos terminologicamente como *Dasein*” (HEIDEGGER, 2014, p. 47). O *Dasein* determina o seu existir sobre a compreensão do ser: ele é com o ser dele mesmo e existe para com ele relacionar-se; sendo distinto dos demais entes, isto é, por estar aberto ao ser, “o *Dasein* apreende necessariamente o sentido de ser do ente que ele não é e com o qual se relaciona. A abertura do *Dasein* ao ser é, *ipso facto*, abertura ao ser dos entes diferentes, portanto, ao ser em geral” (FRANCK, 1986, p. 23). Sendo assim, a questão diretriz da filosofia, ou seja, a questão-do-ser, não apenas só pode ser feita pelo *Dasein*, mas também só pode por este ser respondida.

Sendo a proveniência e estrutura da pergunta feita por Heidegger oriunda do pensamento dos filósofos gregos, permanecendo helênica em seu formato essencial, uma resposta à questão poderá ser dada somente a partir dos helenos: procurando

pela resposta no passado da filosofia se pode achar uma direção para o futuro historial do pensamento filosófico, desde que se faça isso ao “penetrarmos no sentido pleno e originário da questão: que é isto – a filosofia?” (HEIDEGGER, 1973, p. 214). A essência da filosofia é a referência que norteia o questionar sobre ela mesma, mas para alcançar a compreensão necessária deste referencial, segundo Heidegger, precisa-se antes esclarecer, em primeiro lugar, o que é a filosofia.

Martin Heidegger, em *Que é isto – a Filosofia?*, fará uma discussão sobre o que é filosofia a partir do contexto no qual tal palavra foi originariamente utilizada e proferida, pois somente quando se mergulha no passado da filosofia é que se pode obter alguma luz sobre o futuro do pensamento do pensar filosofante. Enfatizando a presença como sendo a maneira de ser temporal do *Dasein*, Ernildo Stein (2000) reforça que, no ente privilegiado pelo *logos*, os tempos se entrecruzam para que este desencubra a questão-diretriz, desvelando o sentido e verdade do ser<sup>9</sup>. A discussão que ilumina o futuro da filosofia a partir do pretérito desta é a tarefa da destruição da tradição sendo realizada através da conversação estabelecida com aquilo que pensaram os filósofos; dito de outra maneira, o projeto da destruição se realiza através da análise detida dos conceitos e dos pensadores que integram a filosofia para que com isso seja possível achar uma definição originária à essência do filosofar, bem como para que se destrua o esquecimento do ser e assim a pergunta pelo seu sentido seja retomada pelos filósofos.

A filosofia pensada por Heidegger tem por norte a questão-do-ser. Referenciando-se no horizonte da metafísica na sua conferência, Heidegger desconstrói a tradição ao analisar a definição de filosofia, pensando esta em sua origem que trazida para o presente pelo *Dasein*, faz com que este encontre no pensar a sua linguagem originária, o *logos* que desvela o ser-do-ente através do tempo, pois o desvelo da presença é temporal em *Ser e Tempo*. O *logos* sendo pensado como

---

<sup>9</sup> O horizonte do ser é o tempo e na temporalidade o sentido de ser se desvela. Em concordância com o que comenta Ernildo Stein a respeito do tempo no pensamento heideggeriano: “A possibilidade de Heidegger ligar o encobrimento do ser à tradição da ontologia, em que predomina o conceito de *presença*, vem-lhe da análise da temporalidade do *Dasein* e do pressuposto de que o tempo é o horizonte do sentido do ser. Só assim passam a ter uma função relevante as três dimensões da temporalidade: passado, presente e futuro” (STEIN, 2000, p. 144). A tradição da ontologia encobriu a presença no tempo e para Heidegger é necessário trazer a presença ao presente: pelo fio-condutor do tempo, o filósofo retira a questão-do-ser do encobrimento e a repõe da filosofia.

princípio estruturador da realidade confere acesso originário ao ser-do-ente e desse ponto de vista Acylene Ferreira (2007)<sup>10</sup> é defensora. Para Heidegger, é por meio da linguagem que se pode questionar o ser-do-ente de um modo apropriado no pensamento contemporâneo e somente a partir de então é que se pode retomar a questão-do-ser no horizonte da diferença, mas para isso é necessário desvelar o que se oculta no ente por meio da posse do *logos*.

A finitude do *Dasein* é o limite da sua existência fática e o tempo que chega ao fim representa o velamento da presença. No impessoal a presença se torna ausência e a finitude se torna angústia, uma vez que a morte é o impessoal e a consciência da finitude angustia o *Dasein*. Ao longo da introdução de *Ser e Tempo*, Heidegger centra esforços em destruir a tradição, resgatar a questão-do-ser do esquecimento e a reinserir na filosofia. Anos mais tarde, em *Que é isto – a Filosofia?*, o autor se pronuncia sobre a essência do pensar, afirmando ser esta a verdade do ser: verdade aqui pensada como sendo desvelamento. No lampejo originário que abriu a clareira do ser, o mistério se desvela enquanto verdade, agregando sentidos a si no horizonte do pensamento contemporâneo.

O diálogo aqui discutido é aquele que com a tradição Heidegger tem, vindo a ser o fundamento sobre o qual o seu pensamento se sustenta para pensar a essência da filosofia. Esta conversação só pode ser realizada através da destruição dos obstáculos que a impedem, fazendo com que retorne à filosofia o que por esta foi esquecido, a saber, a questão-do-ser. Os impedimentos em questão foram lançados sobre o ser pelos filósofos que foram omissos para com esta problemática na história da filosofia. Em oposição ao esquecimento e favorecendo uma visão originária sobre o ser, Heidegger explicita em *Que é isto – a Filosofia?* no que consiste a destruição, demonstrando nas suas palavras o que a realização deste projeto significa e para onde o seu destino se encaminha:

---

<sup>10</sup> De acordo com aquilo que ressalta a estudiosa acerca do *logos* como o princípio estruturador da realidade, “A linguagem originária conquista e produz a significabilidade para o real. A realidade, como destino do real, tem, na linguagem originária, sua oportunidade de ser. A linguagem tem a origem como princípio estruturador. Trata-se pois, de descobrir o segredo desse princípio, que é originário [...], pois como princípio, de toda forma de linguagem, ela é o mesmo para todas as formas, mas, como princípio que singulariza cada forma de linguagem, parece ser diferente para cada uma delas” (FERREIRA, 2007, p. 116). Por meio da linguagem o acesso ao ser-do-ente é conferido aos pensadores e poetas.

Destruição não significa ruína, mas demonstrar, demolir e por de lado – a saber, as afirmações puramente históricas sobre a história da filosofia. Destruição significa: abrir nosso ouvido, torná-lo livre para aquilo que a tradição do ser-do-ente nos inspira. Mantendo os nossos ouvidos dóceis a esta inspiração, conseguimos situar-nos na correspondência (HEIDEGGER, 1973, p. 218).

Tal correspondência consiste na escuta do apelo do ser-do-ente, mas para isso é preciso aprender a ouvir este chamado; raramente atentos à inspiração do ser, o *Dasein* habita, não só sempre, mas em todos os lugares, na correspondência que se direciona ao ser-do-ente: corresponde-se ao que concerne à filosofia quando se segue por este caminho através dessa escuta. Ouvir o apelo originário que profere o ser-do-ente significa extrair dos pensadores primordiais uma definição que não apenas seja cabível à essência da filosofia, mas que também enquadre a questão-do-ser no horizonte pertencente ao seu corresponder. A pergunta por aquilo que nos entes se oculta, faz com que o essencial para a filosofia se desvele, apresentando aos pensadores a razão de filosofar, isto é: se disponibilizar a ir à busca da compreensão do apelo proferido pelo ser-do-ente.

Apenas adentrando a questão-do-ser em sua esfera originária, a tarefa da destruição da história da ontologia poderá se realizar, pois a retomada dessa questão não partirá, segundo Heidegger enfatiza, do lado de fora da filosofia, mas, pelo contrário, a retomada desse problema tem como meta ser feita no cerne do filosofar e, uma vez que retirar a questão-do-ser do esquecimento na história das ideias constitui uma tarefa pertencente aos pensadores, emerge a necessidade de não fugir dessa questão como até então foi feito pela tradição – enfrentamento que só pode ser realizado efetuando o projeto da destruição, explicitado no capítulo presente. Esclarecido de outro modo, através da execução da tarefa da destruição, Heidegger procura, no sexto parágrafo da introdução de *Ser e Tempo*, retomar a questão-do-ser pelo fio-condutor que lhe é próprio, a saber, a problemática da temporalidade e, na preleção aqui tratada, efetuando o mesmo projeto, o autor busca discorrer sobre a definição essencial de filosofia, aplicando a desconstrução dos discursos que sobre esta foram feitos pela tradição, tendo como ponto de partida o pensamento dos filósofos originários para repor a questão-do-ser.

Em *Ser e Tempo*, Heidegger está em busca de elaborar a questão-do-ser tal qual esta foi apresentada em sua própria origem pelos pensadores primordiais da tradição: à posição ocupada por tal questão, a destruição da história da ontologia pertence, pois apenas a partir da conversação crítica estabelecida com os filósofos é que se pode fazer brotar uma compreensão originária da questão-do-ser na filosofia heideggeriana.

No quadro do presente tratado que tem por meta a elaboração de princípio da questão-do-ser, a destruição da história da ontologia – pertencendo única e essencialmente à posição dessa questão –, sendo possível somente no seu interior, só pode ser levada a cabo em algumas etapas fundamentalmente decisivas dessa história (HEIDEGGER, 2014, p. 89).

Conforme evidencia a citação, Heidegger destrói a tradição para abrir espaço à reposição da questão-diretriz do pensar, examinando o que foi esquecido pelos pensadores metafísicos hegemônicos e trazendo das origens da filosofia uma definição que categorize o essencial do filosofar na discussão contemporânea sobre o ser. Da mesma maneira, em *Que é isto – a Filosofia?*, o filósofo está buscando conceber uma definição do pensar que perpassasse os conceitos originários da tradição e que se faça oriunda desta, para que assim a resposta à sua questão seja reposta de um modo originário na filosofia vigente.

A correspondência ao ser-do-ente pode ser realizada de muitos modos: tal corresponder “é a filosofia; mas ela o é somente então e apenas então quando esta correspondência se exerce propriamente e assim se desenvolve e alarga esse desenvolvimento” (HEIDEGGER, 1973, p. 218). O ser-do-ente apela aos ouvidos da filosofia e esta, na medida em que atende ao apelo daquele, ao mesmo corresponde enquanto escuta a sua voz: a voz do ser está disposta ao corresponder humano quando esta correspondência se fundamenta no ser-do-ente. O dizer passa a se harmonizar com o ser-do-ente quando o ente dispõe o falar para a função da harmonia entre o ser e o *logos*. A harmonia do dizer com o ser-do-ente permite à correspondência estar sempre disposta: assim, toda precisão do dizer está fundada na escuta ao apelo do ser, que por sua vez, através do *logos*, o desvela como fenômeno.

Segundo Heidegger, “a ontologia grega e sua história [...], através de uma multiplicidade de filiações e distorções, ainda hoje determina a conceituação de filosofia” (HEIDEGGER, 2014, p. 85). Em outras palavras, apenas pensando a ontologia grega na perspectiva de retirar os impedimentos que obstruem a compreensão originária desta é que se pode obter a transparência concernente à história da questão-do-ser, bem como somente removendo os encobrimentos que velam o essencial do pensamento filosófico, é que se pode chegar a uma definição satisfatória para este; dessa forma:

Se se deve obter para a questão-do-ser ela mesma a transparência de sua própria história, então é preciso dar fluidez à tradição empedernida e remover os encobrimentos que dela resultaram. Essa tarefa nós a entendemos como a *destruição* do conteúdo transmitido pela ontologia antiga, tarefa a ser levada a cabo pelo *fio-condutor da questão-do-ser* até chegar às experiências originárias em que se conquistaram as primeiras determinações de ser, as determinações diretoras a partir de então (HEIDEGGER, 2014, p. 87).

Como se pode notar, a tarefa da destruição da história da ontologia deve ser realizada por sobre os encobrimentos despejados em cima da questão-do-ser pela tradição, com intenção de removê-los um a um até poder alcançar a compreensão de como as experiências originárias onde as determinações iniciais do conceito de ser se fizeram hauridas: Aubenque (2012) corrobora essa perspectiva ao afirmar que em *Ser e Tempo* Heidegger não apenas critica o que foi omitido pela tradição, mas também faz com que se manifeste o que esta encobriu, concluindo que o velamento e o desvelamento da questão-diretriz são oriundos da mesma fonte, a saber, do *logos* originário concebido pelos filósofos<sup>11</sup>. Executando o projeto da destruição fenomenológica em

---

<sup>11</sup> Os erros cometidos pela tradição para com o ser são evidenciados por Martin Heidegger em *Ser e Tempo*, mas não é só isso que o filósofo mostra em sua obra mais conhecida; além do exposto acima, Pierre Aubenque faz saber que “em *Ser e Tempo* Heidegger falava também de falhas de alguns filósofos, mas ele percebe cada vez mais que o desvelamento e o velamento têm a mesma origem, o que poderia, aliás, demonstrar: tornar o ser manifesto é retirar sua intimidade, seu mistério ou, mais exatamente, seu encolhimento, sua reserva” (AUBENQUE, 2012, p. 57). Para que se possa entrever o ser em seu manifestar-se, é necessário saber pensar a questão-do-ser, e isso significa: reformular com suficiência a questão-diretriz, para retirá-la de sua reserva no esquecimento e projetá-la no horizonte da tradição, retomando com essa virada o essencial do pensamento originário, a saber, o caminho da diferença entre ser e ente, isto é, o mesmo caminho que leva à essência da filosofia.

*Ser e Tempo*, Heidegger intenta retomar a questão-do-ser de uma forma originária, pois se põe a discuti-la a partir dos pensadores da ontologia antiga, aqueles após os quais a problemática central da ontologia foi esquecida, através da qual fizeram com que o ser se reduzisse a um-poder-ser-entendido-por-si-mesmo, isto é, a mais um ente inserido no meio de diversos outros entes.

Sendo a filosofia uma maneira de dizer privilegiada, o que também ocupa em face desse dizer salvaguardado um lugar de distinção a serviço da linguagem é a poesia: segundo Heidegger, o debate em torno da relação entre pensar e poetar é necessário à compreensão da correspondência ao ser-do-ente, entendimento que mais tarde conduzirá o seu pensar na direção da discussão sobre o conceito de diferença entre poesia e filosofia. Essa distinção é importante porque somente a partir da noção de diferença no pensamento heideggeriano faz-se possível compreender como o ser foi esquecido pela tradição e como foi retomada a questão-diretriz.

### **3.2 A DIFERENÇA ENTRE PENSAR E POETAR: AS DUAS VIAS EM DIREÇÃO AO LUGAR DO SER**

A poesia representa uma alternativa ao pensamento calculador predominante na filosofia. Os valores instituídos pelo poeta conferem ao ser um lugar de evidência na nova aurora da metafísica. Ao realizar a destruição dos encobrimentos que obstruíram a livre discussão da questão-do-ser, Heidegger anuncia o surgimento de uma nova construção pensante, poética. Examinando Hölderlin para pensar a salvação através da arte, a importância da poesia na filosofia heideggeriana é ressaltada por Michael Zimmerman: “Heidegger concluiu que a obra de arte poderia ajudar a tornar possível o pensamento meditativo não representacional e não calculador que iria anunciar a era pós-metafísica” (ZIMMERMAN, 1990, p. 187). Uma vez que o ser-do-ente não encontra na linguagem o solo sobre o qual estabelece a filosofia, essa expatriação do pensamento pode causar uma catástrofe mundial. Com o imperar do pensamento calculador sobre a metafísica, a extinção pode alcançar o ser humano. Desta feita, é necessário aperfeiçoar a relação com a linguagem: para o poder criador do *logos* não destruir a realidade.

Na era atômica a extinção representa um perigo eminente para o *Dasein* que, no vigor essencial de permanecer acontecendo como existência, atira-se na angústia

ao estar ciente de que é finito. Retornar para as origens do pensar, conforme Heidegger sugere em *Que é isto – a Filosofia?*, é um caminho que permite ter acesso ao ser-do-ente. Sobre o retorno ao pensamento originário como forma de resgatar o essencial do filosofar, pode-se dizer que é preciso lembrar do que foi esquecido, “relembrar o vagamente familiar, relembrar a origem que dava abrigo, isso, tornou-se para Heidegger a coisa mais importante que a pessoa podia fazer na época tecnológica” (ZIMMERMAN, 1990, p. 197): a volta para o lar dos primeiros tempos da filosofia representa o advento de novas visões a respeito do ser, pois os filósofos originários “experimentaram o ser dos entes enquanto ser-presente, enquanto emergência para se tornarem aparentes, enquanto desvelamento” (ZIMMERMAN, 1990, p. 331). Em poucas palavras, os pensadores da aurora não só tiveram a maturidade para pensar a diferença, mas também foram responsáveis pela abertura do caminho de compreensão da distinção entre ser e ente.

Para que sejam viabilizadas de maneira apropriada, as possibilidades de perguntar necessitam ser provenientes do contexto originário onde se acha manifesta a tradição, de modo que apenas pela apropriação deste passado histórico pelo *Dasein* é que se faz possível retomar a questão-do-ser; em poucas palavras, sem a execução do projeto da destruição, apresentado por Heidegger em *Ser e Tempo*, as possibilidades referidas estarão encobertas e, por conseguinte, inacessíveis à compreensão filosófica:

A tradição que assim se faz dominante, em vez de tornar acessível de pronto e no mais das vezes o que ela transmite, ao contrário, encobre-o. Ela transmuda o que a tradição legou em um-poder-ser-entendido-por-si-mesmo, obstruindo o acesso às fontes originárias nas quais as categorias e os conceitos transmitidos foram hauridos em parte de um modo autêntico. A tradição faz mesmo com que essa origem seja esquecida. Faz que se entenda dificilmente a necessidade de um tal retorno (HEIDEGGER, 2014, p. 85).

A retomada da questão-do-ser faz com que o esquecimento desta problemática pela tradição seja percebido como algo a ser posto em relevo por Heidegger, pois, para este, tanto essa questão ainda não foi concluída quanto também não foi elaborada de maneira satisfatória, fazendo por consequência desta insuficiência com que o interesse

essencial da metafísica fosse lançado no esquecimento. Na intenção de retomar a questão-do-ser no horizonte que lhe é próprio, partindo de dentro do cerne originário da filosofia ao questionar os seus conceitos e pensadores constituintes, Heidegger executará o projeto da destruição ao fazer com que o véu sobreposto pela tradição na questão-do-ser seja removido, de forma a fazer com que essa questão venha a ser, no momento, abordada por uma perspectiva originária e pensada sob esse mesmo ponto de vista – visão de mundo conduzida pela temporalidade.

Com a efetuação do projeto da destruição é possível consolidar a questão-do-ser ao retomá-la pelo fio-condutor que lhe é próprio, a saber, a temporalidade, que sob o signo do *logos* se resguarda. Retomando a questão-do-ser tendo por base a problemática da temporalidade ao efetuar a tarefa da destruição da história da ontologia é que se pode retirar o ser do esquecimento e compreendê-lo enquanto tal em seu horizonte, a saber, o tempo.

Só no efetuar a destruição da história da ontologia é que a questão-do-ser conquista sua verdadeira concretização. Na destruição a questão-do-ser consegue plena prova da imprescindibilidade da pergunta pelo sentido de ser e demonstra assim o sentido do discurso sobre uma repetição dessa pergunta (HEIDEGGER, 2014, p. 99).

Efetuando a tarefa da destruição é possível colocar bem a questão-do-ser, inserindo-a em um âmbito originário que lhe confere uma posição fundamental na filosofia. Isso significa que o passado da tradição filosófica não deve ser negado na execução do projeto da destruição. Pelo contrário, a tarefa que Heidegger realiza procura dialogar com os filósofos originários e os seus conceitos fundamentais, com o propósito de desobstruir a questão-do-ser, desvelando o esquecimento desta pela tradição e a retomando na filosofia.

No pensamento originário, nomear o desconhecido é uma forma de resposta ao ser-do-ente quanto àquilo que é próprio da essência dele mesmo, e a considerar que a palavra é um caminho, Heidegger acredita ser, filosofia, um caminho que se estende tanto para o passado quanto para o futuro do pensamento Ocidental. Prosseguindo com a sua conferência, o pensador demonstra que até mesmo o seu

modo de colocar a questão que direciona a sua reflexão tem origens na filosofia dos pensadores originários: dessa maneira, uma resposta à pergunta que foi feita só poderá ser obtida a partir de “um diálogo com o pensamento do mundo grego” (HEIDEGGER, 1973, p. 213). Pode-se dizer a grosso-modo que tanto o que foi quanto o que será dito da filosofia pelos pensadores, na perspectiva de Heidegger, encontrará a sua essência em seu começo originário.

Conforme assevera Heidegger em *Ser e Tempo*, o conjunto de problemas de qualquer outra ontologia é o mesmo da ontologia grega, ou seja, a questão-do-ser é a problemática fundamental da ontologia em geral, cuja origem se encontra na antiguidade; dessa maneira, ao *Dasein* é necessário facultar a questão-do-ser como fio-condutor para levá-lo à compreensão originária de si mesmo, entendimento cuja constituição essencial se determina e fundamenta no dizer que lhe é próprio enquanto sendo o ser-do-homem:

O *legéin* é o fio-condutor para a conquista das estruturas-do-ser do ente que vem-de-encontro no dizer de e no dizer que. Por isso, a ontologia antiga, desde Platão, torna-se dialética. Com a elaboração do fio-condutor ontológico ele mesmo, isto é, da hermenêutica do *logos*, surge a possibilidade de uma apreensão mais radical do problema-do-ser (HEIDEGGER, 2014, p.95).

O falar possibilita ao ser-do-homem estar a serviço do *logos* enquanto abertura para a manifestação do desvelamento da questão-do-ser em sua esfera filosófica primeira que se encontra sobre o mundo antigo e se desdobra desta esfera até os dias atuais. Na perspectiva heideggeriana, tanto o dizer poético quanto o dizer filosófico estão dispostos a serviço da linguagem; dessa maneira, sendo o homem um ser para o *logos* e sendo este a morada do ser, a tarefa dos filósofos consiste em desvelar o esquecimento da questão-do-ser através do *logos*, para então e somente então, poderem estes reinseri-la na filosofia.

O sentido originário da reflexão filosófica carrega consigo uma tradição historical que viabiliza a composição de um caminho capaz de permitir a marcha dos pensadores em busca de uma resposta à pergunta que interroga o que é a filosofia, mas “a tradição não nos entrega à prisão do passado irrevogável” (HEIDEGGER, 1973, p. 213): investigando o pensamento dos filósofos originários, para libertar a filosofia de

um passado obstruído pelas interpretações predominantes sobre a sua essência, o projeto heideggeriano da destruição em *Que é isto – a Filosofia?* é retomado. Perguntar o que é algo constitui um exercício filosófico, pois a busca pelo ser das coisas caracteriza o filosofar: com esse tipo de pergunta, busca-se compreender o ser-do-ente, tal como os primeiros pensadores.

Heidegger pensa que, enquanto os filósofos estão a levantar questões originárias, o destino essencial da filosofia está sendo meditado e assim o apelo do ser está sendo escutado: a atividade filosófica é por isso “a correspondência propriamente assumida e em processo de desenvolvimento, que corresponde ao apelo do ser-do-ente” (HEIDEGGER, 1973, p. 221). É no conhecimento do modo de ser da filosofia que se encontra a resposta à pergunta feita por Heidegger: o corresponder se coloca a serviço da linguagem e mostra que o pensamento filosófico “é ao modo da correspondência que se harmoniza e se põe de acordo com a voz do ser-do-ente” (HEIDEGGER, 1973, p. 221). Somente estando disposta a serviço do pensamento, correspondendo à disposição do apelo proferido pelo ser-do-ente, a linguagem manifesta a sua essência enquanto *logos*.

A evidenciação investigativa da proveniência dos conceitos ontológicos originários pela realização da tarefa da destruição em *Ser e Tempo* está muito distante de uma relativização mal elaborada das perspectivas ontológicas, pois a sua motivação não está somente em pensar o ser em seus aspectos positivos: não apenas concebendo o ser com base nesta perspectiva, mas também avaliando a sua falta em relação à tradição e procurando evidenciá-lo como presença, retirando-o da ausência na qual foi posto pelos filósofos, de maneira a inserir mais uma vez a sua força no debate que perpassa a tradição, Heidegger executa o projeto da destruição para trazer a questão-do-ser ao interesse essencial da filosofia.

Para encontrar a definição da essência da filosofia, o filósofo aponta para o caminho seguido por ele em *Ser e Tempo* na retomada da questão-do-ser, direcionando o pensamento filosófico àquilo que lhe é originário ao realizar a destruição da ontologia, diferindo aqui apenas quanto ao foco sobre o qual se dirige o seu projeto no momento, onde ao final da jornada será determinado o que há de essencial na filosofia: se antes Heidegger apontou a distinção entre ser e ente para retirar o primeiro do esquecimento e retomar a questão por este, na conferência em

debate, a diferenciação entre pensar e poetar será o sustentáculo sobre a qual o pensador retomará a questão-do-ser e a retirará do esquecimento, colocando-a mais uma vez em perspectiva.

A fenomenologia da destruição traz à presença o ser-do-ente. Na distinção entre ser e ente está contido o essencial da filosofia, pois responder com suficiência à questão-do-ser é a tarefa de Martin Heidegger. Sustentando essa diferenciação e recolocando a questão-diretriz no horizonte da tradição, o filósofo se encarrega de proporcionar à filosofia um reinício originário. A obtenção da resposta para a pergunta que questiona o que é a filosofia vem a ser apresentada como possibilidade apenas em caso de a tarefa da destruição ser realizada, e uma vez que a execução deste projeto possibilita a colocação dessa questão ser feita de um modo originário pelo filósofo, também com a realização da destruição que desvela uma definição da essência da filosofia na sua preleção, é possível chegar à discussão concernente ao conceito de diferença ontológica em seu pensamento, partindo da abordagem que este faz na conferência discutida sobre o tema referido ao ter por base a distinção entre poesia e pensamento: o projeto da destruição, na conferência aqui posta em relevo, desvela uma definição para a essência da filosofia e traz à luz a existência da diferença ontológica entre pensar e poetar.

Aprender a pensar significa desaprender o que foi passado pela tradição. A destruição dos sedimentos que encobriram a questão-do-ser é necessária para que possa a filosofia se encaminhar ao seu novo começo. Com a realização da tarefa da destruição se desaprende o que foi ensinado a respeito do ser e assim se aprende a pensar. Esse pensamento é corroborado pela seguinte comentadora da obra de Heidegger: “A pedagogia negativa do aprender e desaprender pensamentos pode ser entendida como o sentido mais completo do que seja aprender a pensar” (SCHUBACK, 2010, p. 204). Filosofar de uma forma originária, na perspectiva heideggeriana, significa dialogar com os pensadores e desconstruir os seus discursos, extraíndo da reflexão dos conceitos pensados por estes em suas obras, uma definição à altura para a essência do pensar. O pensamento tem no *logos* o elemento que o projeta e encontra por meio deste o essencial da filosofia. Pensar filosoficamente significa não encobrir a tradição, mas criticá-la nos seus pontos problemáticos, apresentando novas soluções que satisfaçam com suficiência a questão-do-ser. A filosofia compreendida

como pensar é um constante desaprender para aprender que dá lugar a um sentido autêntico para o ser.

Uma vez que esteja posto em seu horizonte, o *Dasein* se questiona enquanto sendo-para-o-ser. Ouvir a voz que ecoa através do aberto significa estar a par da existência como abertura para o mistério. O ser é mistério porque se oculta, mas também é presença porque se desvela. É na escuta ao apelo do ser-do-ente que o *Dasein* se compreende como existência. A compreensão da historicidade do *Dasein* possibilita à ontologia retroceder através do tempo ao seu início e redefinir no presente o sentido de ser. Destruindo os obstáculos que dificultam uma livre apropriação da filosofia em sua essência, Heidegger assume uma posição para retomar a questão-do-ser, oferecendo à problemática central do pensamento metafísico o tratamento que lhe cabe, a saber, o desvelamento fenomenológico.

Compreendendo a relevância que a tarefa da destruição possui não somente para possibilitar uma definição originária da essência da filosofia, mas também para desvelar o esquecimento da questão-do-ser e possibilitar a retomada de tal questão, o avanço para os próximos capítulos, onde respectivamente ambos os temas serão tratados com mais clareza de detalhes, se faz possível. Em outras palavras, assim como desvelar a questão-do-ser faz com que não se note mais o ser como sendo apenas um ente, instaurando a partir desse desvelamento a diferença entre o ente e o ser, também ir à busca de uma definição satisfatória e originária para a essência da filosofia, através da execução do projeto da destruição, faz com que a distinção entre pensar e poetar seja pensada de um modo originário.

#### 4. O ESQUECIMENTO DO SER: A OMISSÃO DA PROBLEMÁTICA CENTRAL

No capítulo que agora começa, será discutido o esquecimento do ser para Martin Heidegger. Do ponto de vista da filosofia heideggeriana, a questão-do-ser, enquanto pergunta, é o problema essencial da filosofia, de maneira que o pensamento filosófico se torna, por conseguinte, um caminho pelo qual se faz possível escutar aquilo que, pelo ser-do-ente, foi proferido e que, pela tradição, foi reverberado. No entanto, ao longo da história da filosofia, ao invés de apontar a pergunta pelo ser como sendo a questão-diretriz do filosofar, os pensadores omitiram a essencialidade dessa questão e a fizeram afundar no esquecimento. Denunciando a omissão dos pensadores em relação ao problema-do-ser, Heidegger busca resgatar essa problemática e retomá-la para outra vez a inserir na filosofia. A partir do ponto de vista heideggeriano, tornar o ser novamente prescrutável ao retirá-lo do esquecimento no qual decaiu é aquilo que será descrito e analisado no capítulo presente.

A essência da filosofia foi lançada no esquecimento pela tradição e a busca por uma definição que qualifique a atividade filosófica torna-se um meio de retomar o essencial do pensar filosofante sob uma nova perspectiva. De acordo com Heidegger, necessita-se abandonar as definições de filosofia predominantes até então para que se possa extrair desse abandono uma definição essencial desta, partindo diretamente da conversação estabelecida com os filósofos e dela extraíndo o que se pode compreender como originário no filosofar. Os pensadores privilegiados pelo diálogo que Heidegger procura estabelecer em sua conferência são os pré-socráticos, em especial Heráclito e Parmênides: segundo o filósofo, os referidos pensadores, são de fato originários, em especial pela razão de que somente a língua destes é considerada *logos*, mas também porque foram estes os responsáveis pela instauração da distinção entre ser e ente como horizonte de reposição da questão-do-ser na filosofia.

Por isso a importância de um retorno ao pensamento essencial, isto é, ao universo dos primeiros pensadores, aqueles que circunscreveram a diferença primordial entre ente e ser. Nos filósofos da alvorada está o rumo que se abre à filosofia contemporânea quando Heidegger reintroduz a questão-diretriz em seu horizonte. Por meio do retorno ao passado, o *Dasein* se reconhece no que foi e existindo vem a ser. Como ponto de encontro entre todos os tempos, o *Dasein* se

manifesta na presença do presente, pois a temporalidade é o seu fio-condutor. Sendo pensado como presença, o *Dasein* se compreende como um ente filosofante, podendo escolher ou não a filosofia como via de acesso ao ser-do-ente, uma vez que a poesia também permite o acesso ao ser.

Os pensadores originários são os responsáveis pelas definições da sua própria reflexão, de modo que nestes Heidegger busca encontrar uma definição apropriada para a essência da filosofia. Retornando aos primórdios essenciais do filosofar, o pensador estabelece uma conversação com a tradição para encontrar em seus conceitos e filósofos a resposta que procura com a sua conferência. Discutindo sobre a essência da filosofia o pensador faz o convite:

Notemos bem: tanto o tema da nossa interrogação: “a filosofia”, como o modo como perguntamos: “que é isto...?” – ambos permanecem gregos em sua proveniência. Nós mesmos fazemos parte dessa origem, mesmo então quando nem chegamos a dizer a palavra “filosofia”. Somos propriamente chamados de volta para esta origem, reclamados para ela e por ela, tão logo pronunciemos a pergunta: Que é isto – a filosofia? não apenas em seu sentido literal, mas meditando em seu sentido profundo (HEIDEGGER, 1973, p. 214).

O chamado de volta às origens citado por Heidegger é o apelo do ser-do-ente direcionando-se à audição dos pensadores. O escutar desta interpelação abre alas para o encontro de uma definição originária da essência da reflexão filosófica. Esta escuta possibilita a retomada da questão-do-ser e o seu resgate do esquecimento histórico, no qual a tradição lhe fez dormir através dos períodos constituintes da história do pensamento. O resgate realizado pelo filósofo com a pergunta-guia de *Que é isto – a Filosofia?* retira do esquecimento o essencial do pensar filosófico, para que seja realizada uma nova discussão em torno deste a partir da definição de filosofia.

Quando profere a conferência discutida na presente dissertação, Heidegger tenta abrir um caminho de compreensão atual à questão do sentido da filosofia, não somente demonstrando a necessidade desta pergunta, mas também apresentando a sua precedência e estrutura. Como expõe na introdução de *Ser e Tempo*, o esquecimento da questão-do-ser é um emblema da metafísica hegemônica que, ao longo da história do ser, foi responsável pela omissão da sua própria investigação

temática. Sendo assim, o pensador partirá dos gregos para poder realizar uma desconstrução da dogmática imiscuída pelos filósofos sobre o ser, até que possa resgatar essa questão da superficialidade e omissão onde estava esquecida.

Sobre a base dos pontos-de-partida gregos da interpretação do ser construiu-se um dogma que não só declara supérflua a pergunta pelo sentido de ser, mas além disso sanciona sua omissão. Diz-se: “ser” é o conceito mais universal e o mais vazio e, como tal, resiste a toda tentativa de definição. Mas esse que dentre os conceitos é o mais universal e, portanto, indefinível, não requer também definição, pois cada um de nós o emprega constantemente e cada vez já entende o que visa com ele. Assim, o que movia e como algo oculto mantinha na inquietação o filosofar antigo passou a ser claro como o som, um-poder-ser-entendido-por-si-mesmo, ao ponto de imputar-se um erro de método a quem ainda interroga a esse respeito (HEIDEGGER, 2014, p. 33).

No pensamento florescente na origem da filosofia se encontra a interpretação que possibilita a compreensão do sentido do ser. A destruição dos preconceitos que velam o ser, o retira do esquecimento e o reinsere como problema essencial no panorama do pensamento contemporâneo. A própria ontologia antiga responsabilizou-se pela formulação dos preconceitos causadores da omissão da questão-do-ser e a tradição foi alimentando estas opiniões que, através dos séculos, renasceram no cerne dos sistemas filosóficos. Para que se possa avançar na discussão do esquecimento do ser é preciso organizar as opiniões que foram dadas sobre este pelos pensadores ontológicos: somente assim será possível elucidar essa pergunta em toda a sua profundidade e real importância.

Com a instauração da diferença ontológica na esfera do pensar Ocidental, Heidegger busca retornar em *Ser e Tempo* ao resplendor originário dos antigos e projetar uma nova senda para o pensamento contemporâneo, no qual ao findar o caminho a filosofia recomeçaria como na origem. Os pensadores hegemônicos da tradição, que foram omissos para com a distinção entre ser e ente, depositaram a essência da filosofia no esquecimento, negligenciando a questão-do-ser ao considerá-la auto-evidente, indeterminada e universal. Heidegger está em busca da questão-do-ser quando pergunta no que consiste o filosofar e para achar uma resposta que

satisfaça a sua pergunta, o autor destruirá os preconceitos que encobriram o tema central da filosofia para fazer a sua essência vir à tona. Em *Que é isto – a Filosofia?* o esquecimento do ser pode ser visto na problemática evidenciada por Martin Heidegger, a partir da qual se torna urgente a necessidade de estabelecer a reposição da questão-diretriz no horizonte da filosofia.

Conforme Heidegger denuncia em *Ser e Tempo*, os pensadores metafísicos ocidentais foram negligentes em relação à diferença entre ser e ente, pensando ambos do mesmo modo, como sendo uma só coisa: pensar o ser à maneira de se representar o ente foi o erro responsável pela generalização do esquecimento do ser na tradição do pensamento Ocidental. Realizando uma diferenciada e inovadora abordagem metafísica da questão-do-ser, o filósofo está abrindo com a sua conferência uma compreensão do ser que não o trata como um ente entre os demais, remando contra a corrente da tradição para fazer com que o ser seja pensado como a temática essencial da filosofia: Sreekumar Nellickappilly (2015) reforça essa descrição da posição heideggeriana em relação ao esquecimento do ser no pensamento metafísico Ocidental, mencionando que a crítica feita por Heidegger em sua obra se pautava no fato de que as abordagens tradicionais da metafísica falharam na tentativa de compreender o ser<sup>12</sup>. Tanto em *Ser e Tempo* quanto na preleção aqui tratada, as abordagens tradicionais da questão-do-ser pela metafísica estão sendo desconstruídas para dar lugar ao verdadeiro tratamento dessa problemática pelos filósofos. Apresentando a existência da diferença ontológica entre ser e ente, Heidegger resgata o ser do esquecimento onde este jazia encoberto pelos detritos da metafísica hegemônica.

---

<sup>12</sup> A problemática essencial da filosofia foi ocultada pela tradição, no entendimento do comentador evidenciado: “Heidegger queixa-se de que as abordagens tradicionais da metafísica resultaram no esquecimento do ser, que é o tópico primordial da reflexão filosófica e de outras reflexões intelectuais. A metafísica interpreta mal a natureza dos entes ao interpretá-los como coisas, como o que simplesmente está lá, como o presente na mão. Heidegger sublinha a necessidade de superar essa atitude” (NELLICKAPPILLY, 2015, p. 3). Conforme Heidegger concebe o pensamento metafísico, ao realizar a destruição da tradição para poder retirar o ser do esquecimento e mais uma vez o dispor em questão, é necessário estabelecer a diferenciação entre ente e ser, para que não se trate mais o ser e o ente como uma só coisa, mas para que se aborde o ente e o ser como sendo distintos: seguindo pelo caminho que se abre com re-instauração a diferença, a filosofia se dirige a sua essência ao tentar responder a questão-diretriz.

A pergunta pelo ser – bem como a questão norteadora da preleção heideggeriana – são possuidoras de uma estrutura formal: tal estruturação estabelece que perguntar pelo sentido de filosofia e de ser são as tarefas do filósofo. A possibilidade de tais perguntas serem de valor fundamental para a filosofia se desvela no momento em que se discute em geral o que a tais questões é pertencente: só assim é possível para os filósofos que assinalem mais uma vez a questão-do-ser. Nesse sentido Martin Heidegger ressalta:

Todo perguntar é um buscar. Toda busca tem sua direção prévia a partir do buscado. Perguntar é buscar conhecer o ente em seu ser-que e em seu ser-assim. O buscar que conhece pode se tornar “investigar” como determinação que põe-em-liberdade aquilo por que se faz a pergunta. O perguntar como perguntar por... tem seu *aquilo de que se pergunta*. Todo perguntar por... é, de algum modo, um perguntar a... Afora aquilo de que se pergunta, ao perguntar pertence um *aquilo a que se pergunta* (HEIDEGGER, 2014, p. 41).

Heidegger acredita que com a pergunta pelo sentido da filosofia uma busca começa e que essa procura tem como ponto de referência a questão-do-ser. Questionando a entidade se filosofa de um modo autêntico e com essa correspondência a disposição para a filosofia vai ganhando mais dimensão. Ao interrogar a filosofia, Heidegger está interrogando a constituição ontológica desta, apresentando a mesma em sua essência originária. Para estruturar a pergunta pelo sentido do ser, o filósofo necessita em primeiro lugar perguntar por este para, em segundo lugar, perguntar a este: não é à toa que, para Heidegger, filosofia é a escuta do apelo que profere o ser-do-ente. Em poucas palavras, somente perguntando pelo ser é que se pode escutá-lo e assim, questionar a ele mesmo sobre si, pondo o mesmo em liberdade.

Levando a filosofia em direção do ser-do-ente, Heidegger restabelece o desígnio originário do filosofar e, correspondendo-se com a inspiração que pela reflexão filosófica veio de encontro aos pensadores filosofantes, o filósofo se aproxima de uma resposta à questão diretriz da preleção aqui tratada. É prestando atenção à inspiração proveniente da filosofia que os pensadores a compreendem de maneira originária, estabelecendo através desta a correspondência fenomenológica com o ser-

do-ente, para que este se desvele em sua essência como o caminho para o qual o pensamento se dirige.

Num tal corresponder prestamos, desde o começo, atenção àquilo que a filosofia já nos inspirou, a *filosofia*, quer dizer, a *philosophía* entendida em sentido grego. Por isso chegamos assim à correspondência, quer dizer, à resposta à nossa questão, se permaneceremos no diálogo com aquilo para onde a tradição da filosofia nos remete, isto é, libera. Não encontramos a resposta à questão, que é a filosofia, através de enunciados históricos sobre as definições da filosofia, mas através do diálogo com aquilo que se nos transmitiu como ser-do-ente (HEIDEGGER, 1973, p. 218).

A correspondência com a manifestação que o ser-do-ente estabelece na linguagem é aquilo que em grego se nomeia por *philosophía*. Do cerne da discussão com a tradição emerge aquilo que por ela foi velado, de modo que para definir o essencial do filosofar é necessário dialogar com o ser-do-ente. A filosofia possibilita que o *Dasein* se corresponda através da linguagem com a entidade dos entes dispostos no mundo. Na correspondência com a essência das coisas o pensamento recomeça em seu sentido originário. Esta definição de filosofia foi lançada no esquecimento pela tradição e para que possa ser retirada deste véu é necessário dialogar com aquilo que foi transmitido como ser-do-ente pelos pensadores.

*Philosophía* é a correspondência propriamente exercida, que fala na medida em que é dócil ao apelo do ser-do-ente. O corresponder escuta a voz do apelo. O que como voz do ser se dirige a nós dispõe nosso corresponder. “Co-responder” significa então: ser disposto, *être-dis-posé*, a saber, a partir do ente (HEIDEGGER, 1973, p. 218).

Por filosofia Heidegger entende o corresponder à voz do ser como disposição originária do pensar. A história da filosofia é marcada pelo esquecimento da questão-do-ser em função da exaltação do ente, de maneira que somente retomando o essencial do pensamento se faz possível tentar desvelar o mistério que envolve a entidade. Os filósofos falharam com a sua atividade quando reduziram o ser ao esquecimento e por isso Heidegger almeja recolocar o ser-do-ente no lugar que lhe é

próprio, a saber, dentro do cerne da filosofia, buscando para isto uma definição da essência dela, encontrando na correspondência com a entidade o que procura.

#### **4.1 A NECESSIDADE DE RETOMAR A QUESTÃO-DO-SER: O MOVIMENTO ESSENCIAL DO FILOSOFAR**

Para que se possa alcançar o objetivo de uma pergunta, conforme Heidegger pensa, é necessário explicitar o que se busca com a questão. Apenas atingindo a transparência quanto àquilo que norteia o perguntar, explicitando o que em torno da pergunta se envolve, é que se faz possível desvelar o que a questão caracteriza. Considerando isso: “A pergunta pelo sentido de ser deve ser *feita*. Estamos assim diante da necessidade de discutir a questão-do-ser, considerando os mencionados momentos estruturais” (HEIDEGGER, 2014, p. 41). Os momentos estruturais da questão-do-ser foram aqueles nos quais os filósofos trataram de estabelecer a perspectiva que lhes era própria sobre o ser, chegando à conclusão da sua universalidade, indeterminação e auto-evidência, fazendo com que o ser fosse pensado de forma indistinta do ente: somente desconstruindo cada um desses momentos e retirando o ser do esquecimento no qual foi posto é que a possibilidade de uma reestruturação da questão-do-ser no horizonte da diferença outra vez se abre na filosofia.

Alcançando uma compreensão com a questão feita por Heidegger, pode-se chegar de maneira expressa não somente ao seu sentido, mas também à sua verdade. Embora não se saiba nem se possa fixar o que é ser, pode-se, no entanto, ao retomar a questão-do-ser, aproximar-se da definição que corresponde ao ser-do-ente. Desta feita, a mediania e a vagueza do entendimento-do-ser é um problema factual:

Esse entendimento-do-ser pode flutuar e se esvair o quanto queira até o limite de um conhecimento meramente verbal – mas essa indeterminação do entendimento-do-ser cada vez já disponível é em si mesma um fenômeno positivo, exigindo elucidação. Entretanto, uma investigação sobre o sentido de ser não o pode dar desde o início. A interpretação do mediano entendimento-do-ser só obtém do seu necessário fio-condutor uma vez que se tenha desenvolvido o conceito do ser (HEIDEGGER, 2014, p. 43).

O entendimento da questão-diretriz tem como traço a elasticidade, pois muito pode ser dito acerca dela pela tradição do pensamento Ocidental. O desvelamento da verdade do ser se dá com base na linguagem que, ao conceder ao *Dasein* a posse do fio-condutor originário do pensar, possibilita que se pense a problemática central da filosofia como aquilo que ela é, a saber, como sendo a questão-do-ser. A parcialidade do entendimento-do-ser é um dos caracteres próprios deste: por esse motivo, ao invés de não discutir o ser como se ele nada mais fosse do que um-poder-ser-entendido-por-si-mesmo, fazendo com que tal questão continue esquecida, faz-se necessário que se esclareça a questão-do-ser ao impedir que o esquecimento a obscureça.

A luz do conceito e dos modos de explícito entendimento que lhes são próprios é que se poderá estabelecer o que significa um entendimento-do-ser obscurecido ou ainda não elucidado e quais as espécies possíveis e necessárias de obscurecimento ou de empecilho para uma explícita clarificação do sentido-do-ser. (HEIDEGGER, 2014, p. 43).

Para esclarecer a obscuridade em torno do entendimento-do-ser, explicitar de maneira clara a estrutura, precedência e necessidade da questão por ele é fundamental: da mesma maneira que Heidegger explicita os caracteres da questão-do-ser em *Ser e Tempo*, na preleção de 1955 o filósofo tratará a pergunta pelo conceito de filosofia a partir desse mesmo esquema explicitador. Quando o esclarecimento prevalecer sobre o obscurecimento que impede a explicitação do entendimento-do-ser é que se poderá perguntar por este e em seguida chegar à essência possível do ser-do-ente. Da mesma maneira, a partir do momento em que as definições de filosofia são analisadas por Martin Heidegger, estas passam a exprimir com mais clareza um entendimento possível, embora não absoluto, para com a sua essência.

Na conferência que discute o que é filosofia, Heidegger assume um parecer originário sobre o conceito central da sua própria preleção, removendo os elementos que velaram a essência do ser e rumando em direção de uma resposta que defina o essencial do filosofar. Para poder realizar essa tarefa, Heidegger entra em discussão com os pensadores gregos, responsáveis pelas definições originárias da filosofia, desmontando as visões de mundo posteriores a estes e estabelecendo uma nova maneira de compreensão para a reflexão filosófica. Esse diálogo acontece porque “os

primeiros pensadores gregos encontraram e colocaram a questão-do-ser pela primeira vez durante as suas contemplanções filosóficas e este problema permaneceu no âmago do pensamento grego” (NELLICAPPILLY, 2015, p. 2). O modo originário de compreender a essência da filosofia consiste em se dispor à escuta do apelo advindo do ser-do-ente, atentando para a correspondência que este estabelece com o ser-do-homem através do *logos*, para que seja possível encontrar uma definição ao que a procura engendrada por Heidegger busca alcançar.

Perguntando pela definição de filosofia, Heidegger não está deixando de dialogar com os pensadores, nem muito menos está omitindo uma escuta ao que foi definido pelos filósofos como pensar; pelo contrário, o autor não somente está dialogando com as definições já existentes de filosofar, mas também está ele mesmo questionando o pensamento filosófico e dirigindo esse questionamento à essência da filosofia: para o pensador, todo perguntar constitui uma busca que se dirige ao encontro de uma resposta para aquilo que vem sendo procurado. Assim, procurar o sentido do pensar torna-se um caminho aberto a partir do entendimento que se tem desta disposição, de maneira que com isso se chega ao que há de essencial na filosofia. A pergunta pelo sentido do ser é a característica que define a discussão fundamental do pensamento heideggeriano e também a essência da filosofia. Através do caminho que procura conduzir a humanidade em direção à questão-do-ser, do início ao fim, a filosofia de Martin Heidegger se encaminha. A problemática em torno dessa questão é o eixo mestre da reflexão filosófica heideggeriana, sobre o qual esta se fixa e delinea os seus horizontes de compreensão: Jesus Escudero (2010) enfatiza essa concepção afirmando que a questão-do-ser acompanha Heidegger a sua vida inteira, sendo o horizonte no qual se inspira a estrutura essencial da sua própria filosofia<sup>13</sup>.

---

<sup>13</sup> É indubitável que a questão-do-ser seja para Heidegger a problemática na qual se fundamenta o pensamento Ocidental. Em sua própria compreensão do sentido de ser, Escudero esclarece: “Que significa ser? Esta é a pergunta que Heidegger fez surgir novamente desde seus anos de estudante até o final de sua vida. Sem dúvida, a problemática acerca do ser constitui o eixo temático que articula sua densa atividade filosófica e desenha o horizonte dentro do qual será abordado cada aspecto concreto de sua obra. *Ser e Tempo* começa com o firme propósito de uma ‘elaboração concreta da pergunta pelo sentido do ser’” (ESCUADERO, 2010, p. 23). A densidade do pensamento heideggeriano se concentra na questão-do-ser, sendo esta problemática, o eixo temático de elaboração da filosofia de Martin Heidegger.

Dizer que o ser é o mais universal de todos os conceitos, que enquanto conceito é indefinível e que por esta razão se configura em um-poder-ser-entendido-por-si-mesmo: eis os três preconceitos fundamentais que obstruem a compreensão do sentido-do-ser – somente removendo cada um deles é que se pode retomar a questão-do-ser sem obstruções interpretativas, retirando-a do seu esquecimento. Heidegger enfatiza que a filosofia põe o ser-do-ente em perspectiva, e indo além da pluralidade dos possíveis sentidos que se possa dar à atividade filosofante, o pensador busca com isso elucidá-la sob o prisma do que muitos pensadores esqueceram. Em outras palavras, o pensador mostra aos filósofos ser possível se libertar dos consensos obstrutivos e entender a filosofia em sua essência que, de acordo com Heidegger, encontra a sua existência na escuta do apelo que a voz do ser faz reverberar.

Se guiar através do *logos* para resgatar o ser do esquecimento; retomar a questão-do-ser e discuti-la sob o signo do *logos*; desvelar a partir do *logos* o sentido do ser e a sua verdade; a realização dessa tarefa só é possível tendo a temporalidade como fio-condutor e o pensamento grego como solo para a sua execução:

Essa interpretação grega do ser se efetua sem qualquer saber expresso acerca do que nela exerce a função de fio-condutor, sem conhecimento e mesmo entendimento da função ontológica fundamental do tempo, sem qualquer penetração no fundamento da possibilidade dessa função. Ao contrário: o tempo é tomado ele mesmo como um ente entre outros entes, um ente cuja estrutura-de-ser se procura apreender a partir de um entendimento-do-ser que, de modo inexpresso e ingênuo, orienta-se pelo próprio tempo (HEIDEGGER, 2014, p. 97).

Fazer com que o tempo não seja tomado como apenas mais um ente, orientando-se pela temporalidade para resgatar o ser do esquecimento, reconhecendo-a como um fio-condutor que possibilita a recolocação da problematização da questão-do-ser na filosofia: a perspectiva heideggeriana quer apontar para um novo começo do filosofar, cuja égide se espelha na escuta do apelo proferido pelo ser-do-ente, sem que este, como outrora, seja engolido pelo esquecimento, tal qual Stein (2000) outrora explicitou com clareza em suas interpretações do pensamento de Martin Heidegger<sup>14</sup>.

---

<sup>14</sup> Pensando a missão empreendida por Martin Heidegger, o referido comentador diz que “o filósofo, ainda que critique as ontologias da metafísica, prepara o horizonte para uma nova ontologia ou teoria do ser. Esta, no entanto, deveria evitar a hegemonia do presente do tempo, para não cair na entificação

Em outras palavras, embora as ontologias anteriores não estejam sendo negadas por Heidegger, estas são pensadas sem que este as priorize em seus aspectos temporais e ontológicos, cuja característica foi ter encoberto o ser sob a sombra do ente. Na perspectiva de Heidegger em *Ser e Tempo*, a problemática nuclear do pensamento foi negligenciada pelos filósofos hegemônicos. A negligência da tradição para com o ser predominou no pensamento Ocidental e sujeitou a questão-diretriz da filosofia ao encobrimento histórico. O esquecimento conduziu Heidegger a destruir as obstruções de acesso ao ser para poder realizar o seu trabalho principal em *Ser e Tempo*, a saber, repor com solidez e completude a questão-do-ser no horizonte da tradição.

Os discursos formulados sobre o ser pela tradição são examinados detidamente por Martin Heidegger. Quando concebidas em sua esfera autêntica de existência, as limitações do *Dasein* se manifestam na experiência da angústia, na qual todas as fundações se desestruturam para dar lugar ao mistério do ser. Experimentando um momento raro em seu acontecer, o-que-está-sendo se manifesta como presença, ao trazer a questão-do-ser do esquecimento à luz de novo e perpassando, por meio das vias do tempo, a problemática essencial da filosofia. Quando Heidegger se refere à necessidade de manter os ouvidos abertos à escuta do apelo que provém do ser-do-ente, ele está fazendo uma alusão ao privilégio possuído pelo *Dasein* em relação aos demais entes, prerrogativa que consiste na interação com o seu próprio ser através da linguagem. O acesso ao ser-do-ente só é possível para o *Dasein* que, desconstruindo a tradição através do *logos*, realiza o exercício filosófico por excelência, a saber, o desvelamento fenomenológico do ser-do-ente, que o fará ser retirado do esquecimento e ser reconsiderado como tema essencial da filosofia.

Não obstante, para que seja possível chegar à compreensão do problema-do-ser, as definições históricas deste não precisam ser focadas como objeto principal do mencionado questionamento. Uma vez que o ser e o ente são distintos um do outro, o ente se torna, por conseguinte, uma via de acesso ao ser, sendo por esta razão o

---

do ser como acontecera com as ontologias da metafísica” (STEIN, 2000, p. 146). Dito de outra maneira, Heidegger realiza o enfrentamento crítico da tradição para romper com a indistinção entre ser e ente que, no tempo presente, caracteriza a visão hegemônica do ser no pensamento metafísico: da nova postura diante do ser, Heidegger aponta para um caminho que conduz, por consequência, a uma nova ontologia, na qual o ser é pensando a partir da diferença que possui para com o ente.

destino para o qual se dirige a filosofia, isto é, à escuta da voz emitida pelo ser-do-ente. O ente enquanto tal, no cerne da questão-do-ser, torna-se o perguntável para o perguntante, sendo, por conseguinte, o interrogado pela pergunta feita por Heidegger: questionando o que é filosofia, o filósofo está tentando caminhar com segurança por uma vereda de acesso ao ente, de maneira que através desta, possa o pensador conquistar uma definição do essencial da atividade filosofante. Sobre isso ressalta o autor:

Na medida em que o ser constitui o perguntando – e ser significa ser de ente – resulta que aquilo a que se pergunta [o perguntável] na questão-do-ser é o ente ele mesmo. Este é como que interrogado a respeito de seu ser. Mas, para que se possa dar sem falsificação os caracteres de seu ser, o ente deve antes tornar-se acessível assim como ele é em si mesmo. A questão-do-ser, no relativo ao perguntável, exige a conquista e a prévia segurança do correto modo-de-acesso ao ente (HEIDEGGER, 2014, p. 45).

A filosofia, na perspectiva de Martin Heidegger, consiste no correto modo-de-acesso ao ente, pois esta, para o filósofo, dirige-se, enquanto atividade, em direção à escuta do apelo repercutido pelo ser-do-ente. Em razão disso, Heidegger perguntará pela essência do pensar: para que possa com essa pergunta dirigir-se ao ser-do-ente e alcançar, em diálogo com as próprias opiniões dos pensadores a respeito do ser, uma nova compreensão que resgate essa questão do esquecimento.

A capacidade de desvelar o ser-do-ente foi se perdendo na história do *Dasein* e o seu contato com a sua essência foi desabando no esquecimento, o que levou o pensamento Ocidental à decadência metafísica. Fortalecendo essa perspectiva, Zimmerman (1990, p. 340) diz: “a decadência do Ocidente ocorreu na medida em que o *Dasein* humano foi perdendo contato com o terrível dom e responsabilidade desta capacidade de desvelamento ontológico”. Disso resulta ao *Dasein* ser legada a tarefa de criar tradição para impedir a decadência do pensamento Ocidental, que encobre a questão-do-ser no panorama da metafísica. Ao se voltar sobre o seu legado histórico, o *Dasein* se apropria da tradição e por meio da fenomenologia procura sondar a essência da filosofia, com isso trazendo à luz o que foi oculto pelos pensadores. Para que possa

o esquecimento dar lugar à recordação, Heidegger relembra a distinção entre ser e ente, a pensando como abertura onde se coloca a questão-do-ser.

Para atualizar o significado da palavra ente, dever-se-á refazer a pergunta pelo sentido do ser. A incompreensão para com o ser se faz vigente no pensamento filosófico contemporâneo e não há perplexidade entre os filósofos com esta falta de entendimento. Em *Ser e Tempo*, Martin Heidegger intenta elaborar em termos concretos a questão-do-ser e isto será feito, conforme ressalta o filósofo, quando o tempo estiver sendo interpretado como fio-condutor geral para a compreensão do ser. No momento em que realiza a conferência discutida nesse texto, Heidegger aproxima do seu pensamento as ponderações filosóficas precedentes a respeito do conceito de filosofia, atualizando o sentido desta expressão de acordo com aquilo a que pretende se dirigir, a saber, o ser-do-ente, demonstrando com isso que, ao levantar a questão essencial da preleção, está com tal pergunta retomando a questão-do-ser.

A questão em torno da filosofia é, em sua estrutura, necessidade e precedência, uma pergunta que se dirige ao ser-do-ente, estando na escuta ao apelo deste a definição da essência do pensar filosofante. Perguntar o que é filosofia, é uma interrogação colocada sobre o sentido de filosofar, sendo esta, por sua vez, uma questão que ao ser se dirige.

Se a pergunta pelo ser deve ser expressamente feita e executada na plena transparência para si mesma, então, segundo as elucidações dadas até agora, sua elaboração exige a explicação dos modos de dirigir o olhar ao ser, de entender e apreender conceitualmente seu sentido, a preparação da possibilidade da escolha correta do ente exemplar e a elaboração no genuíno modo-de-acesso a esse ente (HEIDEGGER, 2014, p.95).

As tentativas de definição da essência da filosofia, até o presente, foram elaboradas para explicar de alguma maneira a forma perspectiva pela qual se olhava e apreendia o sentido do conceito de ser. A atividade filosofante apresenta maneiras de olhar para o ser na intenção de que se possa compreender o seu sentido do ponto de vista conceitual. Por isso é necessário, no pensamento heideggeriano, que venha a ser estabelecida, antes de se chegar à conclusão que a sua pergunta procura alcançar, uma conversação com os conceitos filosóficos dos pensadores que olharam para o ser

e procuraram defini-lo. Dialogar com as definições e sentidos que pelos filósofos foram pensados para o ser é um exercício fundamental que possibilita, utilizando a filosofia como modo seguro de acesso ao ser-do-ente, encontrar uma possível definição para o que há de essencial no pensamento filosófico e, em seguida, estabelecer uma visão mais abrangente sobre o ser, resgatando a questão-do-ser do esquecimento onde foi lançada.

Perguntar pelo que é a filosofia, para o autor da preleção aqui tratada, significa: resgatar a essência do pensar filosofante ao remover os encobrimentos despejados sobre o ser através no seu trajeto historial pela tradição, definindo o exercício do pensar como abertura ao chamado proferido pelo ser-do-ente. Essa abertura de compreensão à essência do pensar filosofante, na perspectiva da conferência heideggeriana, dá-se a partir da diferenciação entre poesia e pensamento. Partindo da diferença ontológica, Heidegger resgatará o ser de seu esquecimento, em busca de retomar a questão-do-ser na filosofia: somente com este resgate é possível fazer com que o interesse pelo ser seja retomado pelos filósofos. A distinção entre poesia e pensamento, mencionada pelo pensador em *Que é isto – a Filosofia?*, abre o essencial do pensar filosofante à sua própria compreensão, permitindo que este seja pensado de maneira originária, de onde vem a ser possível conceber uma definição da essência da filosofia, desvinculando-a de todos e quaisquer pontos de vista hegemonicamente vigentes.

Experimentar a filosofia em suas possibilidades ontológicas para poder compreender a sua essência; examinar a profundidade que se coloca sobre a superfície para pensar a questão-do-ser; abordar o pensamento como sendo o modo-de-ser-próprio do *Dasein*; desvelar a verdade do ser no panorama no pensar Ocidental: nisso consiste, para Heidegger, a tarefa dos pensadores. A filosofia dá lugar à questão-do-ser quando interrogada: perguntar pela essência do pensar quer dizer, segundo Heidegger, questionar o ser-do-ente para a ele poder dirigir à questão-diretriz. Nomear o ser equivale a esquecê-lo como algo distinto do ente. O ser não é um ente dado, capaz de ser nomeado pela linguagem, mas é a entidade que está em cada ente, de modo que um nome ao ser não cabe. Em concordância com a insuficiência das palavras para nomear o ser, Castro (2010, p. 221) apresenta os perigos do esquecimento ontológico, alertando que “isto é fatal para a nossa vida, porque não

somos o que somos sem o ser. Esquecendo o ser estamos nos esquecendo”. Em outras palavras, ao negligenciar a questão-chave da filosofia, a tradição foi se esquecendo da sua essência e, nesse contexto, Heidegger se pôs a evidenciar o que foi deixado pelos pensadores, a saber, o ser, na intenção de abordar esse problema com relevância, reinserindo o interesse pelo ser na metafísica.

Para chegar à compreensão do esquecimento do ser e retomar a questão-do-ser, o filósofo apresentará, em sua conferência, a diferença ontológica a partir da distinção entre pensar e poetar, vindo a sustentar o seu pensamento a respeito da questão-do-ser e do esquecimento deste sobre as bases apresentadas pela diferenciação entre ser e ente. A negligência do pensamento ocidental para com a questão-do-ser provocou a derrocada desta no esquecimento. Para Nellicappilly (2015), a decadência da civilização Ocidental começou com o esquecimento do ser, isto é, com a negligência da diferença ontológica pelos filósofos – o que levou Heidegger a propor uma ontologia fenomenológica como método de reversão das consequências da omissão da problemática do ser na filosofia<sup>15</sup>. Corrigir a falha deixada pelos filósofos quanto àquilo que diz respeito à questão-do-ser é a tarefa proposta por Heidegger desde *Ser e Tempo* até a sua conferência, de modo que em ambos os momentos o filósofo está buscando retomar a problemática essencial da filosofia por meio da fenomenologia e da ontologia, dando às duas últimas a finalidade de resgatarem o ser do esquecimento, para que possam desvelar o sentido e a verdade do ser no horizonte da diferença ontológica e da temporalidade.

Dispor-se à voz do ser a partir do ente é distingui-los um do outro, estabelecendo a retomada da questão-do-ser através da diferença, ao resgatar a essência da investigação filosófica do seu esquecimento e responder no que consiste o filosofar. Na visão heideggeriana, o restabelecimento dessa distinção é um critério

---

<sup>15</sup> A metafísica hegemônica omite a colocação da questão-do-ser nos seus domínios-de-coisa e estabelece a indistinção entre ser e ente, levando o problema central do pensar ao mais completo esquecimento. À perspectiva acima exposta, remete o seguinte comentador: “A grande tradição metafísica negligencia a diferença ontológica fundamental entre ser e ser-do-ente, entre ser e entidades. Esta é a falha que primariamente resultou em um esquecimento geral do ser. Heidegger mantém que este esquecimento é responsável pelo declínio da civilização ocidental e a crise do homem. Ele sugere uma ontologia fenomenológica a fim de superar esse esquecimento” (NELLICAPPILLY, 2015, p. 4). A fenomenologia é o método que permite a supressão do esquecimento para que se possa retomar a questão-do-ser na filosofia.

fundamental para dar a definição do essencial da filosofia. Para isso é necessário compreender como a linguagem se desdobrou através da história do ser, de maneira que a partir do *logos* seja possível abordar com uma maior radicalidade não somente o esquecimento, mas também o restabelecimento do problema do ser na filosofia: “com a progressiva elaboração do fio-condutor ele mesmo, isto é, da hermenêutica do *logos*, surge a possibilidade de uma apreensão mais radical do problema-do-ser” (HEIDEGGER, 2014, p. 95). Em poucas palavras, se existe alguma forma de interpretar o ser, essa interpretação só é possível tendo o *logos* por referência.

O *logos* originário, no pensamento heideggeriano, viabiliza a concepção da definição de filosofia que Heidegger busca. Por essa razão, o pensador dialogará com os filósofos da alvorada: para poder se dirigir ao conceito originário de filosofar e retirá-lo do esquecimento, resgatando a definição da essência da filosofia do encobrimento histórico. Assim expressa o autor:

Se nós agora ou mais tarde prestarmos atenção às palavras da língua grega, penetramos numa esfera privilegiada. Lentamente vislumbramos em nossa reflexão que a língua grega não é uma simples língua como as europeias que conhecemos. A língua grega, e somente ela, é *logos* (HEIDEGGER, 1973, p. 214).

Envolto no círculo que configura o pensamento filosófico, Heidegger almeja responder a pergunta que procura definir o conceito de filosofia a partir do seu cerne. Para isso, o filósofo faz com que o esquecimento da essência da atividade em questão venha à tona, dialogando com os conceitos e pensadores originários da filosofia ao retomar essa pergunta essencial e encontrar uma resposta para ela. Em conversação com as definições originárias dos pensadores dadas à filosofia, Heidegger escuta a voz do ser e estabelece uma correspondência com esta expressão, resgatando o elemento essencial da reflexão filosófica do esquecimento onde o mesmo foi velado e tentando ao mesmo tempo fornecer uma definição que desvele a essência do filosofar.

Elaborar a problemática central da filosofia, constituída pela retomada da questão-do-ser, no pensamento heideggeriano, é a missão intelectual de *Ser e Tempo*. A importância dessa pergunta só pode ser compreendida a partir do diálogo estabelecido pelo pensador com a tradição, pois a mesma foi causadora do

esquecimento dessa questão, fundamental para o pensamento filosófico. Escudero (2010) defende que não se pode aceitar sem criticar o que provém da tradição, pois isto faz com que a questão-diretriz seja esquecida pelos pensadores: apontando os modernos como os responsáveis pelo agravamento do esquecimento do ser, o comentador sugere que a hermenêutica dos discursos apresentados acerca da problemática central da filosofia possibilita ao pensamento uma volta às origens de onde haure as forças para se recolocar na tradição<sup>16</sup>. Para definir e resgatar a filosofia do seu esquecimento histórico, Heidegger aplica sobre ela o projeto da destruição, no qual propõe uma abordagem hermenêutica das definições estabelecidas sobre a filosofia pelos filósofos: assim o pensador se fundamenta em um pensar originário para achar o que procura com a sua conferência, a saber, delinear o essencial do filosofar. Em outras palavras, a busca heideggeriana com a preleção aqui tratada consiste em demonstrar o esquecimento sobreposto pela tradição sobre o ato de pensar para poder retomar essa questão com a definição que a pergunta pela essência da filosofia levanta: a bússola que orienta a conferência do filósofo questiona para definir o que este procura, levando-o às origens da filosofia onde interroga as definições que sobre esta foram dadas, até que ache no ser-do-ente a resposta que procura.

O modo de ser da filosofia é determinado em sua essência pelos pensadores que, por seu turno, frente à atividade que lhes é própria, procuram instituir as possíveis conceituações da tarefa que lhes cabe; sendo assim, a pergunta-guia da preleção heideggeriana, enquanto questão que expressa uma maneira de ser característica de cada pensador, é uma interrogação que gira em torno do ente ele mesmo, possibilitando que seja aberto um caminho de compreensão a respeito do ser.

---

<sup>16</sup> No rechaço ao aceitamento acrítico do sentido de ser Heidegger insiste, pois é com base em uma abordagem fenomenológica que se pode resgatar o essencial da filosofia do esquecimento no qual foi atirado pela tradição. Este ponto de vista é fundamentado pelo seguinte comentador: “A aceitação cega e acrítica do significado do ser transmitido pela tradição é a principal responsável pelo esquecimento sistemático no qual caiu essa questão fundamental para o pensamento. A filosofia moderna da subjetividade só contribuiu para agravar esta situação hermenêutica do esquecimento, a partir da qual se justifica a necessidade de uma recolocação radical que remonta às origens da filosofia grega” (ESCUADERO, 2010, p. 24). Na escuta do apelo proferido pelo ser-do-ente, os pensadores se correspondem com as origens do pensar Ocidental, e retornando ao pensamento originário, para eles é possível recolocar a questão-do-ser no panorama da tradição.

Por conseguinte, elaborar a questão-do-ser significa tornar transparente um ente – o perguntante – em seu ser. O perguntar dessa pergunta, como *modus-de-ser* de um ente, é ele mesmo essencialmente determinado pelo perguntando, por aquilo de que nele se pergunta – pelo ser (HEIDEGGER, 2014, p. 47).

O ente discutido em *Que é isto – a Filosofia?* é aquele transparecido pela pergunta direcionada à definição de filosofia: determinar a filosofia no essencial desta é a missão que Heidegger busca cumprir. Uma vez que se abre a possibilidade de uma determinação para a filosofia, a definição conceitual da essência desta passa a ser algo tangível para os filósofos, mesmo que não se possa estabelecer essa possível determinação como uma coisa definitiva.

Pensar filosoficamente requer espaço para a presença manifestar o desvelamento. O *Dasein* se compreende como abertura ao presente possível e se atira no aberto para encontrar o sentido do ser. O desvelamento da verdade do ser se realiza no existir. O interesse dos pensadores está em alcançar a compreensão do essencial da filosofia. A prática de pensar como os primeiros pensadores, sugerida por Heidegger (2014), dispõe a questão-do-ser no espaço aberto pela diferença, pois tais pensadores pensaram o ser como sendo distinto do ente. A diferença ontológica é a pedra de toque por meio da qual se lapida o diamante originário da metafísica Ocidental. É sob o signo da distinção entre ser e ente que se sustenta a filosofia heideggeriana.

A investigação empenhada pela obtenção do esclarecimento da questão-do-ser acha no tempo o seu horizonte. O lampejo reluzindo na clareira originária resgata o ser do esquecimento metafísico. A linguagem desvela a verdade que nela mesma se oculta. O ser é repostado no espaço aberto pela diferença e se reinsere na tradição após a sua desconstrução. Projetando a existência em um âmbito originário, o *Dasein* dialoga com a essência que lhe acompanha, e traz com a sua história o seu legado enquanto sendo instaurador de tradição. A essência do exercício de filosofar abre espaço para ser compreendida como uma senda que se desdobra no horizonte existencial do ser-do-ente. É com as suas medidas históricas que o *Dasein* se compreende na dinâmica do mundo e se atira sobre as possibilidades em aberto. Ao

pensamento contemporâneo Heidegger lega o seu tributo, reinserindo a questão-do-ser na filosofia.

## 5. DESVELANDO O SENTIDO DA FILOSOFIA: A REINSERÇÃO DA QUESTÃO-DIRETRIZ

Uma vez que se tenha resgatado o ser do esquecimento no qual pela tradição foi colocado, desconstruindo a omissão do pensamento metafísico a respeito da sua questão diretriz, pode-se passar a discutir mais uma vez esse problema fundamental, retomando a pergunta pelo ser em direção do seu sentido e da sua verdade. Aqui serão mostrados os caminhos trilhados por Heidegger para reinserir a questão-do-ser na filosofia. Em *Que é isto – a Filosofia?*, o filósofo busca a essência da filosofia para poder, com essa procura, retomar a questão-do-ser. Descrever como Heidegger abordará essa pergunta e o que fará com essa questão, além do que a mesma significa, é o que nesta etapa do presente trabalho dissertativo será explicitado.

A questão-do-ser, entre as questões que foram formuladas pela tradição do pensamento Ocidental, pode ser vista como a mais originária, profunda e ampla de todas as questões. De acordo com aquilo que comenta Christian Sommer (2007) acerca da questão-diretriz em Heidegger, essa pergunta abrange a totalidade do ente enquanto tal, perguntando pelos motivos, pelos porquês e pelo ser-do-ente, indagando em que se sustenta o que lhe é essencial e, quando retomada enquanto questão diretriz do filosofar, se fundamenta sobre a temporalidade, encaminhando os pensadores ao encontro da essência da filosofia<sup>17</sup>. Para recolocar a questão-do-ser na filosofia e fazer isso de maneira originária, não se deve interrogar somente o ente enquanto tal na totalidade, mas também é necessário ir além do ente, questionando a entidade que no mesmo habita, com a intenção de se ocupar do essencial ao filosofar:

---

<sup>17</sup> De acordo com o que foi definido por Martin Heidegger como sendo a questão-do-ser, isto é, a problemática essencial da filosofia, o seguinte estudioso comenta a questão-diretriz, dizendo que esta “é a mais ampla das questões, porque ela compreende todo o ente passado, presente e futuro, isto quer dizer, o todo do ente (*das Seiende im Gzenen*) [...] Ela é a mais profunda quando coloca em questão a razão, a causa, o fundamento (*Grund*) do ente [...] A questão perpassa o ente, ela vai no fundo do ente, ela se ocupada da natureza de seu fundamento: o ente está sustentado sobre um arquifundamento (*Urgrund*), um não-fundamento (*Ab-grund*) ou um pseudo-fundamento (*Um-grund*)? Enfim, a questão é a mais originária” (SOMMER, 2007, p. 34). A questão-do-ser atravessa o ente para alcançar o fundamento mais profundo que ao último é próprio.

“Este movimento transgressivo do ato de filosofar é eminentemente metafísico” (SOMMER, 2007, p. 38). A questão feita por Heidegger na sua conferência, cuja busca por uma resposta teve início em *Ser e Tempo*, evidencia-se como sendo a pergunta fundamental da filosofia.

Procurando determinar a questão-do-ser a partir da pergunta pelo sentido da filosofia, o filósofo, em sua preleção, conduz o diálogo filosófico através de um caminho mais seguro. A busca de uma determinação pelo que há de essencial na filosofia representa, no pensamento heideggeriano, a tentativa de estabelecer uma via pela qual seja possível o entendimento do filosofar como uma forma de acesso ao ser-do-ente, esclarecendo o proceder do pensamento e demonstrando como este deve ser executado.

Procedendo assim, o diálogo é conduzido a um caminho. Digo: a *um* caminho. Assim concebemos que este não é o único caminho. Deve ficar mesmo em aberto se o caminho para o qual desejaria chamar a atenção, no que se segue, é na verdade um caminho que nos permite levantar a questão e respondê-la (HEIDEGGER, 1973, p. 211).

Sabe-se que a filosofia possibilita, aos pensadores disponíveis à escuta do apelo que provém do ser-do-ente, uma maneira de acesso à compreensão do ser. Nessa perspectiva, o pensador está buscando apresentar uma fórmula pela qual seja possível discutir a essência da filosofia sem dispersão ou esvaziamento de qualquer tipo. Heidegger preleciona a importância de um pensamento que abarque o ser-do-ente como princípio, deixando as suas contribuições quanto ao que concerne à filosofia:

Devemos ocupar-nos das primeiras e posteriores definições de filosofia. E depois? Depois alcançaremos uma fórmula vazia, que serve para qualquer tipo de filosofia. E então? Então estaremos o mais longe possível de uma resposta à nossa questão. Por que se chega a isto? Porque, pelo processo há pouco referido, somente reunimos historicamente as definições que estão aí prontas e as dissolvemos numa fórmula geral (HEIDEGGER, 1973, p. 28).

Todavia, Heidegger reconhece que outros caminhos também podem ser possíveis e que, por causa disso, a via apresentada pelo filósofo na sua preleção necessita se

mostrar como abertura. Isto feito, extrai-se que a maneira através da qual Heidegger procede tentar responder a questão que levanta, articula-se tendo em vista a retomada da questão-do-ser: a investigação realizada em torno do conceito de filosofia, desse modo, é um meio pelo qual será possível refazer e responder essa questão – pelo menos de maneira mais precisa.

A maneira de abordar a questão-diretriz do pensar em *Ser e Tempo* consiste em um retorno às origens do que foi interpretado como ser pela tradição do pensamento Ocidental. A abordagem originária da questão-do-ser se realiza com a destruição fenomenológica do esquecimento da diferença ontológica. A missão intelectual de Martin Heidegger, desde a sua mais célebre obra à preleção aqui discutida, consiste em abordar o ser-do-ente em seu apelo originário e responder com suficiência a questão central da filosofia. Realizando a reinserção da questão-do-ser no pensamento metafísico contemporâneo, o filósofo tem como horizonte a resolução do problema mais importante da tradição, que consiste em mostrar a verdade do ser.

A correta investigação da questão-do-ser na qual o tempo é o seu fio-condutor só é possível de se dar no horizonte da fenomenologia. A ontologia questiona o ser-do-ente para explicá-lo a partir dele mesmo, sem que com isso o esclareça e o defina enquanto tal. Todavia, a metodologia investigativa das ontologias continua insatisfatória como ferramenta de perscrutação da questão diretriz da filosofia, não oferecendo um nítido entendimento do ser aos pensadores da tradição que se pretende ultrapassar. Sendo assim, confiar às ontologias o *status* de guardiães da recordação do ser-do-ente é um erro cometido pela tradição e corrigido por Martin Heidegger; destarte, essa desmistificação da ontologia só é possível alcançar com a fenomenologia. O pensador traz a lembrança da questão-do-ser com as suas palavras:

Por em relevo o ser-do-ente e explicar o ser ele mesmo é tarefa da ontologia. Mas o método da ontologia permanece problemático em sumo grau, enquanto se queira como que pedir conselho a algo assim como às ontologias historicamente transmitidas ou às tentativas do gênero. Como nesta investigação o termo “ontologia” é empregado em sentido formalmente amplo, fica por si mesmo interdito o caminho que consistiria em seguir a história do termo, para elucidar-lhe o método (HEIDEGGER, 2014, p.99).

Sendo vedado à filosofia o acesso à questão-do-ser através da história da ontologia, Heidegger enfatiza a utilização do método fenomenológico como forma de possibilitar uma melhor compreensão do ser-do-ente, oferecendo a este o tratamento totalizante do qual necessita para o seu desvelamento: “Com a pergunta diretora pelo sentido do ser, a investigação se põe frente à pergunta fundamental da filosofia em geral. O modo de tratamento dessa pergunta é o fenomenológico” (HEIDEGGER, 2014, p. 101). Utilizando a fenomenologia como um método investigativo da questão-do-ser, Heidegger vai desvelando a essência da filosofia, descrevendo o conteúdo-de-coisa do trabalho dos filósofos e fazendo com que estes encontrem horizontes de sentido para a sua reflexão.

O mundo habitado pelo *Dasein* é o espaço onde a sua existência acontece e a sua essência se realiza. A essencialidade que se desvela na ontologia heideggeriana repercute na contemporaneidade como sendo o solo sobre o qual o ser se diferencia dos entes dados. Edificando com base na diferença ontológica uma nova construção para o pensamento metafísico, Heidegger está ouvindo a voz do ser ao transmitir o que foi dito pela tradição acerca dele, realizando a exposição da verdade do ser como maneira de poder representar o reinício originário do pensar filosofante. Em poucas palavras, o autor traz às claras as definições iniciais de filosofia e a partir do seu diálogo com elas outra vez as faz brilhar, indo ao encontro daquilo que pretende abraçar com a sua conferência, isto é, a essência do filosofar.

Mergulhando com profundidade na filosofia, intencionando responder a pergunta que norteia a conferência aqui pensada, Heidegger esclarece não somente a via pela qual seguirá para isto e as razões de fazer isso, mas também demonstrará que o caminho escolhido por ele assegura que se pense o filosofar em seu âmbito próprio e originário. Aquilo que concerne à filosofia é típico da natureza humana e por isso é um trabalho filosófico pensá-la em direção da sua essência. Não obstante, procurar pelo que há de essencial na filosofia significa, no pensamento heideggeriano, caminhar em uma busca que conduz ao ser-do-ente. Em poucas palavras, a afetação proporcionada pela prática filosófica abre um caminho através do qual se faz possível pensar com propriedade a respeito do ser.

A questão-do-ser, na perspectiva heideggeriana, é retomada para que possibilite uma marcha desimpedida das ciências em direção ao que no ente está

oculto e para poder retirar os encobrimentos que sobre a ontologia cumprem o papel de impedir-lhe a percepção do que devia perscrutar, facilitando, através da filosofia, o acesso reflexivo ao ser-do-ente enquanto tal.

Por isso, a questão-do-ser tem por meta não só uma condição *a priori* da possibilidade não só das ciências que pesquisam o ente como tal e nisso já se movem cada vez em um entendimento-do-ser, mas também a condição da possibilidade das ontologias, as quais elas mesmas precedem as ciências ônticas e as fundamentam (HEIDEGGER, 2014, p. 57).

Considerando a precedência do plano ontológico em relação ao domínio ôntico, o filósofo está enfatizando que a questão-do-ser é o espaço aberto no qual o pensamento filosófico precisa atirar-se para poder compreender a sua essência com mais abrangência, não agindo como mais uma ciência entificadora do próprio ser ao limitá-lo com um nome, mas atuando de maneira originária sem nomear o inominável. Pensar o ser a partir do *logos* não é nomeá-lo, pois o *logos* é o que nomeia as coisas: sendo aquilo que nomeia, o *logos* não se pode nomear. Procedendo desta forma, a filosofia não apenas traz outra vez uma tradição imemorial que se debruça sobre aquilo que do ser é possível compreender, mas concede ao mesmo tempo à questão-do-ser a transparência que lhe faltava quando a retoma com suficiência e a coloca em primeiro plano, em um horizonte de compreensão fenomenológico.

A linguagem que vela o ser o desvela também. A definição da essência da filosofia traz consigo a carga histórica da questão-do-ser e a dimensiona na esfera temporal, proporcionando à tradição do pensamento Ocidental um novo fio-condutor que lhe assegure ter um meio de acesso ao ser-do-ente. Sabe-se que a filosofia heideggeriana, em *Ser e Tempo*, está em busca de responder a questão-do-ser. Na conferência elencada para ser o cerne desta tessitura, o autor questiona o essencial da filosofia e recoloca a questão-diretriz com a resposta a essa pergunta, aproximando-se hermeneuticamente do horizonte da diferença entre ser e ente e concebendo uma maneira originária de pensar a essência do filosofar. Com a tentativa de definir a atividade essencial do pensamento, Heidegger esboça os traços de um pensar originário que satisfaça a questão-do-ser.

A antiguidade que envolve a palavra filosofia desvela por si mesma uma

vereda de reflexão estendida diante do homem: caminhar por esta senda é aquilo que Heidegger busca com a sua preleção. Pensar a filosofia em seu sentido essencial significa refletir sobre essa questão com fundamentos no dizer originário da palavra proferida em seu passado. Perscrutando o pretérito da filosofia e em diálogo com este se pode obter uma chave de abertura do caminho que conduz ao seu futuro. Heidegger em sua conferência está mostrando aos pensadores uma maneira originária de seguirem filosofando. Com essa demonstração, o autor da preleção se dirige não só à essência da filosofia, mas com a pergunta por esta se encaminha à reposição da questão-do-ser.

A necessidade de uma repetição da pergunta foi até agora motivada, de um lado, por sua origem venerável, mas sobretudo porque lhe falta uma resposta determinada e mesmo porque não há uma formulação da pergunta que seja em geral satisfatória (HEIDEGGER, 2014, p. 51).

Determinar a direção de compreensão a ser alcançada sobre a questão-diretriz não é um projeto muito recente no pensamento filosofante. Heidegger está repetindo a pergunta em questão pelo fato de que até então este questionamento não foi respondido nem feito pelos filósofos de forma suficiente. A questão-do-ser necessita ser refeita pelo fato de que é preciso determinar uma solução para este problema, cuja importância foi omitida no pensar filosofante: ao questionar a essência da filosofia, Heidegger está reformulando a questão-do-ser no pensamento Ocidental.

Perguntar pelo ser-do-ente e perguntar pela filosofia são sempre uma mesma pergunta: a essência da filosofia é sair em busca do ser-do-ente a partir da questão-do-ser. Conforme Newton Von Zuben (2011) ressalta, uma resposta à questão-diretriz só se faz possível partindo de dentro da filosofia, desde que se tenha por base investigativa o ente privilegiado que a si próprio se questiona a respeito do ser, aquele ente que acontece como existência: este ente, para Martin Heidegger, é o *Dasein*, aquele e somente aquele que pode resolver a problemática central do pensamento<sup>18</sup>.

---

<sup>18</sup> Para responder a questão-diretriz é necessário procurar pela resposta na essência do pensar. O essencial do pensamento consiste em perscrutar o ser-do-ente para extrair seu sentido e verdade. O *Dasein* é o ente que possui o privilégio de fazer o ser se manifestar: por isso a ontologia necessita do ser

Interrogar a filosofia enquanto ela mesma possibilita que se responda com suficiência a questão-do-ser e uma vez que tal resposta só pode ser oferecida pela própria filosofia, é ouvindo o ser-do-ente que se pode alcançar o essencial do filosofar para assim, ao homem, ser concedida a prerrogativa de não só poder ouvir o ser-do-ente, mas também de questioná-lo e com isso, oferecer uma resposta satisfatória à questão diretriz do pensar.

A questão-do-ser constitui o problema central do pensamento filosófico, sendo esta responsável pela inteligibilidade do ser-do-ente, que por sua vez só é possível através da instauração da diferença crucial entre ôntico e ontológico, a qual permitirá uma possível solução da problemática do ser na filosofia. Partindo desta distinção, o ser não será visto por Martin Heidegger como apenas mais um ente no meio de muitos, tal qual foi enxergado pelos filósofos precedentes; ao contrário, o filósofo tratará o ser como sendo distinto do ente, resgatando a questão-do-ser do esquecimento, e procurando oferecer uma resposta apropriada para a questão.

Parando para pensar sobre as ontologias e as suas visões de mundo a respeito do ser, Heidegger menciona, em sua preleção, a dominação estabelecida pelos pensadores que vieram depois dos helenos sobre o que há essencial da filosofia, cuja origem procede dos gregos: para o autor, a Idade Média é a mediadora da hegemonia das interpretações posteriores aos filósofos originários em relação ao conceito de ser, de modo que o cristianismo vem a ser, nesse período, um representante e dirigente do essencial da filosofia. Diz o filósofo em sua preleção:

A essência originariamente grega da filosofia é dirigida e dominada, na época da sua vigência na Modernidade Europeia, por representações do cristianismo. A hegemonia destas representações é mediada pela Idade Média (HEIDEGGER, 1973, p. 212).

---

humano. Nas palavras do referido comentador: "A resposta à questão-do-ser somente poderá ser buscada a partir da análise do ente ao qual, por sua própria essência, compete a compreensão do ser. Esse ente entre todos privilegiado é o homem, "pastor do ser", "clareira" onde o ser se manifesta. A abordagem da questão ontológica só é possível, com efeito, a partir da consideração do ente que indaga sobre o ser" (ZUBEN, 2011, p. 88). O *Dasein* pode responder a questão-do-ser, posto que, ele é o único ente que pode fazê-la e visto que, apenas ele pode questionar o ser, sendo por essa razão o responsável pela reposição da questão-diretriz no horizonte da tradição.

Como se faz visível, os filósofos medievais foram situados pela história da filosofia entre o tratamento da questão-do-ser pelos antigos e o esquecimento dessa problemática pelos modernos: um dos papéis da filosofia medieval, pois, na contemporaneidade, é não só o de apresentar a questão fundamental do pensamento como feita de maneira originária entre os antigos, mas é também o de esclarecer como foi dado o esquecimento do ser na filosofia moderna. Em poucas palavras, sem os filósofos medievais, resgatar o problema central da filosofia do esquecimento no qual foi posto pela tradição e retomar essa discussão essencial pela questão-diretriz do pensamento filosófico, não seria algo possível sem que houvesse a ontologia.

A indeterminação mencionada por Heidegger em *Que é isto – a Filosofia?*, responsável pela possibilidade do tratamento múltiplo dado ao pensar por diversos pontos de vista, é a mesma responsável pela perda de concentração quanto àquilo que diz respeito à problemática do ser no pensamento filosófico. A formação de opiniões a respeito do ser pelos filósofos, mesmo os levando a considerar com alguma propriedade esse problema fundamental, acabou por levá-los a omitir a questão-do-ser na filosofia, pois estes o consideraram como sendo universal, indeterminado e auto-evidente, ao passo que por tais razões, Heidegger retomará a questão-do-ser – diferente dos pensadores omissos que pelas suas conclusões abandonaram essa questão, ao considerá-la por si mesma respondida. Em *Ser e Tempo*, quando o filósofo trata da indeterminabilidade do ser como sendo um dos momentos estruturais da reflexão em torno deste, o mesmo também está retomando a investigação a respeito do ser, afirmando que pelo fato de o ser ter sido considerado como indeterminado pela tradição, esta seria uma das razões que motivaria uma nova colocação dessa problemática na esfera filosófica.

O crescente florescimento das ciências provenientes do processo da filosofia no solo europeu fez com que a omissão da questão-do-ser se amplificasse entre os pensadores. A exclusividade oferecida pela ciência ao entendimento dos entes gerou uma maior negligência para com a essência da filosofia, em função disso provocando limitações de compreensão sobre o próprio ser.

Ser é cada vez o ser de um ente. O todo do ente pode se tornar o campo em que se põem-em-liberdade e se delimitam

determinados domínios-de-coisa, segundo seus diversos âmbitos. Domínios-de-coisa que de sua parte, por exemplo, história, natureza, espaço, vida, *Dasein*, linguagem, etc. podem ser tematizados como objetos (*Gegenständen*) das correspondentes investigações científicas. A pesquisa científica efetua, ingênua e toscamente, a demarcação e primeira fixação dos domínios-de-coisa (HEIDEGGER, 2014, p. 51).

O fato das ciências priorizarem muito mais a especificidade das coisas do que a sua totalidade proporcionou ao pensamento filosófico uma falta de perspectiva direcionada à investigação do ser. A própria atividade dos pensadores entificou o essencial da reflexão filosófica que, em conexão com a pesquisa científica, condicionou-se a pensar o ser sem profundidade, objetificando-o e o nivelando na dimensão dos próprios entes. Em razão dessa falta de perspectiva, Heidegger procura delimitar a problemática do ser em uma esfera que a este é pertencente, libertando a discussão a respeito deste dos domínios-de-coisa e conduzindo-a em direção à essência da filosofia, cujo horizonte é aberto à totalidade de um novo começo.

Os filósofos modernos, criticados por Heidegger pela sua omissão em relação à questão-do-ser, são vistos na história do pensamento como responsáveis pela fragmentação do ser, pois as ciências que surgiram nesse período ocasionaram uma completa dispersão no que diz respeito à questão-do-ser na filosofia – ciências estas que por sua vez, foram também encabeçadas, estruturadas e desenvolvidas por filósofos. O atual entendimento distorcido do conceito de epistemologia, cuja origem também foi dada ao presente a partir dos gregos, estabeleceu com as ciências uma relação de distanciamento do problema essencial perseguido por estas, afastando a filosofia do seu solo originário, fazendo desta uma limitação cerceada por entes distintos e que em nada desvelava o ser-do-ente: para acabar com este desterro, Martin Heidegger se apropria dos pensadores originários e os faz com que expressem a voz do ser, escutando esta para daí retomar a problemática essencial das ontologias, e assim reestruturar a questão-do-ser sobre o solo da filosofia.

## **5.1 QUESTIONAR A FILOSOFIA: UMA PERGUNTA PELO SENTIDO E VERDADE DO SER**

A crítica feita por Heidegger às ontologias hegemônicas dá-se no âmbito de que estas estavam sem posse de um fio-condutor que as levasse em direção do

questionar essencial que lhes fosse próprio. As tendências ontológicas vigentes, conforme o pensador as interpreta, estavam muito distanciadas de um caminho através do qual fosse possível alcançar uma compreensão do ser. Assim vem o autor a ressaltar: “O perguntar ontológico é, sem dúvida, mais originário do que o perguntar ôntico das ciências positivas. Ele permanece, todavia, ingênuo e não transparente, se suas pesquisas pelo ser-do-ente deixam de discutir o sentido de ser em geral” (HEIDEGGER, 2014, p. 57). Em função dessa realidade, Heidegger enfatiza a necessidade de retomada da questão-do-ser na filosofia e faz isso, com a sua conferência, ao buscar uma definição que possa determinar a essência do trabalho dos filósofos, pois ao atingir essa compreensão, o pensador pode chegar onde deseja, isto é, na discussão temática do ser.

Na conferência heideggeriana, a questão-do-ser mostra o caminho de acesso à essência da filosofia, pois somente na tentativa de respondê-la é que o *Dasein* se relaciona com o ser-do-ente. Se ancorar no *logos* para poder abarcar o ser: assim o pensamento de Martin Heidegger filosofa. O recolhimento do ser no *logos* abre a conversação entre o ente e a entidade. A existência do *Dasein* vai constituindo o seu próprio ser, que se manifesta ao se dispor sobre a linguagem, para assim a metafísica reconquistar o seu solo originário e retomar o seu problema principal, a saber, a resolução da questão-do-ser. A problemática do ser encerra em si o mais complexo dos temas filosóficos, aquele que reluz no resplendor originário, o ser pensado como sendo distinto do ente e o *Dasein* compreendido como um-ser-para-o-ser.

A fenomenologia enquanto método analítico de investigação da questão-do-ser não nomeia este, muito menos o avalia como se fosse um objeto, mas apresenta uma maneira de tratar o ser como ele mesmo apresenta a si, desvelando aos pensadores no que consiste a sua tarefa e a que esta se destina. Para Heidegger, abordar o ser-do-ente sem nomeá-lo, recorrendo a pensar este como um fenômeno, é o caminho de encontrar a resposta concreta possível da filosofia à questão-do-ser.

“Fenomenologia” não nomeia o objeto de suas premissas, nem caracteriza seu conteúdo-de-coisa. A palavra somente informa sobre o *como* do mostrar e o modo de tratar *aquilo* de que se deve tratar nessa ciência. Ciência “de” os fenômenos significa: uma apreensão de seus objetos de *tal* maneira que tudo o que esteja em discussão a seu respeito deve ser tratado numa

mostração direta e numa demonstração direta (HEIDEGGER, 2014, p. 119).

O ser-do-ente vela a si mesmo todas as vezes que se desvela, pois sempre se mostra de forma encoberta: o encobrimento no qual este se mostra o faz ficar esquecido sem que se pergunte pelo sentido que lhe é próprio. Sendo assim, “um só existente detém a possibilidade de se interrogar. Este existente é aquele que nós mesmos somos”. (WAELENS, 1954, p.7). Dessa maneira, apenas em relação à escuta do apelo que profere o ser-do-ente é que se pode responder à questão-do-ser com suficiência, pois é ao homem que a mesma corresponde e é a este que a responsabilidade de uma resposta satisfatória à problemática central da filosofia é conferida.

Como um ser que se compreende ontologicamente, o *Dasein* analisa a sua própria constituição, se assenhorando da sua existência ao se relacionar com a sua essência. Na reposição da questão-do-ser a filosofia está diante da sua essência, estabelecendo com o seu cerne uma relação de interação, por meio da qual é facultado ao *Dasein* o privilégio de poder elaborar uma resposta à pergunta central do pensamento filosófico. Em seu acontecer o ser-do-ente está circundado pela linguagem. Envoltos pelo *logos* originário que constrói a sua essencialidade, o desvelamento fenomenológico traz à presença a entidade do ente. Abrindo clareira para a retomada da questão-do-ser, Heidegger apresenta a distinção entre diferença e identidade. A indistinção ontológica entre ser e ente sentenciou o pensamento ocidental a descartar o essencial no esquecimento. Com a diferença ontológica sendo repensada por Martin Heidegger, a filosofia se encaminha em direção ao ser-do-ente.

Caracterizar a questão-do-ser como uma tarefa filosófica a ser feita, exige dos filósofos não somente fixar o ente como algo questionável, mas também solicita aos pensadores que se apropriem de um caminho seguro que os permita o acesso ao ente; para isso é necessário fazer o ente se mostrar por e a partir de si em sua esfera existencial: assim encontra-se a maneira de acessar e de interpretar o ente.

O modo-de-acesso e o modo-de-interpretação devem ser escolhidos de forma que esse ente possa se mostrar em si mesmo a partir de si mesmo. Devem certamente mostrar esse ente como ele é *de pronto e no mais das vezes* em sua mediana *cotidianidade* (HEIDEGGER, 2014, p. 73).

Heidegger dirige-se à filosofia com uma pergunta, questão esta que a interroga a partir dela mesma, mostra o pensamento como aquilo que ele é ao tornar possível o acesso dos pensadores ao ser-do-ente: lidando com a filosofia desse modo, o filósofo analisa a estrutura essencial desta atividade, pondo a mesma em relevo ao fazer a pergunta em questão. Não obstante, a análise feita pelo pensador a respeito da filosofia é provisória, pois este somente apresenta a essência da mesma, fazendo isto não de modo irrevogável: com isso o autor prepara o terreno para que se possa interpretar o essencial de uma forma originária, deixando livre o horizonte interpretativo que se abre à questão-do-ser. A temporalidade será o fio-condutor que dirigirá o sentido do ser ao encontro da sua verdade.

Os nomes insuficientes que foram dados para o ser pelos pensadores, na perspectiva da conferência heideggeriana, serviram somente ao encobrimento da questão diretriz da filosofia. O desserviço que a tradição prestou para elucidar a questão-do-ser foi, para Heidegger, um equívoco imperdoável que motivou o seu pensamento a retomar essa problemática. A suposta clareza e distinção da modernidade para com o ser, tal qual ressaltada por Martin Heidegger, serviu mais à obscuridade e indistinção entre o ser e o ente do que à suficiência da colocação da questão-do-ser na filosofia. Não obstante, os modernos sistemas pretensamente críticos da metafísica que omitiram a temporalidade das suas linhas, foram para o pensador de *Ser e Tempo* um grande motivo de correção em seu pensamento, de modo que só para isso, Heidegger dedicará ao objetivo desse tratado a tarefa de mostrar com suficiência a maneira de fazer a pergunta pelo sentido do ser e seguir a caminho da sua verdade, usando o tempo como fio-condutor de acesso à essência da filosofia.

A analítica da existência desenvolvida por Martin Heidegger não se limita a examinar os caracteres da experiência temporário-factual do ser-do-homem. Assumindo essa postura, o filósofo dirige-se às coisas elas mesmas, analisando de forma direta o desenrolar-se dos fenômenos, para poder realizar uma reflexão ontológica, cujo foco seria o sentido do ser e a sua verdade, sendo esta pensada na perspectiva do desvelamento. O conhecimento fenomenológico de uma dada

realidade, extraído de como esta se manifesta por ela mesma, evidencia a sustentação de tudo aquilo que pode ser dito do mundo.

O método fenomenológico heideggeriano é meio para investigar o ser, cuja utilização consiste em abordá-lo para o seu desvelamento. Escutar o apelo do ser significa, hermeneuticamente, examinar o que foi dito sobre este pela tradição, não somente para realizar a desconstrução destes discursos encobridores do seu sentido, mas também para poder fixar o ser no horizonte da compreensão fenomenológica, no qual este enquanto tal resplandece no seu brilho originário, pondo-se à disponibilidade investigativa dos filósofos, cujas ontologias se focam, em sua exclusividade, naquilo que concerne ao sentido do ser ao extraírem do seu cerne a pureza essencial da sua verdade, desvelando-a do seu encobrimento e a fazendo se abrir, para que não seja esquecido o que ela é, a saber, a essência da filosofia.

O fenômeno do tempo é o solo sobre o qual a questão-do-ser estabelece as suas raízes e, quando bem visto e expresso, desvela o espaço onde se projeta a problemática central das ontologias da tradição. A temporalidade é o fundamento sobre o qual se pode conceber o ser, pois esta faz com que o *logos* o desencubra, tornando este não só visível, mas também determinado em sua verdade e questionado em seu sentido: “só na exposição da problemática da temporalidade pela primeira vez se dá uma resposta concreta à pergunta pelo sentido de ser” (HEIDEGGER, 2014, p. 79). Uma correta apreensão do ser só é possível tendo o tempo como horizonte de perspectiva: sem esta maneira de ver a questão-do-ser é proposta às cegas, de forma supérflua, permanecendo sem resposta e inexpressa na filosofia. Para responder à questão-do-ser com suficiência é necessário, em poucas palavras, interpretar os erros e acertos das ontologias pretéritas, questionando pelo paradeiro do interrogar destas, e tendo o tempo como um fio-condutor originário, fazer uso do ente como ponte que conduz à essência da filosofia.

A fenomenologia heideggeriana para De Waelhens (1954) desvela aquilo que pela tradição foi ocultado, desconstruindo a estrutura das aparências de profundidade das ontologias hegemônicas e trazendo à luz com propriedade a questão-do-ser: para o crítico da obra heideggeriana, a fenomenologia retira da filosofia as construções mal fundadas que falsificam as compreensões sobre o ser e que pesam como um fardo desnecessário para a tradição, o método fenomenológico desvela o que há de

essencial na filosofia<sup>19</sup>. Aproximando os pensadores de um-poder-ser-entendido-por-si-mesmo, do qual estes se distanciaram sem que soubessem lhe dar importância, Heidegger aborda o ser-do-ente com modos e suficiência ao partir da perspectiva fenomenológica, introduzindo os pensadores de maneira consistente ao exercício da filosofia.

O termo “fenomenologia” exprime uma máxima que pode ser assim formulada: “às coisas elas mesmas!”, em oposição a todas as construções que flutuam no ar, aos achados fortuitos, à assunção de conceitos só em aparência demonstrados, às perguntas só aparentemente feitas e que são transmitidas ao longo das gerações como “problemas” (HEIDEGGER, 2014, p. 101).

Ir às coisas em seus conteúdos e lhes retirar as aparências, demonstrando como se dá a essência destas; fundamentar a filosofia de forma concreta, ao questionar com seriedade essa atividade; achar respostas que não sejam por acaso, oferecidas à questão-do-ser com fundamentos filosóficos; problematizar o sentido-do-ser como algo de fato, apontando as limitações da tradição na desenvoltura dessa problemática; explicitar o problema-do-ser com profundidade, o transmitindo em clareza para as gerações futuras; tudo isso é permitido à filosofia que se dirige pelo viés fenomenológico.

Perante o exposto agora se sabe que o ser é o tema central da filosofia, que reside acima de todas as possibilidades atribuíveis aos demais entes enquanto tais, sem que possa por estes vir a ser determinado enquanto tal na totalidade. Depreende-se disto que a forma apropriada e legítima de abordar a questão-do-ser é a fenomenológica, sendo essa abordagem a que pode oferecer um caminho de resposta à pergunta essencial do filosofar. Assim sendo:

---

<sup>19</sup> Na definição oferecida pelo referido comentador crítico, a fenomenologia, “enuncia simplesmente a vontade de excluir da filosofia os conceitos insuficientemente esclarecidos ou mal fundados, as construções gratuitas ou prévias, os falsos problemas que dizem respeito mais aos preconceitos dos pensadores e às disputas de escolas do que à natureza das coisas” (WAELENS, 1954, p. 13). Por meio da fenomenologia se desvela o ser-do-ente, mas para que isso aconteça, é preciso que, através da utilização do método fenomenológico, se realize a destruição das formulações flutuantes e vagas de ser.

Ontologia e fenomenologia não são duas disciplinas diversas que, ao lado de outras, pertencem à filosofia. Ambos os termos caracterizam a filosofia ela mesma, segundo o objeto e segundo o modo-de-tratamento. Filosofia é ontologia fenomenológica universal cujo ponto de partida é a hermenêutica do *Dasein*, a qual, como analítica da existência, fixou a ponta do fio-condutor de todo perguntar filosófico lá de onde ele surge e para onde ele retorna (HEIDEGGER, 2014, p. 129).

Está mais do que nítido como Heidegger se direciona à questão-do-ser e a responde de maneira originária, postulando-a como o caminho essencial pelo qual a filosofia se encaminha em direção ao ser-do-ente e ao seu sentido, bem como à sua verdade e desvelamento essenciais. A filosofia torna-se, assim, uma busca pelo sentido e verdade do ser ele mesmo, cuja essência se manifesta na existência do pensamento dos filósofos. A questão-do-ser, quando pensada na perspectiva heideggeriana, aponta para o caminho que foi trilhado pelos pensadores, mostrando como se deve voltar por ele para chegar ao essencial e originário: se dirigindo para o passado através do presente se chega ao futuro da filosofia. Com esta exposição está claro no que consiste a filosofia para Heidegger, como esta deve tratar a sua própria questão temática e para onde se dirige em seu caminho: a pergunta pelo ser abre a vereda de acesso a ele mesmo.

Para desvelar a verdade do ser, Martin Heidegger dedica a sua vida. A tradição levou o pensamento Ocidental ao declínio ontológico – momento no qual o ser se aprofundou no esquecimento. A ontologia desobstruída abre caminho para repor a questão-do-ser. A metafísica do Ocidente entra no círculo hermenêutico de compreensão do ser com a reviravolta perpetrada sobre a tradição por Martin Heidegger em *Ser e Tempo*. Na dimensão ontológica da existência, o *Dasein* se relaciona com a essência, com a entidade dos entes e do ser enquanto sendo. O *Dasein* está servindo para o pensamento heideggeriano como um horizonte metafísico, no qual pode vir à tona o resplendor originário da ontologia fundamental. Ao tentar responder o que é a filosofia, Heidegger dirige-se à essência desta, para manifestar o desvelamento da questão-do-ser e a reposicionar no pensamento Ocidental.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para dar fechamento ao trabalho que nesta dissertação foi desenvolvido, será mostrado como os conceitos aqui discutidos constituem uma unidade básica, estando estes em simultânea relação de interação no cerne da filosofia de Heidegger. O autor de *Ser e Tempo* apresenta em sua preleção a essência de seu pensamento, cuja constituição é aqui perscrutada e se demonstra como sendo o essencial da visão de mundo desenvolvida ao longo dos anos pelo pensador. As problemáticas elencadas neste texto dissertativo exprimem o cerne do pensamento heideggeriano, pois a partir da discussão em torno delas, é possível dialogar com questões centrais da filosofia de Martin Heidegger.

Para buscar a definição da essência da filosofia, Heidegger vai precisar realizar a tarefa da destruição dos impedimentos que foram lançados pela tradição sobre o conceito do qual trata na conferência que profere. Esse projeto será executado a partir de um retorno ao pensamento originário, do qual foram extraídas as primeiras definições do essencial da filosofia. Quando a tarefa em questão já se encontra realizada, o que dela se retira é a diferença entre o ser e o ente, cuja omissão entificou o essencial da filosofia e conduziu este ao esquecimento.

Após ter efetuado a desconstrução dos obstáculos que impediam o acesso ao essencial do pensamento filosófico, Heidegger aponta a indistinção entre o ser e o ente como o erro mais importante cometido pela tradição. A partir da instauração da diferenciação entre ser e ente, é possível que se resgate a questão-do-ser do esquecimento ao reinseri-la na filosofia. Com a nova colocação da pergunta pelo ser-do-ente na reflexão filosófica, o entendimento da essência dessa atividade se faz possível. A diferença ontológica, cuja retomada é realizada com a efetuação do projeto da destruição, torna-se a maneira de fazer com que o ser seja pensado em um âmbito originário.

A discussão levantada por Heidegger na sua conferência, direcionando-se em busca de um sentido para o conceito de filosofia, mostra o caminho que foi trilhado pelo pensador à procura da essência desta, onde o mesmo passou a pensá-la de maneira originária, tal qual pelos filósofos antigos foi feito, chegando assim a compreender no que consiste o essencial do filosofar. Heidegger em *Que é isto – a*

*Filosofia?* compreende o pensar como sendo uma maneira de acesso ao ser-do-ente quando aqueles que a pensam dão escuta à voz da entidade. Escutar o apelo do ser que foi esquecido pela tradição do pensamento Ocidental é uma forma de compreender o essencial da filosofia e resgatá-lo do encobrimento onde foi velado pelos pensadores.

Para abrir os ouvidos ao apelo proferido pelo ser-do-ente, é preciso dialogar com a tradição, retornando aos filósofos originários, e deles extraíndo o que existe de essencial a respeito do ser. O acesso à entidade do ente acontece com a remoção dos encobrimentos que foram sobrepostos ao ser, na intenção de tornar possível a obtenção de uma correta compreensão do essencial do filosofar. Heidegger chamará esse movimento em *Ser e Tempo* de destruição, afirmando que aquilo “que se deve destruir não é esta ou aquela ontologia, nem mesmo a ontologia praticada até hoje, mas a ontologia como tal, o discurso sobre o ser em geral” (AUBENQUE, 2012, p. 57). Retomando essa tarefa em *Que é isto – a Filosofia?*, inserindo em sua estrutura o conceito de filosofia, para que possa alcançar o entendimento do sentido, verdade e essência do ser, por meio da realização do projeto da destruição, a possibilidade de desvelar a essencialidade do filosofar se viabiliza, de maneira que sem a efetuação dessa tarefa, não é possível depreender no que consiste a filosofia.

A partir da explicitação da diferença ontológica, o esquecimento do ser se faz visível, pois o conceito fundamental ao qual a filosofia se dirige e que foi encoberto pelos filósofos é por Heidegger exposto. Sendo visto como algo distinto do ente, o ser se torna por excelência a questão central da filosofia. A postura assumida pelo filósofo na sua conferência é aquela que demonstra como abordar o tema essencial do pensamento e como este deve ser dito. Para chegar a esse posicionamento em face da filosofia, o filósofo realiza a tarefa da destruição. O método fenomenológico torna-se com isso a maneira de lidar com a questão-do-ser e de desmistificá-la do ocultamento ao qual foi condicionada pela tradição.

Somente retirando o ser do esquecimento é que se pode retomar a questão-do-ser e colocá-la como o que há de essencial na filosofia. Para retirar o ser do seu velamento, o projeto da destruição precisa ser executado e a diferença ontológica necessita ser instaurada, para que só a partir de então o problema central da filosofia seja reconsiderado com propriedade pelos pensadores. A questão-do-ser, quando vista

por Heidegger como um caminho que conduz o pensamento à sua essência, é por este pensada como sendo inseparável do exercício filosófico, sendo esta a verdadeira execução deste exercício. O ser-do-ente é o sentido para o qual a filosofia se encaminha, de maneira que extraíndo este sentido a partir da escuta do *logos*, emitido pelos filósofos primordiais da tradição, a possibilidade de resposta a essa pergunta se torna possível. Conforme Gianni Vattimo (1989) ressalta, a entidade se encaminha ao sentido do ser através do pensar que, tendo a temporalidade como fio-condutor para a retomada da questão-diretriz da filosofia, estabelece uma conversação com a essência do pensamento<sup>20</sup>. Essa questão só pode ser retomada, todavia, a partir do momento em que o ser é retirado do esquecimento pelo projeto da destruição, que possibilita o advento da diferença ontológica, responsável pelo estabelecimento da distinção entre ser e ente, através da qual se pode pensar o ser ele mesmo sem considerá-lo como mais um objeto. A filosofia originária procede nessa investigação se dirigindo ao ser-do-ente, diferente dos filósofos que levaram o ser ao esquecimento, estes pensadores apresentam um meio de filosofar sem obstruções, conduzindo a perspectiva filosófica de Heidegger por uma vereda de compreensão essencial em relação à maneira de ser do pensar filosófico.

O tratado escrito por Heidegger em 1927 propõe como objetivo a colocação da questão-do-ser com suficiência, discorrendo sobre os equívocos dos filósofos quanto àquilo que diz respeito à formulação da questão-do-ser. Segundo o filósofo, estes pensadores não trataram da pergunta diretora da filosofia de maneira satisfatória, estabelecendo preconceitos em torno do ser ao fazer dele mais um ente, indeterminado, universal e auto-evidente, sobre a qual nada era preciso dizer. Em busca de corrigir esse erro reproduzido pelos pensadores através dos séculos, o pensador de *Que é isto – a Filosofia?* vai dizer o contrário daquilo que eles disseram,

---

<sup>20</sup> Nas palavras do comentador supramencionado, o retorno ao pensamento originário proposto por Heidegger em *Ser e Tempo* e em *Que é isto – a Filosofia?* é necessário para repor a questão-do-ser no filosofar em razão de que no início do pensar Ocidental essa questão estava sendo discutida pelos pensadores da alvorada: “O sentido do ser que *Sein und Zeit* busca e ao qual, em certa medida, alcança, deve endenter-se sobretudo como uma direção na qual o ser-aí e o ente se encontram encaminhados, em um movimento que os conduz não à uma base estável, mas sim a uma deslocação permanente ulterior, na qual se encontram despossuídos e privados de todo o centro” (VATTIMO, 1989, p. 51). O tempo conduz a questão-do-ser para que se possa realizar o desvelamento de seu sentido e de sua verdade na filosofia pensada por Heidegger.

ênfatizando que se o ser fosse de fato indeterminado, universal e auto-evidente, este deveria não apenas ser discutido e questionado, mas também evidenciado pelo viés fenomenológico.

Desconstruindo a superficialidade com a qual a tradição abordou a questão-do-ser, utilizando a fenomenologia para que possa desvelar o essencial dessa questão, Heidegger faz a filosofia se movimentar como no princípio, na qual esta consistia em uma forma de tentar compreender o ser-do-ente. Para que se chegue à compreensão que se busca em relação à filosofia, Heidegger exprime a necessidade de uma investigação originária, cujo sentido se encontra em desvelar a verdade do ser. Para realizar esse inquérito filosófico sobre o cerne do pensar filosofante, o pensador entrará em um processo de debate com aqueles que pensaram o ser ele mesmo, vislumbrando ter ao alcance do seu pensamento as chaves certas de abertura da compreensão do ser-do-ente, para com elas mostrar o caminho pelo qual deve marchar a filosofia em direção da sua essência.

Com o desvelamento da verdade do ser que por milênios foi esquecida pela tradição, através da destruição fenomenológica torna-se possível compreender o essencial da filosofia. Ao tratar o ser-do-ente como ele mesmo, a partir de um olhar fenomenológico, a filosofia está focando no que lhe compete, executando enquanto tarefa a correspondência ao ser-do-ente. Questionando o ser na dimensão da diferença ontológica, o pensamento filosófico efetua o seu projeto, pois este emerge por consequência da distinção entre ser e ente, encaminhando-se na direção do sentido e verdade do ser. Logo, sem que haja essa discussão investigativa em torno do ser, sendo esta realizada tendo o ente como ponto de partida, não pode haver a filosofia em sua essência.

Dando acessibilidade ao que nas coisas estava oculto, o pensamento filosófico veio a ser o que buscava desvelar o ser-do-ente, procurando responder a questão-do-ser, não permitindo que novamente se lançasse esse problema no esquecimento. A destruição que possibilita o entendimento da diferença ontológica faz com que se entenda a tradição de maneira hermenêutica, sem que as opiniões formuladas pelos pensadores a respeito do ser sejam sobrevalorizadas. Com essa forma de compreender a tradição, Heidegger apresenta uma nova maneira de poder enxergar a questão-do-ser, tratando-a como algo a ser pensado na perspectiva de um reinício originário, na

qual o ser-do-ente será visto como o fito para o qual se encaminha o pensamento filosófico.

Revestindo a filosofia com uma nova maneira de ser oriunda dos pensadores primordiais da tradição e reformulada para os dias atuais, Heidegger procura estruturar a questão-do-ser tendo por base a necessidade e precedência dessa questão, sem omitir o que foi dito a respeito dela, para que possa satisfazer a busca na qual investe o pensamento filosófico, procura esta que visa uma perscrutação e desvelamento do ser-do-ente. A forma de pensar heideggeriana apresenta para os filósofos uma revisão do que por eles foi pensado ao longo do tempo, para que disso resulte uma nova filosofia sem omissão da questão temática a qual deve buscar por responder. Responder a questão-do-ser com suficiência significa, para Heidegger, abordá-la de forma direta quanto a sua própria essência, perscrutando-a até o seu desvelamento ao trabalhar com a fenomenologia.

O esquecimento da questão-do-ser pela tradição resultou em uma barreira cuja superação caberia à filosofia realizar. Heidegger em *Que é isto – a Filosofia?* realiza essa tarefa quando postula que a partir da escuta do apelo proferido pelo ser-do-ente se pode resolver, de um modo filosofante o problema-do-ser na filosofia. Partindo da reflexão elaborada ao redor dos conceitos que foram pensados pelos filósofos, Heidegger define a filosofia a partir dela própria, mostrando como esta é realizada por ela mesma, para em seguida desvelar a sua essência, dirigindo-se por essa via ao ser-do-ente enquanto tal. Seguindo por este caminho, o pensador explicita a maneira de ser e proceder da filosofia, cujos atributos consistem no desvelamento fenomenológico do ser-do-ente, desconstrução do ocultamento deste, colocação do seu problema no horizonte da diferença ontológica e retomada essencial desta questão na intenção de respondê-la com distinção, retirando-a do esquecimento.

Com a realização da destruição das obstruções encobridoras da questão-do-ser, esta pode ser retomada tendo por base a diferenciação entre ôntico e ontológico, cuja abordagem fenomenológica é feita por Heidegger em *Ser e Tempo*. Em sua preleção, retirando os encobrimentos que velaram o essencial do pensamento filosófico, e estabelecendo, por conseguinte, a diferença entre ente e ser ao explicitar a distinção entre pensar e poetar, Heidegger restitui a questão-do-ser na filosofia, questionando no que consiste o essencial do filosofar. Como é possível perceber, a

filosofia heideggeriana se estrutura de forma unitária, tendo todos os seus conceitos fundamentais unificados por um fio-condutor, cuja base fundamenta-se na estrutura e na colocação satisfatória da questão-do-ser no pensamento filosófico.

## REFERÊNCIAS

Obras citadas:

- AUBENQUE, P. *Desconstruir a Metafísica?* Tradução: Aldo Vanucci. São Paulo. Ed. Loyola. 2012.
- CASTRO, M. A. *Fundar e Fundamentar*. In: *Pensamento no Brasil: Emmanuel Carneiro Leão*. Rio de Janeiro: Hexis Editora, 2010.
- ESCOUBAS, E. “*Mythos, logos, epos son la palabra*”: (*Heidegger*). Trad. Jan Clefferson Costa de Freitas. In: *Areté Revista de Filosofia*, Vol. XXI, nº 2. 2009.
- ESCUADERO, J. A. *Heidegger y la genealogia de la pregunta por el ser: una articulación temática de su obra temprana*. Trad. Jan Clefferson Costa de Freitas. Barcelona: Herder, 2010.
- FERREIRA, A. M. C. *A Linguagem Originária*. Salvador: Quarteto Editora, 2007.
- FRANCK, D. *Heidegger e o Problema do Espaço*. Trad. João Paz. Col. Pensamento e Filosofia. Lisboa: Instituto Piaget, 1986.
- HEIDEGGER M. *Que é Isto – a Filosofia?* In: *Os pensadores*. São Paulo: Victor Civita, 1973.
- \_\_\_\_\_. *Ser e Tempo*. Trad. Fausto Castilho. São Paulo: Unicamp, 2014b.
- NELICKAPPILLY, S. *Martin Heidegger: The Question of Being*. In: *Aspects of Western Philosophy*. Trad. Jan Clefferson Costa de Freitas. ITT, Madras: 2015.
- QUINTÃO, D. *O Logos em Aristóteles*. In: *Pensamento no Brasil: Emmanuel Carneiro Leão*. Rio de Janeiro: Hexis Editora, 2010.
- SANTORO, F., FOGEL, G. et al. *Pensamento no Brasil: Emmanuel Carneiro Leão*. Rio de Janeiro: Hexis Editora, 2010.
- SCHUBACK, M. S. C. *Pensar, Esboçar – entre Filosofia, Literatura e Arte*. In: *Pensamento no Brasil: Emmanuel Carneiro Leão*. Rio de Janeiro: Hexis Editora, 2010.
- SOMMER, Christian. *L'Événement de la Question: Pratique et Rhétorique du Questionnement chez Heidegger*. In: COURTINE, J. F. (Ed.). *L'Introduction a la Métaphysique de Heidegger*. Trad. Jan Clefferson Costa de Freitas. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin. Col. Études et Commentaires. 2007.
- STEIN, E. *Diferença e Metafísica: Ensaios sobre a Desconstrução*. Col. Filosofia. Vol. 114. Porto Alegre: EDPURCS, 2000.

VATTIMO, G. *Más allá del sujeto: Nietzsche, Heidegger y la Hermenéutica*. Trad. Jan Clefferson Costa de Freitas. Barcelona: Paidós, 1989.

WAELEHENS A. *La Philosophie de Martin Heidegger*. Trad. Jan Clefferson Costa de Freitas. Louvain, Bélgica: Publications Universitaires de Louvain, 1954.

ZIMMERMAN, M. Z. *Confronto de Heidegger com a Modernidade: Tecnologia, Política, Arte*. Trad. João Sousa Ramos. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

ZUBEN, N. A. von. *A Fenomenologia como Retorno à Ontologia em Martin Heidegger*. In *Trans/Form/Ação*, v. 34, n. 2, p. 71-102. Marília: 2011.

Obras consultadas:

CASANOVA, M. A. *A Eternidade Frágil: Ensaio de Temporalidade na Arte*. Rio de Janeiro: Via Verita, 2013.

\_\_\_\_\_. *Compreender Heidegger*. 3 ed. Petrópolis. Ed. Vozes. 2012.

\_\_\_\_\_. *Nada a Caminho: Impessoalidade, Niilismo e Técnica na obra de Martin Heidegger*. Rio de Janeiro: Forense, 2006.

COURTINE, J. F. (Ed.). *L'Introduction a la Métaphysique de Heidegger*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin. Col. Études et Commentaires. 2007.

CUMMING, R. D. *Phenomenology and Deconstruction: The Dream is Over*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

DANTAS, Maria Luzia. *Caminho e círculo no pensamento de Martin Heidegger*. Lorena: Santa Teresa, 2006.

DEELY, J. N. *The Tradition via Heidegger: An Essay on the Meaning of Being in the Philosophy of Martin Heidegger*. The Hague: Martinus Nijhoff, 1971.

DUBOIS, C. *Heidegger: Introdução a uma leitura*. Trad. Bernardo Barros Coelho de Oliveira. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2004.

DUIJS, R. A. *Raising the Question of Being: A Unification and Critique of the Philosophy of Martin Heidegger*. London: University of London, 2005.

GADAMAER, H. G. *Hermenêutica em Retrospectiva*. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_. *Verdade e Método: Traços Fundamentais de uma Hermenêutica Filosófica*. Trad. Flávio Paulo Meurer. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

- GELVEN, M. *A Commentary on Heidegger's Being and Time*. New York: Harper, 1970.
- HEIDEGGER, M. *Being and Time*. Trad. John Maxquarrie e Edward Robinson. Oxford: Blackwell, 1962.
- \_\_\_\_\_. *Ensaaios e Conferências*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Márcia Sá Cavalcante Schüback. Petrópolis: Vozes, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Être et Temps*. Trad. Emmanuel Martineau. Paris: Authentica, 1958.
- \_\_\_\_\_. *Os Conceitos Fundamentais da metafísica: mundo, finitude e solidão*. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Ser e Verdade*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Sobre a Questão do Pensamento*. Trad. Ernildo Stein. Petrópolis: Vozes, 2009.
- INWOOD, M. *Dicionário Heidegger*. Trad. Luísa Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- KAELIN, E. F. *Heidegger's Being and Time: A Reading for Readers*. Tallahassee: University Press of Florida, 1998.
- KAHLMAYER-MERTENS, R. S. *10 Lições sobre Heidegger*. São Paulo. Ed. Vozes. 2015.
- KIESEL, T. *The Genesis of Heidegger's Being and Time*. Berkeley: California UP, 1993.
- KING, M. *A guide to Heidegger's Being and Time*. Albany: SUNY Press, 2001.
- LEÃO, E. C. *Aprendendo a Pensar*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Os Pensadores Originários*. Petrópolis: Vozes, 1990.
- LOPARIC, Z. Heidegger. Coleção Passo a Passo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- MACOMBER, W. B. *The Anatomy of Disillusion: Martin Heidegger's Notion of Truth*. Evanston: Northwestern UP, 1967.
- MARX, W. *Heidegger and the Tradition*. Trad. Theodore Kiesel e Murray Greene. Evanston: Northwestern UP, 1971.
- NUNES, B. *A Passagem para o Poético*. São Paulo: Ática, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Heidegger e Ser e Tempo*. Coleção Passo a Passo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- PÖGGELER, O. *A Via do Pensamento de Martin Heidegger*. Tradução: Jorge Telles de Menezes. Lisboa: Instituto Piaget. 2001.

- RORTY, R. *Ensaio sobre Heidegger e Outros*. Trad. Eugenia Antunes. Col. Pensamento e Filosofia. 2 v. Lisboa: Instituto Piaget, 1991.
- SAFRANSKI, R. *Heidegger: Um mestre da Alemanha entre o bem e o mal*. Trad. LyaLuft. São Paulo: Geração Editorial, 2000.
- SEIDEL, G. J. *Martin Heidegger and the Pre-socratics*. Nebraska: University of Nebraska Press, 1964.
- SCHÜRMAN, R. *Le Principe d'Anarchie: Heidegger et la Question de l'Agir*. Paris: Editions du Sueil, 1982.
- SHEEHAN, T. *Making Sense of Heidegger: A Paradigm Shift*. Londres: Rowman & Littlefield, 2015.
- STEIN, E. *Seis Estudos sobre Ser e Tempo*. São Paulo: Vozes, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Introdução a Heidegger*. Trad. João Gama. Lisboa: Instituto Piaget. 1996.
- STEINER, G. *Martin Heidegger: with a new introduction*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.
- VATTIMO, G. *O Fim da Modernidade: Nihilismo e Hermenêutica na Cultura Pós-moderna*. Trad. Maria de Fátima Boavida. Barcarena: Editorial Presença, 1987.
- ZARADER, M. *Heidegger e as Palavras de Origem*. Trad. João Duarte. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.